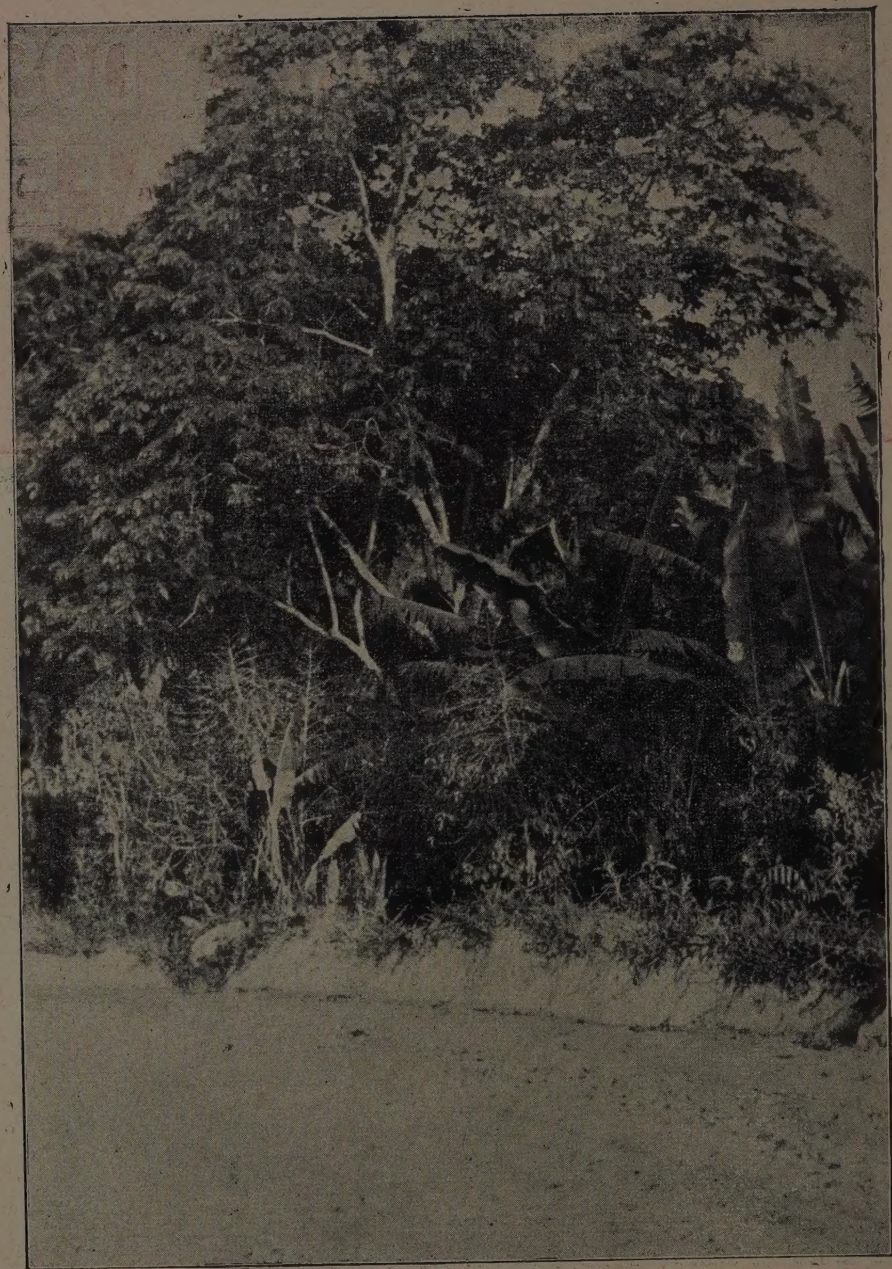
BOLETIM DA

SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

SECRETARIA DA FAZENDA

SÃO PAULO • BRASIL

ANO XXX • JUNHO DE 1955 • N.º 340

Boletim da Superintendência dos Serviços do Café

(Publicado em continuação à "Revista do Instituto do Café")

Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo

Redator-Chefe: J. TESTA

Sêde: Rua 15 de novembro, 111 - 15.º and.

Ano XXX	JUNHO DE 1955	Número 340

Sumário

COLABORAÇÃO:

RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:

ESTATÍSTICAS:

NOSSA CAPA

Secagem do café — Aspecto habitual de nossas fazendas, cafèeiras, no período maio — julho. Ao fundo, várias tulhas secadeiras, que auxiliam nessa etapa da colheita do produto.

Bases de uma política racional para o café

J. Testa

III

B) *SECAGEM E BENEFICIAMENTO*

1) *Colheita no ponto de maturação* — É êste um ponto muito importante no que diz respeito à obtenção de um bom produto, pois sabido é que o café colhido verde ou imperfeitamente maduro dá um produto de bebida inferior, acre, absolutamente intragável. Aliás, é êste um dos maiores argumentos dos partidários do sombreamento, pois, à sombra, amadurecendo irregularmente, vão sendo colhidos, à proporção que amadurecem, sòmente os maduros, o que não acontece com os cafèzais a pleno sol, onde a colheita é uma só, pela derriça, verdes e maduros misturados. Nada impede, todavia, que também nos cafèzais a pleno sol se adote aquela salutar prática, pois a maior despesa corresponderia a obtenção de um produto de qualidade nìtidamente superior. Acreditamos, mesmo, que a adoção de tal prática é indispensável, se quizermos conseguir um produto perfeito, prática essa que, aliás, é seguida em todos os países cafèeiros, à exceção do nosso.

2) *Seca ao sol*

3) *Seca em estufa*

4) *Fermentos*

5) *Despolpamento*

Tão necessários quanto os cuidados com a colheita são os que devem ser dispensados à secagem. Secado em presença da umidade, ou sem a necessária limpeza, o produto fermenta, dando em resultado sabores e odores prejudiciais. Chegam muitos autores a afirmar que muito mais importante que a procedência do café são os processos de preparação, concluindo mesmo alguns que a obtenção de um excelente café, da melhor bebida, nada tem a ver com a região, mas tão sòmente com a colheita, a secagem e o beneficiamento.

É evidente que, prescindindo das irregularidades climáticas, a secagem em estufa pode ser mais precisa e mais uniforme, assegurando um produto padronizado em qualquer circunstância.

Fermentos e enzimas especiais têm sido empregados com êxito, no sentido não só de apressar a *maturação* do café, como também de conferir-lhe mais finura de aroma e de paladar.

E, quanto ao preparo, ao beneficiamento do produto, a fim de que o grão se mantenha íntegro e com a melhor côr e aspecto, numerosos processos de lavagem, fermentação e descascamento vêm sendo empregados e aperfeiçoados por inventores e fabricantes nacionais, alguns com excelente resultado.

6) *Ágios sôbre cafés finos* — Ponto importante, sendo mesmo um dos fatores capitais na conquista e conservação dos mercados e no poder de competição é, evidentemente, o da produção de cafés de alta classe ou pelo menos

de boa qualidade, limpos e expurgados de defeitos, bem preparados, de bom sabor e perfume. Para que, todavia, o lavrador se interesse pelo assunto, mister se torna, como é natural, que uma adequada compensação financeira lhe seja facultada em razão de seu maior esfôrço no preparo de um produto de qualidade. E que compensações lhe têm sido dadas com êsse objetivo? Não muitas, à excepção de algumas facilidades de embarque, nem sempre operantes. Às vezes é mesmo nula a vantagem que pode obter o lavrador com a apresentação de um produto melhor preparado. De qualquer maneira, é patente serem pequenas essas vantagens, à vista da pequeníssima porcentagem de cafés finos apresentados na imensa massa de nossa produção, tendo sido, num dos últimos anos, de 18.000 sacas numa produção de cêrca de 18.000.000!...

É capital êsse problema da produção de cafés finos. Dizer-se que há mercados para todos os tipos não soluciona a questão. Haverá realmente quem possa preferir um mau a um bom produto, pela fôrça do hábito. Mas, essa própria fôrça pode ser encaminhada em sentido contrário e, de qualquer forma, um bom produto acaba se impondo. Haja vista ao fato de que os cafés centro americanos sempre encontraram colocação segura e por melhor preço que os nossos. Quando houve sobras, sempre foram nossas, o que não pode ser explicado apenas pelo fator distância ou pelo efeito psicológico de sermos o maior produtor.

Acresce outro fato: não nos contentamos, no Brasil, com produzir cafés de bebida inferior, em sua maioria. Vamos além, pois permitimos, por efeito de uma legislação defeituosa, que, mediante o singular sistema dos *tipos*, sejam incluídos na mercadoria, fazendo parte do *café*, não sòmente os pretos, verdes e cascas, mas pedras e páus, numa porcentagem estabelecida e legal... É o mesmo que, numa saca de farinha de trigo, fôsse legalmente tolerada a existência de areia ou de terra. Pois bem: fazendo-se um cálculo do pêso dêsses detritos que juntamente com o café enviamos para o exterior, chega-se à conclusão nada edificante de que exportamos cêrca de um milhão de sacas dêsse lixo, pagando frete nos navios e, mais, contribuindo para a superprodução.

Não bastariam, entretanto, sòmente penalidades ou proibições. Necessário se torna que uma campanha de estímulo seja também realizada junto aos produtores, por todos os meios aconselháveis: prêmios, rapidez nos embarques, citações, financiamento, podendo mesmo ser estabelecido que maiores facilidades nesse sentido seriam outorgadas aos produtores dêsses tipos. O preço é, todavia, o maior fator de estímulo e os poderes públicos deveriam assegurar vantagens aos produtores, quando o mercado não as assegurasse. Por mais que sejamos favoráveis à livre iniciativa, tais interferências governamentais se nos afiguram indispensáveis.

C) *ARMAZENAMENTO*

1) *Localização dos armazéns*
2) *Armazenamento misto ou especializado*
3) *Certificado de armazenagem e de classificação*

Para o café, mercadoria pouco perecível, o armazenamento não tem a enorme importância de que se reveste com relação a outros artigos. Exige,

todavia, alguns requisitos: localização adequada dos armazéns, proteção conveniente e outros. Quanto à localização, a rêde de armazéns que possuímos, principalmente no Estado de S. Paulo, é estratégicamente distribuida, apenas sendo de cogitar-se, no caso de novas linhas ferroviárias ou do maior emprêgo de rodovias, do estabelecimento de novas unidades.

Relativamente ao armazenamento misto ou especializado, pensamos que, muito embora seja mais conveniente a especialização, nada impede que, em certos casos, e como cooperação com os serviços de abastecimento, possam ser depositados outros produtos nos armazéns de café.

Já se tem sugerido que aos cafés armazenados seja fornecido um certificado negociável, expedido por entidade competente, e que contenha todos os dados referentes ao artigo, conforme amostra atualizada e certificada. O valor de tal documento, pràticamente correspondente à própria mercadoria, é fácil de avaliar, e grande seria a sua influência sôbre certos aspectos do comércio cafeeiro.

D) *TRANSPORTE*

1) *A ordem do transporte*
2) *O veículo*
3) *As garantias*

Desde que, em virtude de contingenciamento das entradas nos portos, para contrôle do escoamento das safras e consequente estabilização dos preços, se instituiram os embarques e transportes regulamentados, deixou o café de ser mercadoria de livre circulação. Há cêrca de 30 anos isso acontece ininterruptamente, mas ainda hoje se instituem e se discutem modificações, pois os vários portos e as regiões produtoras se beneficiam mais ou menos de tais ou quais determinações e procuram, em consequência, mantê-las ou alterá-las. Isso se vê ainda agora, alternando-se o pôrto do Rio, o de Santos e o de Paranaguá nas suas reclamações e pretenções. Acontece que, às vezes, para que se beneficie o café em geral, certas zonas ou portos são mais ou menos prejudicados, em benefício da coletividade nacional e, embora se procure sempre repartir os ônus e as vantagens da política cafeeira nacional, nem sempre isso tem sido integralmente conseguido. Acontece outras vezes que certas medidas são tomadas forçando um nivelamento para baixo, ou seja procurando criar maiores ônus a uma região ou pôrto que não os tinha a fim de que fiquem equiparados àqueles que por êles já eram atingidos.

Seria, evidentemente, mais natural e mais agradável que o transporte fôsse livre. Mas, isso ocasionaria faltas ou acúmulos nos embarques ou nos estoques, o que muito provàvelmente ocorreria ao inverso do que fôsse necessário, favorecendo apenas o estoquista ou o comprador estrangeiro, em detrimento da produção nacional. Essa ordem é, pois, necessária, pelo menos no atual estágio da política cafeeira. O que ainda se discute é se deve ser geral e uniforme para todo o país ou se deve cingir-se às peculiaridades regionais e às circunstâncias de momento. Essas últimas condições devem impor-se, mas a regulamentação deve ser adaptada, constantemente, à conjuntura, e só os representantes autorizados de cada região geo-econômica pódem, nos devidos momentos, discutir e estabelecer as suas bases.

Isso quanto à ordem de transporte. Relativamente ao veículo — ferroviário ou rodoviário — o assunto não é intrìnsecamente cafeeiro, mas depende das condições gerais do transporte no país. Certamente o transporte ferroviário seria ideal, por exigir muito menores fretes e principalmente por facultar às estradas de ferro, quase tôdas deficitárias, auferir proventos da mais rendosa de suas mercadorias. Mas, num país sem transporte e sem petróleo, onde vemos o paradoxo de linhas regulares de caminhões entre Pôrto Alegre e S. Paulo ou entre S. Paulo e Recife, a mercadoria tem que circular como é possível e, exatamente o café, mercadoria nobre, cara e não deteriorável, é a que pode suportar maiores fretes. Necessário se tornou, em consequência, apesar de anti-econômico, permitir o transporte em caminhões.

Num ou noutro caso, ferroviário ou rodoviário, garantias dever ser dadas ao dono da mercadoria, principalmente contra faltas ou extravio e principalmente contra a substituição de um artigo por outro inferior, o que tem sido constatado em proporções maiores do que seria de esperar-se, muito embora não chegue a comparar-se ao que acontece com outros produtos, principalmente aves ou frutas. Pensamos que a cobertura por um sistema de seguro convenientemente estudado poderia resolver o problema em bases satisfatórias.

E) *COMERCIALIZAÇÃO*

1) *Preços*

2) *Câmbio*

Sempre dependeram um do outro, êsses dois ítens. E agora mais do que nunca. Essa questão dos preços, vital para o produtor, o comerciante e o consumidor, tem constantemente se sobreposto a tôdas as outras, impedindo sejam resolvidas, pois, como é natural, a maioria dos interessados apenas vê o imediatismo das cotações, sem se preocupar com soluções racionais, a longo prazo, às vêzes mais difíceis e penosas. Daí o fato de ter girado a nossa política cafeeira, em quase tôda sua vida, exclusivamente em tôrno do problema dos preços, pouco tempo e atividades sobrando para outros problemas de maior alcance, quais sejam, entre outros, a produção em bases de concorrência e a penetração nos mercados. Daí, também, o fato de serem tão numerosas as sugestões e decisões sôbre o assunto: câmbio livre, câmbio controlado, taxas múltiplas, ágios maiores ou menores, leilões, instruções e regulamentações diversas, manobras em bôlsa e fora dela, retiradas do mercado, financiamentos maiores e menores, regulamentações de entradas nos portos, volume de estoques, etc., etc. Seria ideal se o câmbio fôsse livre e os preços submetidos à lei da oferta e procura. Difícil há de ser, todavia, que se chegue a isso, se é que um dia se possa chegar, mesmo por etapas. São tantas as dificuldades para a adoção do câmbio livre que, mesmo os economistas e financistas que lhe são favoráveis não o podem adotar, quando ascendem a posições administrativas. Três óbices, pelo menos, se apresentam: encarecimento dos artigos de importação (e não apenas dos suntuários, mas de artigos como o trigo, o papel, os combustíveis); dificuldades, para o govêrno, em obter cambiais com que ocorrer aos pagamentos externos a seu cargo; novo estímulo à inflação, pelo encarecimento, no mercado interno, de vários produtos, principalmente o próprio café.

Tem-se falado em um "dumping". Não temos estoques nem capacidade financeira para realizá-lo. Ademais, o simples fato de forçar os preços não

cria, necessàriamente, compradores. Nós mesmos, em certo tempo, recusámos comprar gasolina e trigo mais baratos, por motivos especiais. Pode haver acôrdos internacionais ou conveniências de vária espécie que se sobreponham ao simplismo do "dumping".

Temos, sôbre o assunto, uma opinião que vimos sempre preconizando, e que temos visto adotada, nos últimos tempos: a do preço *adequado*, têrmo que empregamos exatamente para situar a questão no devido lugar, visto que é melindroso falar em preços *altos* ou *baixos*, em café *barato* ou *caro*. Preço adequado, em nosso entender, seria o que proporcionasse ao produtor e ao comerciante um lucro razoável e ao consumidor uma cotação conveniente, não exagerada. Não é impossível de se obter: bem racionalizada a cultura cafeeira, produzindo o cafeeiro o máximo por unidade de área, produto bom, com financiamento conveniente e transporte fácil, êle fica ao produtor por um preço que permite a venda com lucro, sem preços exagerados. Se o comerciante, obtendo-o nessas favoráveis condições, se contentar igualmente com lucros moderados e se o consumidor, por sua vez, compreendendo as circunstâncias momentâneas que possam advir, como por exemplo desfavoráveis fenômenos atmosféricos, se mostre capaz de pagar o justo preço, o problema não é insolúvel. A base de tudo isso é, como se vê, uma produção em favoráveis condições. Eis porque, insistimos, o problema tem de ser atacado em seu conjunto.

3) *A burocracia cafeeira* — Qualquer medida tendente a *racionalizar* o café deverá começar por extinguir a burocracia cafeeira. A ela não nos referimos, aqui, pensando no funcionalismo necessário a movimentar a máquina política do café, mas nas complicações, regulamentos e formalidades que são impostos ao nobre produto. É enorme o cipoal de leis, regulamentos e resoluções que regem o café e, para não falar em tôdas, lembremos apenas que depois de estar no pôrto, para que consiga exportá-lo, tem o comerciante que percorrer numerosas repartições e assinar numerosíssimos papeis, pagar diversas taxas e submeter-se a complicações, enfim, que desanimariam qualquer pessoa menos afeita a êsse comércio. Lembremos, também, a propósito, o curioso fato de não poder o turista levar para bordo qualquer pacote da preciosa bebida, coisa que êle anseia por fazer, e que nos seria ao mesmo tempo propaganda e fonte de dólares, e isso porque os "regulamentos" não o permitem. Se não se conseguir limpar êsse cipoal, difìcilmente se conseguirá imprimir aos negócios do café uma direção racional e proveitosa.

F) *PROPAGANDA*

Europa
Estados Unidos
Novos mercados
Paises da "cortina de ferro"
Acôrdos comerciais
Portos francos
Novas Bolsas de café
Propaganda "comercial" ou "burocrática"

Todos os aspectos da política cafeeira giram em torno de dois pontos básicos: 1) produzir um bom artigo, em bases competitivas; 2) saber vendê-lo. Não será exagero dizer que não temos conseguido realizar satisfatòriamente qualquer dos dois postulados. Nossa produção tem sido, agora principalmente, cara e má; e nosso sistema de comercialização deixa muito a desejar.

Para eficácia nas vendas não basta, evidentemente, ter à mão um produto competitivo. Mas, ainda que o tivessemos, nossos processos de comercialização se mantém muito atrazados em relação ao que seria de desejar-se. Veremos, mais adiante, que a própria mercadoria não é convenientemente preparada e nem tem as facilidades fiscais e burocráticas que lhe deveriam ser facultadas. Mas, quando tivesse satisfeito essas condições por assim dizer "internas" encontraria no exterior, excepção feita do mercado dos Estados Unidos, um terreno inteiramente virgem, sem nenhum desbravamento.

Nesse campo chegamos, mesmo, a retroceder, pois já tivemos na Europa e até no norte da África, no Japão e na Argentina, qualquer coisa parecida com propaganda do café. Iniciada pelo então Instituto de Café do Estado de S. Paulo, em parte diretamente e em parte por intermédio de contratantes, essa propaganda foi depois avocada pelo Departamento Nacional do Café, mas, a partir da eclosão da guerra, nada mais se fez. Durante o conflito e nos anos imediatamente posteriores ao mesmo, nada se poderia, realmente, fazer. Mas, a partir de 1945, os trabalhos poderiam ser retomados. A recuperação da Europa, em todos os sentidos, principalmente no terreno econômico, já a levou bem mais longe — sob certos aspectos em 50% e mais — do que em 1938; mas, o consumo do café apenas atingiu, até agora, a cêrca de 10.000.000 de sacas anuais, contra cêrca de 12.000.000 a que havia chegado antes da conflagração. Poderia o Velho Continente, na base de seu aumento de riqueza, consumir atualmente uns 15.000.000 de sacas. Estamos, pois, com 5.000.000 de deficit, notando-se ainda que aumentou notàvelmente, ali, o consumo dos cafés coloniais, o que significa, além da perda numérica, perda porcentual, para os cafés americanos.

É interessante o que tem feito nos Estados Unidos o "Bureau" Pan-Americano do Café.

Sua propaganda genérica, ao invés da específica, deixada esta a cargo das firmas particulares, vem sendo realizada segundo os padrões publicitários americanos e não se pode dizer tenha sido descurada ou deficiente. Mesmo na recente campanha desencadeada contra o consumo do café, naquêle país, o Bureau muito fez para reduzir-lhe os efeitos.

Indispensável se tornaria extender à Europa e outras regiões a propaganda que se faz nos Estados Unidos, possìvelmente em conjunto dos paises latino-americano; mas também se poderia cogitar de uma propaganda levada a efeito apenas pelo Brasil. Na Europa o problema é, evidentemente, diverso, por dois motivos principais: a mentalidade européia é diferente, sob o ponto de vista publicitário, da dos Estados Unidos; e, mais, ter-se-ia que contar ali com protecionismo alfandegário dispensado aos cafés coloniais, e consequente tratamento discriminatório aos nossos cafés. Todo o trabalho preliminar deveria ser, em consequência, diplomático, pois os impostos aduaneiros, bem como outros impostos e taxas diversas, são tão altos que o preço do café pouco representa em face dos mesmos. Até a qualidade chega a importar pouco — e é êsse outro aspecto tìpicamente europeu — em face dos numerosos *erzats* que são adjudicados ao café, ou figuram em seu lugar.

A Europa se expande de novo e com intensidade no campo industrial e comercial. Tem cada vez maior necessidade de novos mercados. Estabeleçamos, pois, em todos os acôrdos e tratados, um lugar preferencial para o café. Procuremos, aos poucos, diminuir-lhe a importância como produtor de rendas

aduaneiras para os países do Velho Mundo. Estabeleçamos compensações e acôrdos tarifários. E, sobretudo, estabeleçamos a propaganda naquêle mercado em bases racionais. Nada de missões ou de visitas burocráticas, constituidas por gente situada fora do assunto.

O melhor sistema, pensamos, consiste em um processo misto: a propaganda não deverá ser feita, exclusivamente, pelos nossos enviados ou representantes, mas deverá proceder-se por meio de firmas ou organizações locais, interessadas no assunto, em conjugação com os nossos serviços, dirigidos por pessoas especializadas.

Quanto aos países da "cortina de ferro", não é muito o que podem comprar, (e nem é muito o que nos podem vender) ao contrário do que supõem muitos "otimistas", ou "interessados". Excetuados os países da Europa Central, dos outros pouco se pode esperar. Não obstante, constituem um campo a ser trabalhado, mais lentamente e por processos um pouco diferentes daquêles que podem ser empregados no resto da Europa, tanto quanto estes podem divergir dos que são empregados nos Estados Unidos.

Relativamente aos dois imensos mercados em potencial constituidas pela China e Índia, difícil se torna qualquer prognóstico, pois trata-se de regiões onde a propaganda, tal como a entendemos, é quase impossível, mercê da falta de alfabetização, de jornais e de transportes. Trata-se de assunto a ser melhor estudado, possìvelmente apenas para os grandes centros da Índia que é, aliás, também produtora de café, e vem tratando de incentivar-lhe a cultura.

Há, fora dessas, pelo menos três regiões dignas de especial atenção: Canadá, Japão e Argentina. O primeiro e o último já consomem ponderáveis e crescentes quantidades e, com referência ao Japão, sua expansão comercial e suas relações com o nosso país nos autorizam a considerá-lo como um bom mercado em potencial, desejoso de nos vender e, consequentemente, necessitado de comprar.

Em tôda essa questão do desenvolvimento de nossas vendas, há também dois problemas que devem ser examinados: o do estabelecimento de "portos francos" e o de novas Bolsas de Café. São questões que vem sendo ventiladas periòdicamente e que merecem estudo, em cada circunstância, sendo certo que muito podem contribuir no sentido da propaganda e da comercialização do nosso café.

FORMAÇÃO DE CAFÈZAIS EM TERRAS CULTIVADAS

E. A. GRANER e C. GODOY JÚNIOR

Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiróz"
Universidade de S. Paulo.

1. — INTRODUÇÃO

A formação de cafèzais em terras anteriormente cultivadas com outras plantas, ou mesmo com o próprio cafeeiro, é problema atual para o Estado de São Paulo, cujas reservas de matas se encontram pràticamente esgotadas.

A cultura do café despertou novamente o interêsse dos lavradores, dada a valorização por que passou o principal produto da agricultura brasileira. E êsse fato levou os paulistas não só à formação de novos cafèzais, em terras muitas vêzes aparentemente esgotadas, como também à recuperação das lavouras velhas, pela substituição de plantas decadentes por mudas selecionadas, adubação racional, contrôle da erosão e outras práticas agrícolas racionalmente recomendadas.

A instalação de um cafèzal em terras já desbravadas e usadas, em geral só pode ser conseguida por meio do plantio de mudas prèviamente preparadas em viveiros. A semeação direta, método usado na formação de lavouras em terras virgens, pràticamente não é usada no caso de terras cultivadas, pois que os resultados quase sempre não são satisfatórios. Uma das razões reside no elevado grau de praguejamento dêsses solos por ervas daninhas, na maioria gramíneas, cuja germinação ou brotação, processando-se em apenas alguns dias, prejudica enormemente a germinação do café, que se dá normalmente entre 40 e 60 dias. Outra razão é, a nosso ver, o fato de não existir, no solo, a quantidade de matéria orgânica suficiente para diminuir a amplitude de variação da umidade entre os períodos chuvosos e sêcos, e assegurar, dêsse modo, o teor de umidade necessário para o desenvolvimento inicial da planta, o que acontece em solos provenientes da derrubada recente do mato.

2. — INSTALAÇÃO DO CAFÈZAL

2.1 — Coveamento

Escolhidos a variedade, o alinhamento e o espaçamento, o problema seguinte, na instalação do cafèzal, é o coveamento. Êste pode ser manual ou mecânico. O coveamento manual é muito empregado ainda, mesmo nas lavouras formadas em terras já desbravadas e limpas. O coveamento mecânico, só possível em terrenos limpos, é em geral realizado por meio de pequenos tratores, acionando brocas de cêrca de 40 centímetros de diâmetro.

2.2 — Sulcamento

No caso de terrenos cultivados e limpos o coveamento poderá ser substituido pelo sulcamento. Os sulcos deverão ser profundos, com cêrca de 40 cm, e poderão ser feitos com os sulcadores comumente empregados na cultura da

Figura 1. — *A* — Sulcamento, para plantio de café com proteção de guandu; *B* — detalhe, mostrando a profundidade do sulco, o qual foi aberto antes da semeação do guandu.

cana. Marcado o alinhamento, faz-se a abertura dos sulcos e o espaçamento das plantas dentro dos mesmos será determinado em seguida, por meio de estacas. Nos lugares destinados às mudas de café procede-se à adubação adequada, como aquela que se faria dentro da cova e, na ocasião oportuna, colocam-se aí as quatro mudas, procedendo-se às demais operações como se se tratasse do plantio em cova. Entre cada dois lugares plantados no sulco fica uma valeta, que se presta, no início, para retenção e armazenamento da água e, depois, para depósito de detritos orgânicos, durante as limpezas, até que fique completamente cheia. Devido ao armazenamento de água nas valetas, as mudas sofrem menos a falta de umidade e, quando essas valetas, elas terão boa quantidade de matéria orgânica para manter o solo, nas proximidades das mudas, em melhores condições de fertilidade.

3. — SOMBREAMENTO DAS MUDAS

Pelo fato de terem sido formadas à meia sombra, as mudas preparadas em viveiros sofrem sempre no transplantio, pois são plantas acostumadas, durante muito tempo, em lugar sombreado. Contorna-se esta dificuldade empregando-se proteções artificiais, das quais a mais conhecida é a chamada casinha de madeira. Esta proteção é, entretanto, dispendiosa e, muitas vezes, impossível de ser utilizada, por dificuldade de se encontrar a madeira necessária.

Para resolver o problema do melhor pegamento e desenvolvimento inicial das mudas recém-transplantadas em terras cansadas, pensamos poder recomendar o emprêgo do guandu (*Cajanus cajan* (L.) Millsp.), plantado com um ano de antecedência à instalação do cafèzal, e que assim servirá como planta protetora das mudas e fornecedora de alguma matéria orgânica, de que tanto carecem os nossos solos.

O uso do guandu na formação de cafèzais, ao que nos consta, já foi tentado algumas vezes, porém, sem resultados satisfatórios, em vista da concorrência que essa leguminosa, plantada ao mesmo tempo, exerceu sôbre o café. Esta concorrência deixou de existir em nosso caso, provàvelmente devido ao plantio antecipado do guandu.

Preparado prèviamente o terreno, com uma aradura e gradagem, e após a marcação das covas ou dos sulcos nas distâncias recomendadas e no alinhamento escolhido pelo lavrador, plantam-se, em outubro, novembro ou dezembro, 5 linhas dessa leguminosa a 0,50 m uma da outra, no espaço entre as linhas destinadas ao café. Feita a semeação do guandu, passa o lavrador à abertura das covas que abrigarão, futuramente, as plantinhas de café. No caso de sulcamento ou abertura mecânica das covas, por meio de trator e broca perfuradora, a semeação do guandu deverá ser feita após essas práticas agrícolas.

As 5 linhas de guandu, a 0,50 m uma da outra, ocuparão uma faixa de 2,00 m de largura, ficando o conjunto semeado a 1,00 m de cada lado das linhas marcadas para as plantas, no espaçamento de 4,00 m entre as linhas de café. O guandu, semeado a uma distância aproximada de 0,10 — 0,20 m das linhas, funcionando, na sua fase inicial, como um adubo verde, provàvelmente necessitará de uma capina que, se possível, deverá ser feita para o seu melhor desenvolvimento.

Chegada a época de transplantio das mudas de café, entre os meses de novembro e fevereiro do ano agrícola seguinte, procede-se a um desbaste das

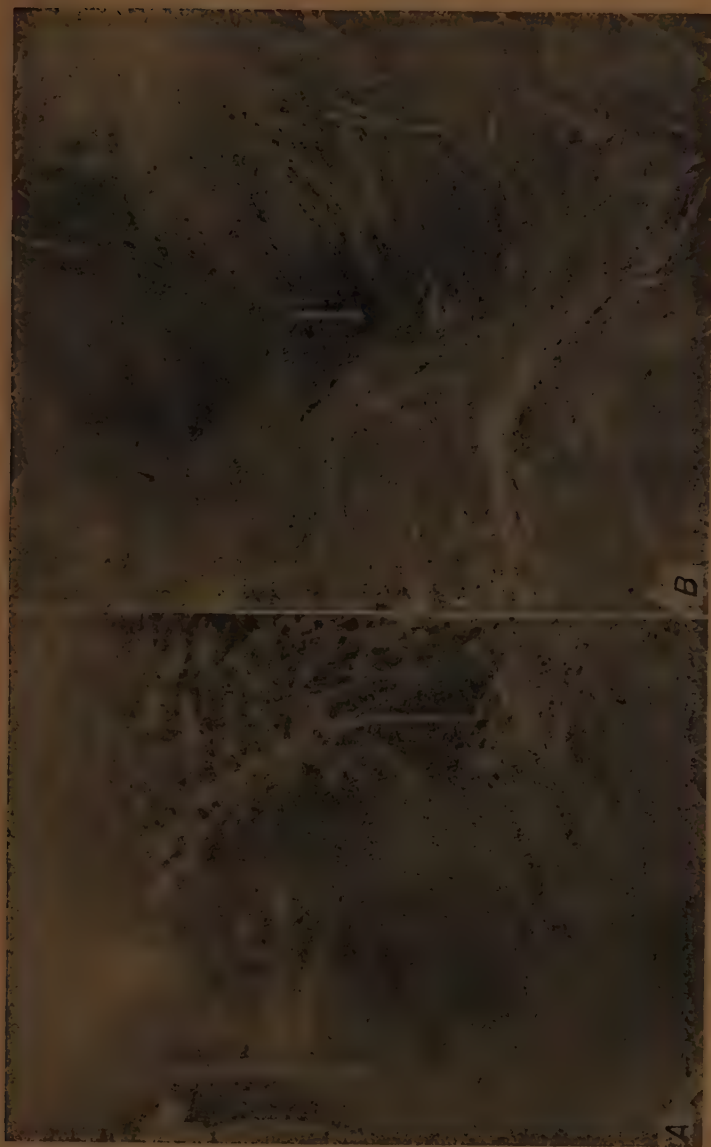



Figura 2. — *A* — Sulco pronto para receber as mudas de café; *B* — detalhe, mostrando o lugar no sulco, já preparado para receber as mudas.

duas linhas de guandu mais próximas às linhas de café, ao mesmo tempo que se faz uma limpeza e preparo das covas ou lugares nos sulcos destinados às mudas. Nesta ocasião pode-se notar já uma boa melhoria do solo pela matéria orgânica fornecida pelo guandu.

Uma vez transplantadas as mudas de café, o guandu passa a exercer sôbre elas sua função protetora contra o excesso de insolação, as chuvas fortes, o granizo, os ventos, a geada e mesmo as ervas más, que, em tal ambiente, se desenvolvem com menor intensidade. Estando as plantas de guandu já pràticamente com um ano e as plantinhas de café ainda pequenas, não se observa concorrência entre essas duas culturas. Foi isso, pelo menos, o que aconteceu nas nossas experiências em terra roxa de Piracicaba.

Aproximadamente em abril — maio, depois do transplantio, as mudas de café já se encontram bem pegadas e com boa vegetação, auxiliadas que foram pela meia sombra com a qual estavam acostumadas no viveiro. É a ocasião então de se proceder a um novo desbaste do guandu, eliminando-se mais duas linhas, restando então apenas uma linha central, que deverá permanecer até que passem os perigos de geada, a qual, no Estado de S. Paulo, pode ocorrer aproximadamente em junho, julho ou mesmo em agôsto. Em ocasiões de geada muito intensa, como a que se deu em 1955, as mudas de café assim tratadas não deixaram de ser afetadas, porém, menos intensamente que aquelas situadas em terrenos descobertos. Passados os perigos da geada, a última linha de guandu será eliminada, quando se tem em vista o cultivo mecanizado. No caso de capinas a enxada, a última linha de guandu poderá permanecer no terreno por mais um ano, o que contribuirá para uma menor infestação de ervas más e maior soma de matéria orgânica, além das vantagens já citadas. Todavia, o lavrador deverá providenciar a sua retirada sempre que constatar qualquer manifestação de concorrência com o café.

A eliminação parcial e gradual do guandu poderá ser feita sem onus para o lavrador, desde que êle ceda aos trabalhadores, em troca do arrancamento, os gravetos que essa leguminosa fornece e os quais se prestam bem para o fogo.

4. — CONCLUSÃO

Essas práticas agrícolas, plantio em sulco e emprêgo do guandu para o sombreamento das mudas recém-transplantadas, foram por nós experimentadas na formação de diversos lotes de café em terra roxa da Seção Técnica anexa à 4.ª Cadeira da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", com bastante sucesso. Julgamos serem práticas aconselháveis para a formação de novas lavouras no Estado, faltando-nos, porém, saber se o resultado por nós obtido será sempre o mesmo nas diferentes regiões e nos diversos tipos de solos de São Paulo.

5. — BIBLIOGRAFIA

GODOY, C. (júnior). (1954). Germinadores de areia para café. Bol. Suptda Serv. Café **29**(333) :22-26.

GRANER, E. A. (1954). Viveiros. Semeação e Transplantação. *In* Instituto agronômico do Estado de São Paulo (Campinas). I Curso Pós Graduado de Cafeicultura. 10.ª Aula Teórica. 6 p. (Bol. Suptda Serv. Café **30**(337) : 6-14. 1955).

FIGURA 3 — *A* — Transplantação das mudas de café; *B* — mudas transplantadas. Observe-se a profundidade da valeta que fica entre cada dois lugares plantados.

GRANER, E. A., GODOY, C. (júnior) & SOUZA, D. F. (1955). O Guandu na formação de cafèzais em terras já cultivadas. Suplemento agrícola do "O Estado de São Paulo" **1**(11).

INFORZATO, R. (1947). Subsídios para o estudo da adubação verde dos Cafèzais. II — Estudo do sistema radicular do feijão guandu. Bol. Suptda Serv. Café **22**(249) :764-766.

MENDES, C. T. (1941). Replanta de um cafèzal. Boletim de Agricultura, S. Paulo **42** :307-328.

MENDES. J. E. T. (1939). Viveiros para café. Rev. Inst. Café, S. Paulo **25** :646-656.

MENDES, J. E. T. (1953). Novas plantações de café em zonas velhas. Bol. Suptda Serv. Café **28**(322) :9-14.

MENDES, J. E. T. (1953). Normas para a formação de um cafèzal. Instituto agronômico do Estado de São Paulo (Campinas). Boletim n.º 47, 9 p.

MORAES, H. (1951). Replantas em nossos cafèzais. Bol. Suptda Serv. Café **26** :282-287, 382-389.

SCARANARI, H. J. (1954). Instruções práticas. Viveiros de café. Instituto agronômico do Estado de São Paulo (Campinas). Boletim n.º 36, 6 p.

SCARANARI, H. J. (1954). Métodos de plantio. *In* Instituto agronômico do Estado de São Paulo (Campinas). I Curso Pós. Graduado de Cafeicultura. 11.ª Aula Teórica. 6 p.

SETZER, J. (1944). O problema dos cafèzais novos em terras roxas cansadas. *In* Ministério da agricultura, Cursos de Aperfeiçoamento e Especialização. Boletim n.º 3.

SOUZA, W. W. COELHO DE (1954). Formação e restauração de cultura cafeeira. Bol. Suptda Serv. Café **29**(327) :9-21.

Figura 4. — Cafèeiros transplantados para covas entre faixas de guandu. *A* – Var. Caturra Vermelho; *B* — Var. Mundo Novo.

FIGURA 5. — *A* — Cafèeiros da Var. Caturra Vermelho, com cêrca de três anos, protegidos por guandu, do qual uma linha central foi deixada por mais tempo no terreno. *B* — Detalhe. Observe-se que as plantas de café ainda não aparentam sinais de concorrência da leguminosa.

MISTURAS DE INSETICIDAS

Luiz O. T. Mendes
Chefe da Seção de Entomologia
do Instituto Agronômico

Para o combate às pragas que atacam o cafeeiro são preferìvelmente usados pós inseticidas. A "broca do café" vêm sendo combatida por meio de polvilhamento com BHC contendo de 1 a 2% de princípio ativo (isômero gama). O Instituto Biológico, baseado em experimentação adequada. recomenda polvilhamento com BHC a 1%. mas nota-se que os cafeicultores têm preferência por aquele produto contendo 1,5 ou 2% de princípio ativo.

É sempre recomendável que o interessado adquira o inseticida já preparado na concentração que vai usar, pois os fabricantes dispõem de aparelhamento apropriado para a obtenção de misturas bastante homogêneas. No entanto, sendo o caso de se fazer a mistura na fazenda, bom é que se lembre que ela deve ser feita com o máximo capricho, visando obter um pó onde o princípio ativo do inseticida esteja perfeitamente misturado. O uso de tambores rotativos dará o melhor resultado possível e, pondo de lado a perfeição da máquina, será uma questão de mais, ou menos, tempo obter uma mistura mais, ou menos, perfeita.

Suponhamos que nos depósitos das fazendas existam quantidades de pós inseticidas, de concentrações inapropriadas, e que se queira aproveitá-los devida e econòmicamente. Surge pela frente, então, um problema de ordem prática, qual seja misturar dois ou mais pós inseticidas, contendo um mesmo princípio ativo porém de riquezas diferentes, com o fito de obter um pó inseticida apropriado a determinado uso e com riqueza, em princípio ativo, diferente da daqueles pós originais. Obviamente a mistura nunca poderá ser mais rica que o mais rico dos inseticidas empregados.

Vamos, então, tomar o problema em sua base e estudá-lo em todos seus detalhes.

Sejam p', p'', p''' etc. as riquezas porcentuais de diferentes pós inseticidas, e q', q'', q''' etc. as respectivas quantidades que devem ser misturadas, tendo em mira obter um pó inseticida de riqueza porcentual p.

Então, se o primeiro inseticida tem a riqueza p', quando se tomar a quantidade q', ter-se-á o resultado $p'q'$; para o segundo inseticida ter-se-á $p''q''$; para o terceiro, $p'''q'''$ etc.

Assim, misturando-se todos, ter-se-á uma mistura cuja riqueza será representada pela soma daqueles valores.

$$p'q' + p''q'' + p'''q''' + \ldots$$

mas como desejamos que a mistura final tenha riqueza p, e sendo ela representada por $p(q' + q'' + q''' + \ldots)$, vem a igualdade:

$$p(q' + q'' + q''' + \ldots) = p'q' + p''q'' + p'''q''' + \ldots$$

de onde se tira o valor:

$$p = (p'q' + p''q'' + p'''q''' + \ldots) / (q' + q'' + q''' + \ldots)$$

ou, finalmente:

$$(1)\quad p = \frac{\Sigma\, p\, q}{\Sigma\, q}$$

Evidentemente a fórmula (1) é indeterminada, mas com ela já podemos resolver um tipo de problema, que é dado a seguir.

PROBLEMA N.º 1 — Tem-se quantidades conhecidas de pós inseticidas, de diferentes riquezas em princípio ativo e deseja-se saber com que riqueza em princípio ativo ficaria a mistura que com êles se fizesse.

Temos:

$$q' = 220 \text{ kg} \qquad p' = 1{,}5\ \%$$
$$q'' = 45 \text{ kg} \qquad p'' = 3{,}5\ \%$$
$$q''' = 110 \text{ kg} \qquad p''' = 5{,}0\ \%$$
$$\text{Total} = 375 \text{ kg}$$

Aplicando-se a fórmula (1), vêm:

$$p = \frac{(220 \times 1{,}5) + (45 \times 3{,}5) + (110 \times 5{,}0)}{220 + 45 + 110} = 2{,}77$$

Resposta — Os 375 kg de mistura ficariam com 2,77 % de princípio ativo.

Tratemos agora de problemas determinados. Em vez de procurarmos saber qual a riqueza final de uma certa mistura, como atrás, vejamos como teremos que agir para obter a desejada riqueza, dispondo de pós inseticidas de riquezas conhecidas.

Sejam dois pós inseticidas de riquezas p' e p''. Desejamos misturá-los em tal proporção que obtenhamos um pó com riqueza final conhecida, p. Teremos, então, que usar as quantidades q' e q'', respectivamente, dos pós de riquezas p' e p''. Com o uso da fórmula (1) temos:

$$p = \frac{p'q' + p''q''}{q' + q''}$$

logo, $p(q' + q'') = p'q' + p''q''$

de onde tiramos:

$$(2)\quad \frac{q'}{q''} = \frac{p'' - p}{p - p'}$$

A fórmula (2) nos mostra que para obtermos uma mistura de riqueza p devemos misturar os inseticidas originais, de riquezas p' e p'', em determinada proporção q' / q''.

PROBLEMA N.º 2 — Dispomos de dois pós inseticidas, um contendo 1,5% de princípio ativo e outro com 5%. Desejamos obter uma mistura contendo 2,5% de princípio ativo. Em que proporção devemos misturá-los?

Temos:

$$p' = 1{,}5$$
$$p'' = 5{,}0$$
$$p = 2{,}5$$

Aplicando a fórmula (2), temos:

$$\frac{q'}{q''} = \frac{p'' - p}{p - p'} = \frac{5{,}0 - 2{,}5}{2{,}5 - 1{,}5} = \frac{2{,}5}{1}$$

Resposta — Sempre que misturarmos 2,5 partes do inseticida contendo 1,5% de princípio ativo, com 1 parte do que contém 5,0%, obteremos uma mistura com riqueza final de 2,5%.

Passemos agora para outra etapa, qual seja a de calcular como obter uma quantidade certa de mistura, com a riqueza desejada.

Vimos que para obter uma mistura com riqueza p, precisamos misturar os dois inseticidas originais na proporção $(p'' - p)/(p - p')$. Logo, se quizermos obter agora uma quantidade certa de tal mistura, Q, devemos, pois, dividir Q em partes proporcionais às diferenças $(p'' - p)$ e $(p - p')$.

Sabemos que:

$$(2) \quad \frac{q'}{q''} = \frac{p'' - p}{p - p'}$$

e, também, sabemos que $Q = q' + q''$. Isso posto, temos:

$$\frac{q' + q''}{q''} = \frac{(p'' - p) + (p - p')}{p - p'}$$

de onde se tira:

$$q''[(p'' - p) + (p - p')] = (q' + q'')(p - p')$$

e, substituindo $(q' + q'')$ por seu valor Q, tem-se:

$$(3) \quad q'' = \frac{Q\ (p - p')}{p'' - p'}$$

e, da mesma maneira, obtem-se também:

$$(4) \quad q' = \frac{Q\ (p'' - p)}{p'' - p'}$$

Calculado o valor de q'' (pela fórmula 3) também pode ser mais simplesmente calculado o valor de q'' pela diferença:

$$(5) \quad q' = Q - q''$$

PROBLEMA N.° 3 — Queremos obter uma mistura de 500 kg de um pó inseticida contendo 2,5% de princípio ativo, dispondo, para isso, de dois pós inseticidas contendo, respectivamente, 5% e 1,5% de princípio ativo. Que quantidades usar de cada inseticida?

Temos:

$$Q = 500$$
$$p = 2{,}5$$
$$p' = 1{,}5$$
$$p'' = 5{,}0$$

Aplicando a fórmula (3), temos:

$$q'' = \frac{Q\ (p - p')}{p'' - p'} = \frac{500\ (2{,}5 - 1{,}5)}{5{,}0 - 1{,}5} = \frac{5000}{3{,}5} = 142{,}86 \text{ kg}$$

e $q' = Q - q'' = 500 - 142{,}86 = 357{,}14$ kg.

Resposta — Misturar 142,86 kg do pó inseticida contendo 5% de princípio ativo com 357,14 kg do que contém 1,5%.

Prova — 142,86 kg de pó a 5% contém 7,143 kg de princípio ativo; 357,14 kg de pó a 1.5% contém 5,357; logo, nos 500 kg de mistura há 7.143 + 5,357 = 12,5 kg de princípio ativo. Assim, se 500 kg tem 12,5 kg de princípio ativo, em 100 haverá 12,5/ 5 = 2.5 kg, isto é, a mistura conterá, realmente, 2,5% de princípio ativo.

Vamos dar mais dois exemplos.

PROBLEMA N.º 4 — Precisamos de 1 tonelada de BHC contendo 1,5% de isômero gama e dispomos de BHC contendo 2,5% de isômero gama e talco (pó inerte, com 0% de isômero gama). Em que proporção misturá-los?

Temos:

$$Q = 1000$$
$$p = 1{,}5$$
$$p' = 0$$
$$p'' = 2{,}5$$

Aplicando a fórmula (3) têm-se:

$$q'' = \frac{1000\ (1{,}5 - 0)}{2{,}5 - 0} = \frac{1500}{2{,}5} = 600$$

e $q' = 1000 - 600 = 400$.

Resposta — Devemos misturar 600 kg do pó inseticida contendo 2,5% de isômero gama, com 400 kg de talco, obtendo assim uma tonelada de pó inseticida contendo 1,5% de isômero gama.

PROBLEMA N.º 5 — Dispomos de dois pós inseticidas: DDT contendo 12% de princípio ativo e DDT com 1%. Precisamos de 1100 kg de DDT com 2% de princípio ativo. Quanto devemos usar de cada um dêles na mistura?

Temos:

$$Q = 1100$$
$$p = 2$$
$$p' = 1$$
$$p'' = 12$$

Aplicando a fórmula (3) temos:

$$q'' = \frac{1100\ (2 - 1)}{12 - 1} = \frac{1100}{11} = 100$$

e $q' = 1100 - 100 = 1000$.

Resposta — Devemos misturar 100 kg de DDT contendo 12% de princípio ativo com 1000 kg do que contém 1%, obtendo 1100 kg de DDT a 2%.

Em uma próxima contribuição estudaremos os casos em que, na mistura, devam entrar mais de dois pós inseticidas.

OS SOLOS DO ESTADO DE S. PAULO E A CULTURA CAFEEIRA

J. E. Paiva Neto
Instituto Agronômico

Trajetória da cultura cafeeira

O café entrou em São Paulo pelo Vale do Paraíba, ocupando principalmente os solos do terciário e os contrafortes das Serras da Mantiqueira e do Mar. Portanto, são solos provenientes do Arqueano, ou sejam, massapés e salmourões. Em seguida tomou as direções oeste e norte e, por fim noroeste.

Na parte Oeste e Norte, inicialmente, as culturas se alastraram sobretudo pela Baixa Mogiana, cujos solos, em geral, também provêm do Arqueano, isto é, massapés e salmourões.

Continuando sua trajetória, as culturas cafeeiras atingiram nossos solos de terra-roxa-legítima, chegando até ao norte do Estado. Prosseguindo em sua faina desbravadora, os nossos fazendeiros tomaram, por fim, a direção noroeste, para aí assentar suas lavouras cafeeiras. As principais vias de transporte hoje existentes nessa direção, são: a Cia. Paulista de Estrade de Ferro, Araraquarense, Noroeste do Brasil e Estrada de Ferro Sorocabana, e talvez, hoje, mais de 70% da produção cafeeira do Estado acha-se assentada nestas glebas. Em grande parte são solos provenientes do Cretáceo, e essencialmente arenosos, como veremos mais adiante.

Nesta palestra vamos abordar particularmente os três grande tipos de solos que mais interessam à cultura cafeeira, e citar apenas algumas outras manchas de solo no Estado, que são, a nosso vêr, de bastante interêsse para um futuro mais próximo.

Segue adiante um resumo geral dêsses três grandes tipos de solos.

Solo Massapé — Salmourão — Área — A área existente, já estudada, dêste tipo de solo, no Estado, abrange cêrca de 5.900.000 hectares, ou sejam, 24,0% da área total.

Origem geológica — Provém êste grande tipo de solo de rochas do complexo cristalino, ou seja, de rochas predevonianas. Os tipos principais dessas rochas são: gnaises, granitos, micaxistos, etc. As análises mineralógicas das frações "areia grossa e areia fina + limo", mostram grande riqueza em minerais primários em potássio e magnésio.

Topografia — São solos em geral de conformação muito acidentada; a altitude pode variar entre 3 e 1.700 m. acima do nível do mar.

Vegetação natural primário — São êste solos, quando ainda virgens, cobertos por densas matas, apresentando, no geral, aspecto subhidrofílios.

Perfil do solo — Deve-se dizer logo de início que os solos tìpicamente massapés são bastante argilosos, enquanto que os salmourões são mais pedregosos. A fração mais grossa é, em geral, constituida por fragmentos de quartzitos e cristais de feldspatos ou menos caolinizados. Os granitos são mais responsáveis pelo subtipo salmourão, ao passo que os gnaisses e micaxistos são responsáveis pela origem do subtipo massapé.

Por enquanto, êsses dois subtipos só podem ser perimetrados conjuntamente. A razão reside, sobretudo, na inexistência ainda de mapa petrográfico detalhado. A coloração dêstes solos, é em geral, amarelada ou avermelhada, podendo os primeiros 30 cm. apresentar coloração parda ou acinzentada escura, devido ao maior ou menor teor em matéria orgânica. A coloração amarelada ou avermelhada deve-se aos óxidos hidratados de ferro.

Tanto no solo massapé-salmourão como nos outros tipos não há em geral, uma diferença pedológica intensa entre suas várias profundidades (0 — 1,5 m.), mas sim variação de ordem contínua.

Por esta razão os perfis são divididos da seguinte maneira: primeira camada ou solo arável, com espessura de 0-35 ou 40 cm.; segunda camada, de 40-80 cm, e terceira camada, de 80-150 cm.. Em casos especiais, seguem-se ainda outras camadas, como sejam: de 150-200; 200-250; 250-300 e 300-500 cm.. Êstes esclarecimentos serve para os demais tipos que serão descritos adiante.

Os solos pertencentes a êste grande tipo massapé-salmourão, são geralmente pouco permeáveis á água. Apesar de relativamente resistentes aos fenômenos da erosão, sofrem, às vêzes, profundamente dêsse grande mal, quando as rampas são muito fortes.

São solos ricos em elementos químicos no estado potencial, o que é claramente revelado pela análise química total, bem como pela análise mineralógica, que revela grande quantidade de micas, feldspatos, etc.. Nêste particular êste solo se diferencia completamente dos demais, no Estado. A fração argila é constituída essencialmente por caolinita, podendo estar presente também hidrargilita.

Terra-roxa-legítima Área — Foram mapeados cêrca de 1.700.000 hectares de terra-roxa-legítima, ou sejam, cêrca de 7,3% da área total do Estado de São Paulo.

Topografia — Êsse grande tipo de solos possui topografia, em geral, amena; entretanto, em alguns pontos do Estado encontramos encostas mais ou menos acidentadas. A altitude varia entre 480 e 900 m. acima do nível do mar; grande parte, porém, está situada entre 500 e 700 m.

Geologia — A idade geológica é a triássico-jurássica. O magma diabásico, ou sejam, os eruptivas básicas, são as rochas responsáveis pela origem dêsse grande tipo de solo e a sua composição mineralógica é variável.

A terra-roxa-legítima provém de rochas diabásicas. Contudo, pelos estudos sôbre a gênese dêsse solo, ainda em andamento, podemos subdividí-lo nos dois subtipos:

a) Solos de terra-roxa-legítima proveniente de produtos de decomposição antiga do magma diabásico, isto é, de fenômenos geológicos, cuja idade é a mesma das erupções básicas.

b) Solos de terra-roxa-legítima proveniente de produtos de decomposição procedente do intemperismo da época atual.

No primeiro caso as capas de decomposição mostram, em geral, fenômeno intenso de caolinização, ao passo que no segundo pràticamente a totalidade de Al_2O_3 está livre e solúvel no HCL concentrado e a quente, e o Si^02 na forma coloidal. No primeiro, a intensidade da lixiviação tanto das bases como do Si^02, foi menor do que no segundo caso.

Para encontrarmos os dois extremos, isto é, a elevada riqueza de bases na rocha viva e o baixo teor em bases da capa decomposta, como ficou dito acima, basta

analisar amostras retiradas a 2 cm. de distância uma da outra. A nálise química dos trocáveis, no material da capa de decomposição, é pràticamente idêntica à encontrada em camadas de solo à profundidade de cêrca de 2 m. para baixo.

Vegetação arbórea natural — Jequitibá (*Cariniana* só), Peroba (*Aspidosperma olivaceum* M. Arg), Jangada-branca (Heliocarpus americanus L.), Pau d'alho (*Gallesia gorazema* Moq.), Ceboleiro (*Phytolacea dioica* L.), Araruta (*Centrolobium tementosum Benth*), etc. Matas, geralmente consideradas boas e do tipo subhidrófilo.

Perfil do solo — Constitui um perfil autóctone de terra-roxa-legítima "sui generis", principalmente devido à sua grande porosidade, que é da ordem de 65 a 70%, embora de composição mecânica a ser considerada quase argilosa.

Sua coloração é bem típica e muito difícil de ser traduzida para outro idioma, a não ser por meio de anotações das tabelas de côres, tais como "Tabela Internacional de côres de Ostwald (Verlag Unesma G. m. b. II. Grossbothen-Leipzig"), empregada em nossos trabalhos.

A tradução ao pé da letra da palavra "roxo" para a língua inglêsa seria "violet", o que, sem dúvida, não corresponde bem, ou, pelo menos, não corresponde ao que um desconhecedor poderia esperar de tal tipo de solo quando o visse pela primeira vêz. Na tabela de côres citada, essa côr "roxa" está compreendida entre ng5 para o solo sêco e pi6 para o solo úmido, o que talvez corresponda melhor à tradução de marron-avermelhado. Pràticamente, não há variação de côres nas diversas profundidades do perfil.

São solos em geral muito profundos, podendo-se chegar a 20 m. sem encontrar rocha, mesmo semidecomposta. Quando ainda de posse de sua textura natural, são permeáveis. Entretanto, depois de 20 a 30 anos de cultura, em geral, se forma um horizonte iluvial impermeável, entre 30 e 60 cm. de profundidade. Êste horizonte não só impede a penetração da água, como também dificulta a penetração das raíses das plantas. A matéria orgânica está em seus 80% distribuida nos primeiros 40 cm. de solo, o mesmo acontecendo com as bases trocáveis. Estas vão diminuindo até atingir um teor mais ou menos constante para profundidades maiores do que 2 m. e que é da ordem de 1 a 1,5 mg por 100 ml de solo natural.

A análise mineralógica revela que, pràticamente não existem mais minerais primários da "rocha mater", a não ser: quartzo em pequena porcentagem, isto é, da ordem de 1 a 6%; ilmenita e magnetita. Em parte, talvez, êstes minerais sejam de formação secundária. A quase totalidade do material é constituida por cêrca de 15% de caolinita; Al_20_3 nH_20; Fe_20_3 nh_20 e $Si0_z$ nH_20. O magnésio e o potássio, além de se encontrarem na forma tìpicamente trocável, provàvelmente, ainda se apresentam na parte interna dos géis de sílica ou sílica e alumínio, com estrutura talvez já criptocristalina e que fàcilmente se decompõe por HCL diluído (± £N) a quente. O teor em magnésio e potássio nêste estado, pode atingir 1 1/2 vêzes o teor trocável do elemento respectivo. Pela fluorização, ou seja, pelo ataque total da terra fina, foram obtidos teores em potássio e magnésio representando o dôbro do teor trocável.

Dados químicos — Quando novos, êstes solos são de grande fertilidade e considerados ricos em elementos químicos minerais. O poder sortivo, relativo às bases, provém "in totum", da matéria orgânica. Em solos novos, ou melhor, de recente derrubada, a parte acidóide orgânica está quase totalmente saturada pelas bases; nêste caso, o índice pH é da ordem de 7,0 fósforo não orgânico está, em grande parte, ligado aos hidróxidos mais ou menos hidratados de ferro e alumínio. Baseado

QUADRO — Características físicas do solo tipo terra roxa legítima. Dados, análise mecânica total e fase líquida

Camada do solo (profundidade)	Massa específica		Porosidade natural	Côr do solo (Ostwald)		Areia grossa (2 a 0,2 mm)		Limo (0,2 a 0,002 mm)	
	Real	Aparente		Úmido	Sêco	Pêso	Volume	Pêso	Volume
			%			%	%	%	%
0-40 cm	2,94	1,02	65,2	pi 6	pi 7	11,0	3,8	56,3	19,6
40-80 cm	3,01	0,97	67,8	pg 7	pg 8	13,0	4,2	47,2	15,2
80-150 cm	3,03	0,98	67,7	pg 7	pg 8	10,4	3,2	44,9	14,0

Camada do solo (profundidade)	Argila (< 0,002 mm)		Índice intern. (Buitenzorg)	Umidade de murchamento		Umidade equivalente		Água capilar máxima	
	Pêso	Volume		Pêso	Volume	Pêso	Volume	Pêso	Volume
	%	%		%	%	%	%	%	%
0-40 cm	32,7	11,2	L. Arg.	17,8	18,1	26,2	26,7	35,0	35,7
4-80 cm	39,8	12,5	B.L.	17,7	17,2	26,1	25,3	37,0	35,9
80-150 cm	44,7	14,4	B.L.	17,9	17,5	26,3	25,8	38,0	37,2

QUADRO — Características físicas do solo do tipo massapé-salmourão. Dados gerais, análise mecânica total e fase líquida.

Camada do solo (profundidade)	Massa específica		Porosidade natural	Côr do solo (Ostwald)		Areia grossa (2 a 0,2 mm)		Limo (0,2 a 0,002 mm)	
	Real	Aparente		Úmido	Sêco	Pêso	Volume	Pêso	Volume
			%			%	%	%	%
0-40 cm	2,59	1,37	47,4	lg 4-5	ie 4-5	33,7	17,8	48,5	23,9
40-80 cm	2,62	1,45	44,0	ng 5	le 4-5	26,3	14,8	46,2	23,5
80-150 cm	2,65	1,42	45,6	le 5	gc 4	24,0	14,0	48,3	23,7

Camada do solo (profundidade)	Argila (< 0,002 mm)		Índice intern. (Buitenzorg)	Umidade de murchamento		Umidade equivalente		Água capilar máxima	
	Pêso	Volume		Pêso	Volume	Pêso	Volume	Pêso	Volume
	%	%		%	%	%	%	%	%
0-40 cm	17,8	9,4	B.L.	14,3	19,6	21,1	28,9	28,8	39,4
40-80 cm	27,5	14,9	B.L.	16,3	23,7	24,0	34,8	29,0	42,1
80-150 cm	27,7	14,8	B.L.	16,8	23,9	24,7	35,1	30,3	43,0

QUADRO — Características químicas do solo tipo massapé-salmourão. Análises do solo e do complexo coloidal

Camada do solo (profundidade)	Acidez	Carbono	Nitrogênio total	C/N	Íons trocáveis em equivalente miligrama, por 100 gramas de solo sêco a 110°C									
					$PO_4^{\equiv}$	Ca^{++}	Mg^{++}	Mn^{++}	K^+	H^+	Al^{+++}	S	T-S	V-(Índice de saturação)
	pH	%	%		*e. mg*	*e. mg*	*e. mg*	*e. mg*	*e. mg*	*e. mg*	*e. mg*	*e. mg*	*e. mg*	%
0-40 cm	5,8	1,3	0,12	11	0,60	2,50	0,70	0,06	0,18	6,0	0,4	3,44	6,4	34,9
40-80 cm	5,5	0,5	0,05	10	0,50	1,50	0,70	0,03	0,12	5,0	0,3	2,35	5,3	30,7
80-150 cm	5,5	0,3	0,02	15	0,40	0,50	0,60	0,03	0,12	5,0	0,3	1,25	5,3	19,1

Camada do solo (profundidade)	Análise química do complexo coloidal						
	Em 100 g de solo sêco a 110°C			Relação molecular			
	SiO_2	Al_2O_3	Fe_2O_3	SiO_2/R_2O_3	SiO_2/Al_2O_3	SiO_2/Fe_2O_3	Al_2O_3/Fe_2O_3
	g	*g*	*g*				
0-40 cm	10,0	13,0	6,0	1,0	1,3	4,5	3,4
40-80 cm	15,0	18,0	7,0	1,1	1,4	5,8	4,1
80-150 cm	20,0	20,0	8,0	1,3	1,7	6,6	3,9

QUADRO — Características químicas do solo tipo terra roxa legítima. Análises do solo e do complexo coloidal

Camada do solo (profundidade)	Acidez	Carbono	Nitrogênio total	C/N	Íons trocáveis em equivalente miligrama, por 100 gramas de solo sêco a 110°C									
					$PO_4^{\equiv}$	Ca^{++}	Mg^{++}	Mn^{++}	K^{+}	H^{+}	Al^{+++}	S	T-S	V-(Índice de saturação)
	pH	%	%		*e. mg*	*e. mg*	*e. mg*	*e. mg*	*e. mg*	*e. mg*	*e. mg*	*e. mg*	*e. mg*	%
0-40 cm	6,2	2,0	0,18	11	3,00	5,00	0,70	0,02	0,20	6,5	0,3	5,92	6,8	46,5
40-80 cm	6,5	0,9	0,08	12	2,00	3,00	0,50	0,01	0,10	5,0	0,2	3,61	5,2	41,0
80-150 cm	6,5	0,6	0,05	12	1,50	2,00	0,40	0,01	0,10	5,0	0,2	2,51	5,2	32,5

Camada do solo (profundidade)	Análise química do complexo coloidal						
	Em 100 g de solo sêco a 110°C			Relação molecular			
	SiO_2	Al_2O_3	Fe_2O_3	SiO_2/R_2O_3	SiO_2/Al_2O_3	SiO_2/Fe_2O_3	Al_2O_3/Fe_2O_3
	g	*g*	*g*				
0-40 cm	12,0	24,7	32,4	0,4	0,8	1,0	1,2
40-80 cm	12,0	26,3	34,6	0,4	0,8	0,9	1,2
80-150 cm	11,0	26,7	34,0	0,4	0,7	0,9	1,2

QUADRO — Características químicas do solo tipo arenito Bauru. Análises do solo e do complexo coloidal

Camada do solo (profundidade)	Acidez	Carbono	Nitrogênio total	C/N	Íons trocáveis em equivalente miligrama, por 100 gramas de solo sêco a 110°C									
					$PO_4^{\equiv}$	Ca^{++}	Mg^{++}	Mn^{++}	K^+	H^+	Al^{+++}	S	T-S	V-(Índice de saturação)
	pH	%	%		e. mg	e. mg	e. mg	e. mg	e. mg	e. mg	e. mg	e. mg	e. mg	%
0-40 cm	6,5	1,0	0,10	10	0,30	5,00	0,70	0,05	0,20	3,0	0,3	5,95	3,3	64,3
40-80 cm	6,5	0,3	0,05	6	0,20	4,00	0,70	0,03	0,15	3,0	0,4	4,88	3,4	58,9
80-150 cm	6,0	0,2	0,03	7	0,10	3,00	0,70	0,02	0,20	4,0	0,5	3,92	4,5	46,5

Camada do solo (profundidade)	Análise química do complexo coloidal						
	Em 100 g de solo sêco a 110°C			Relação molecular			
	SiO_2	Al_2O_3	Fe_2O_3	SiO_2/R_2O_3	SiO_2/Al_2O_3	SiO_2/Fe_2O_3	Al_2O_3/Fe_2O_3
	g	g	g				
0-40 cm	5,0	4,0	3,0	1,4	2,1	4,4	2,0
40-80 cm	8,0	7,0	3,0	1,5	1,9	7,0	3,6
80-150 cm	12,0	8,0	3,0	2,0	2,5	10,5	4,1

em trabalhos já executados e nos ainda em andamento, pode-se admitir que os tipos de ligação entre o PO_4^{---} e os sesquióxidos são os mais diversos possíveis, isto é, desde quantidades infinitesimais solúveis em água até, provàvelmente, aos fosfatos de ferro e alumínio, já em estado pelo menos criptocristalino.

Esta situação faz com que o PO_4^{---} se encontre em todos os gradientes de extração possível, dificultando, assim, a fixação de um método de extração que nos forneça o fósforo mais ou menos assimilável pelas plantas.

Dados físicos — Segundo análise mecânica, êstes solos são classificados como BA, isto é, "barro argiloso", no quadro internacional de classificação de análise mecânica de Buitenzorg. A textura íntima dos grânulos é tìpicamente argilosa, entretanto, em geral fortemente cimentada, de forma a exigir uma peptização mecânica enérgica. A composição química da fração fina dêstes solos, como dissemos, é essencialmente constituída por óxidos mais ou menos hidratados de ferro e alumínio e sílica coloidal. Trata-se, portanto, de material que, por simples envelhecimento coloidal, possui grande tendência a forte cimentação. Êste estudo de coisas dificulta em muito, o estabelecimento de técnica razoável e execução de análise mecânica. É esta dificuldade ainda agravada pela grande instabilidade da suspensão, pois a facilidade em flocular é imensa. Êste problema tem sido em parte resolvido, usando-se como peptizantes: carbonato de amônio, silicato de sódio e mesmo eletrólitos orgânicos. A peptização é, facilitada usando um pistilo de borracha via de regra para desfazer os grânulos secundários. Não há outro no Estado que apresente perosidade tão grande como êstes, observam-se em perfis autóctones, comumente, 70% de porcos, ou sejam, 30% sòmente de "fase sólida". Isso faz necessário o estabelecimento de métodos especiais para os testes físicos. Tanto é assim que, geralmente podem ser aplicadas a êsses solos as teorias encontradas sobretudo na literatura européia e americana. Isto, máxime nos problemas de água no solo.

Culturas importantes — Café (*Coffea arabica* L.) cana (Saccharum sp.), milho, algodão, amendoim (*Arachis hypogaea* L.).

Solo Arenito de Baurú Área — A área dêsse grande tipo de solo no Estado compreende 6.200.000 hectares, perfazendo cêrca de 25,1% da sua área total.

Topografia — É no geral, de topografia regular, entretanto apresenta, em certos pontos do Estado, paredões abruptos com desníveis de até 200 m. As altitudes oscilam entre 400 e 750 m. acima do nível do mar.

Geologia — Provém êste grande tipo de solo do arenito Baurú-Gretáceo de deposição flúvio-lacustres. A composição mineralógica do arenito Baurú é essencialmente representada por quartzo. Dentro os minerais acessórios, podemos citar: magnetita, ilmenita, granada, rutila, turmalina, piroxênio, calcedônia, opala e limonita. A área dessa formação geológica é bem irregular em contraste com as demais; sua espessura é de 50 m., aproximadamente. A irregularidade dessa formação é, sobretudo, devida aos vales de erosão formados pelos rios do Peixe, Aguapeí, Tietê e São José dos Dourados.

Vegetação arbórea natural — Guarantã (*Esenbeckea leocarpa* Engl.), urindiuva (*Astronium urundeuva* (alb), Engl.), peroba (*Aspidosperma olivaceum* M. arg.), pau d'alho (*Gallesia gorazema* Moq.), etc., matas essas contendo boa porcentagem de madeiras de lei.

Perfil do solo — Êste grande tipo de solo é, geral, essencialmente arenoso. A matéria orgânica está distribuída nos primeiros 40 cm. de solo. Sua côr é geral-

mente clara, acinzentada escura ou avermelhada. A matéria orgânica e os compostos mais ou menos hidratados de ferro, são os responsáveis pela coloração dêstes solos. Abaixo de 40 cm., o perfil pode apresentar uma camada mais ou argilosa, isto é, um horizonte iluvial mais ou menos denso, o qual pode chegar a prejudicar o desenvolvimento profundo das raízes das plantas. A profundidade dêste horizonte pode, entretanto, variar bastante.

A fração argila é essencialmente constituída por caolinita, estando também presente o quartzo, e, em pequena porcentagem, um tipo de argila montemorilonítica. Estas observações foram obtidas por espectros radiográficos. Ainda na fração argila encontram-se óxidos mais ou menos hidratados de ferro e de alumínio, variando bastante, percentualmente.

É interessante notar a presença do tipo montmorilonítico na "fração argila" dêstes solos. Provàvelmente originaram-se de produtos cineríticos vulcânicos, que fazem parte do material de cimentação do arenito Baurú-Cretáceo.

São solos, em geral, profundos e permeáveis; entretanto, casos há em que o arenito quase aflora.

São fàcilmente erosáveis, principalmente quando cultivados com plantas anuais, tais como o algodão. Devem sempre ser protegidos por todos os meios, contra êsses danos.

Dados químicos — Quando novos, são regularmente ricos em elementos trocáveis e mesmo no estado potencial.

Hoje em dia grandes produções de café e algodão do Estado de São Paulo provém dêsses solos. São, contudo, considerados solos de fertilidade efêmera, necessitando de adubações maciças de matéria orgânica e adubos minerais.

Culturas principais — Assentam-se nêsses solos cêrca de 70% de nossa cultura cafeeira e cêrca de 80% de nossa cultura algodoeira, além de boa parte da cultura de arroz (*Orysa sativa* L.) e milho.

LITERATURA CITADA

1. PAIVA, J. E. (neto). Considerações gerais sôbre a fertilidade da terra-roxa-legítima e o reerguimento da lavoura cafeeira nêsse solo. Bol. Supta Serv. Café, São Paulo 20:294-304. 1945.
2. ————, CATANI, R. A., QUEIROZ, M. S. & KÜPPER, A. Contribuição ao estudo dos métodos analíticos e de extração para a caracterização química dos solos do Estado de São Paulo. Rev. Agric., Piracicaba 21:417-458. 1946.
3. ————, & DE JORGE, W. Estudo preliminar do sistema água-solo-planta do Estado de São Paulo. Bragantia 7:[133]-150. 1947.
4. ————, KÜPPER, A., CATANI, R. A. & MEDINA, H. P. Estudo pedológico da Estação Experimental "Monte Alegre". São Paulo, Secretaria da Agricultura, Diretoria de Publicidade Agrícola, 1950. 76 p. (Publicação n.º 820).
5. ————, CATANI, R. A., KÜPPER, A. [e outros]. Observações gerais sôbre os grandes tipos de solo do Estado de São Paulo. Bragantia 11:[227]-253. 1951.

---

* Aula proferida no I CURSO POST-GRADUADO DE CAFEICULTURA, realizado sob os auspícios do INSTITUTO BRASILEIRO DO CAFÉ, no INSTITUTO AGRONÔMICO DO ESTADO DE SÃO PAULO, em Campinas, em 17-5-54.

Consumo de café da Europa

Um quadro do consumo da rubiácea "per capita" dos anos 1938 e 1954 mostra o potencial consumidor ainda não plenamente aproveitado, na atualidade dos países do velho continente.

PAÍSES	(Sacos "per capita")	
	1938	1954
Alemanha (Ocidental)	5,1	2,--
Áustria	1,2	0,7
Bélgica	6,1	4,8
Dinamarca	9,0	5,5
Espanha	0,3	0,2
Finlândia	6,8	6,7
França	4,4	4,0
Grécia	1,1	0,6
Itália	0,9	1,5
Noruega	6,6	5,1
Holanda	5,9	2,6
Portugal	0,9	1,--
Inglaterra	0,4	0,6
Suécia	8,4	6,7
Suiça	4,1	3,9

Ora, o consumo atual é evidentemente, menor. E', ainda, interessante observar que o consumo no norte da Europa, com exceção da Inglaterra, consumidor tradicional de chá, é relativamente muito mais alto que o dos países meridionais inclusive na Itália, sempre considerada o país clássico do cafèzinho — (Forum Econômico).

(Do "Diário de S. Paulo")

O PRECEITO DO DIA

CADA COISA A SEU TEMPO

Ninguém anda de capote em pleno verão: seria simplesmente obsurdo. Pois quem come feijoadas, muita carne e pratos gordurosos, nos dias de calor, comete absurdo ainda maior: fica como que encapotado por dentro.

Coma de acôrdo com o clima e as necessidades de seu organismo: no verão, evite as comidas gordurosas e muito condimentadas. — SNES.

Resumos e Transcrições

PELA DISCIPLINAÇÃO DA CULTURA CAFEEIRA

Proposição apresentada pelo *eng.-agr. Otavio Gali presidente do Clube dos Agrônomos de Campinas*, no *Centro Paulista de Debates Agronômicos*, por ocasião dos debates aí realizados para discussão dos problemas do café.

Reportando-nos ao tema "O café", ou "O cafeeiro", — essa planta longeva e fecúnda, e de fácil cultivo, portadora aparente, por fôrça destas características mesmas, do anatema das mais impressionantes e catastróficas crises ciclicas que vêm atormentando a economia do país, — não poderia deixar de apresentar, aqui, minha contribuição singela, em assunto de tanta atualidade. E isso porque, brasileiro, nascido em fazenda de café, filho orgulhoso de fazendeiro que foi outrora imigrante e colono, presenciei durante a minha infância o esplendor da fase cafeeira que teve o seu desfecho em outubro de 1929. Vi a corrida para as então terras novas da Noroeste, da Alta Paulista e da Alta Sorocabana, e mesmo o início da abertura do norte do Paraná para o café. Vi também, a surprêsa, o desânimo e o desespero estampados nos rostos dos fazendeiros que, de um momento para outro, passaram das facilidades e alegrias da abundância para as dificuldades e tristezas consequentes daquela brusca depressão econômica. Acompanhava com interêsse as conversas e discussões entre lavradores amigos, sôbre as medidas julgadas mais condizentes com a situação. Assisti, ainda menino, a algumas das grandes reuniões de lavradores das quais participaram autoridades estaduais de então — inclusive os saudosos João Alberto e Navarro de Andrade, respectivamente, interventor federal e secretário da Agricultura em São Paulo — e onde foram debatidas (tardiamente, portanto!), e deliberadas as medidas a serem tomadas para fazer frente àquela crise que assoberbava todos, e entre os quais, e como medida chave, a absurda queima dos excedentes dos estoques — o que correspondeu à eliminação da metade do café, produzido, beneficiado e transportado, durante um período de 12 anos. Assisti, enfim, a todo êsse ciclo financeiro do café, que culminou com o estado deplorável em que se encontram as melhores e mais bem situadas fazendas paulistas que outrora garantiam o equilíbrio do nosso comércio exterior, fazendas essas agora com o aspecto triste de suas então magnificas instalações e suntuosas sedes transformadas em ruinas, e as suas terras empobrecidas e depreciadas pela erosão, pela lavagem, pelo esgotamento e pela infestação de ervas más!

Vimos, então, os fazendeiros, em pleno zenite financeiro, na sua azafama de estender mais e mais as suas fontes de renda, numa corrida que talvez só encontre paralelo na célebre marcha para oeste norte-americano em busca das terras auríferas da Califórnia, inverterem os lucros de suas organizadas fazendas, no desbravamento de zonas novas para formar novos e maiores cafèzais, desprotegendo aquelas em favor destas para, depois, com a produção em massa de ambos, colhêrem o fruto amargo da superprodução, do desequilíbrio estatístico que trouxe a derrocada, então inevitável de nossas economia, naquele ano, e cujos efeitos até hoje se fazer sentir na situação de miséria em que se encontram a nação e o povo. Esses homens, nessa corrida desenfreada, não fizeram senão cavar com as próprias mãos a sua sepultura econômica, ou, em outras palavras, abrir o ventre da sua galinha de ovos de ouro.

Pois, o que estamos presenciando no momento não será a repetição do mesmo fenômeno, a mesma corrida em uma nova cíclica de expansão? A devastação incontrolada das remanescentes matas da Alta Paulista e do norte do Paraná, bem como o avanço dessa cultura para os Estados de Mato Grosso e Goiás, com suas consequências, em futuro já bastante próximo, de um novo desequlíbrio estatístico e de uma liquidação total de nossas reservas flôrestais, com seus nefastos reflexos no encarecimento da indústria de construções, e no flagelo ainda maior de um clima também desequilibrado?!

Seria a nossa geração fôrçada a assistir, mais uma vez, aquela degringolada economia, portadora das mais paradoxais situações de miséria e de fome em plena superprodução?

Estamos, tudo nos faz crer, já no vértice de uma curva até agora ascendente. Ela pode precipitar-se, de um momento para outro, em sentido inverso e numa verticalidade surpreendente. Urge, pois, tomarmos medidas rápidas e eficazes. Nada de improvisações, nada de soluções "a posteriori".

As características próprias da cultura cafeeira, que apontei no início — a sua longevidade, a sua fecundidade e a sua facilidade de cultivo — não podem ser consideradas negativas, não devem ser consideradas um mal,

sob pena de passarmos, com isto, um atestado de nosso fracasso! E isto agora, que já temos o problema cafeeiro resolvido do ponto de vista puramente agronômico, quer do ponto de vista quantitativo, possibilitando a plantação, mesmo em zonas velhas, de variedades e linhagens de alta produção e rusticidade, quer sob o ponto de vista qualitativo, com os trabalhos magnificos e de surpreendentes resultados do eminente técnico, cem por cento brasileiro, dr. Manuel de Barros Ferraz, que, com limitadissimos recursos, e com o auxílio de um único colega, o dr. Ari de Arruda Veiga, modesto, simples, mas de igual dedicação, valor e elevado espirito patriótico, conseguiu, em tempo recorde, dar-nos os esclarecimentos necessários, a chave do problema da produção dos cafés de bebida suave. Há de ficar na memória de todos nós o trabalho gigantesco destes dois ilustres agrônomos!

Um só problema se nos apresenta então, importante, grave assoberbando todos: o problema econômico. Será êle realmente insolúvel? Não haverá um meio sequer de suavizar-lhe os efeitos nefastos? Continuará êle desafiando todos? E' neste problema fundamental que devemos concentrar nossa atenção, pondo à prova nosso bom-senso, nossa capacidade orientadora. E foi com grande satisfação que vimos, tempos atrás, menções, sugestões oficiais, partindo mesmo da direção do organismo máximo do café — o I. B. C. — quando na sua direção já se encontrava o inlustre agrônomo João Pacheco e Chaves sôbre a necessidade de disciplinar a expansão da cultura cafeeira. E sentimos, então, que já estavamos em bom caminho, que palmilhavamos a trilha certa, que certamente iriamos dar um paradeiro, um refreamento àquela expansão desordenada.

Mas, a expansão continua e os preços do café ameaçam vir abaixo! E' hora, pois, de cuidarmos, sem perda de tempo, da disciplinação.

Porém, para que essa disciplinação seja exequível, necessário se torna que a mesma não fira interêsses pessoais, não fira interêsses regionais, não fira os interêsses da nação. Mas, e os outros países produtores? Poderemos disciplinar a cultura sem consultá-los, sem envolvê-los diretamente em nosso regime? Isso certamente demandaria longas e intermináveis negociações diplomáticas.

Levemos, porém, na devida conta, que o Brasil, ou mais precisamente o Estado de São Paulo e adjacências, são a mais extensa região do mundo com condições ecológicas as mais favoráveis para a cultura do café. E então poderemos concluir que, qualquer medida benéfica para nós, prevalecerá independentemente de seus reflexos nos demais países produtores.

E é nesse sentido, pois, que ouso aqui apresentar uma proposição, que acrédito não ferir, os interêsses citados e que suponho de fácil exequibilidade, pois que simples é ela na sua proposição mesma, *que é a de não se pemitir, no âmbito federal, a nenhum indivíduo, seja qual fôr a sua condição financeira, raça ou nacionalidade, plantar mais do que uma determinada área de sua propriedade (digamos, 20, 30 ou mesmo 50%) com café.*

Essa medida, tão elementar, trazer-nos-ia certamente, como seria óbvio aqui enumerar, a preservação da derrubada a eito de nossas matas, a formação de fazendas mistas e de culturas diversificadas, um melhor critério na escolha dos terrenos destinados às culturas que mais facilitam a erosão, uma soma, enfim, de vantagens que me dispenso de enumerar, tão evidentes se tornam.

Mas, o que sobretudo a tornaria eficaz, seriam a estabilidade, o ritmo firme e lento da expansão da cultura do café. Este poderia, assim, num crescendo moroso e progressivo, acompanhar a expansão dos mercados mediante uma política exterior menos sectaria e mais condizente com nossos interêsses de nação soberana.

NOVO SISTEMA DE FINANCIAMENTO DE CAFE'

Valter LAZZARINI
(Engenheiro-agrônomo)

Sendo o café a cultura principal de São Paulo, êle se beneficia das melhores terras, melhores lavradores e melhores tratos das fazendas. No entanto, de acôrdo com as estimativas de safra da Secretaria da Agricultura, a média de produção de São Paulo nos dois últimos anos — 1953-1954 — foi de 27 arrobas por 1.000 pés, equivalendo aproximadamente a 395 quilos de café limpo por hectare, que é muito pequena.

O milho, cultura de menor importância, plantado em geral em condições muito inferiores, produz em média, em São Paulo, cinco carros por alqueire ou cêrca de 1.440 quilos por hectare, portanto, quase quatro vêzes mais que o café, na mesma área.

A média de produção de nosso café, assim tão baixa, se deve a diversos fatores, podendo-se assinalar como principais: variedades pòuco produtivas, esgotamento do solo, espaçamento exagerado e longo período de tratos deficientes.

Variedades — A grande maioria das lavouras de São Paulo foi plantada com café comum e "bourbon vermelho" sem nenhum cuidado de melhoramento. Hoje, já temos seleções de café, especialmente "mundo novo" e "bourbon amarelo", de maior capacidade produtiva que as antigas variedades.

Esgotamento dos solos — Em 20 anos de cultivo, sem os necessários cuidados, podemos dizer que nossas terras estão consadas, porque elas perdem nesse período grande parte dos elementos minerais assimilaveis. Isso se dá especialmente nas terras arenosas, seguidas das roxas e ambas suportam a maior parte dos cafèzais paulistas.

A não reposição dos elementos minerais gastos e também um longo período de trato deficientes ao café, tornam-no pouco produtivo.

Espaçamento exagerado — O café, que inicialmente estivera fechado, hoje se apresenta com espaçamento exagerado, perdendo em geral de 2/3 a 3/4 da área do terreno. Os diâmetros das saias dos cafeeiros da maioria das lavouras de São Paulo, em média não são superiores a 2 m. o que dá uma área efetiva coberta de pouco mais de 3 m2, enquanto a distância mais usual entre as plantas é de 16 x 16 palmos, o que equivale a mais de 12 m2 que deveriam ser ocupados por um pé de café. Há, assim, perda de 9 m2 por planta, além de ser, por isso, maior o terreno a capinar, com maior quantidade de mato fazendo concorrência aos cafeeiros, raios solares que no verão as castigam severamente, maior facilidade de erosão, maior número de braços, etc., enfim, uma série de fatores negativos prejudicando a produção.

Uma lavoura nessas condições — e grande parte é assim — difìcilmente pode ser recuperada e é muito mais fácil e econômico o seu arrancamento e substituição.

Recentemente, nesse sentido, o eng.-agr. Antônio Junqueira, apresentou interessante sugestão para que o Banco do Brasil financie as lavouras de café onde são plantadas culturas intercalares, desde que o lavrador se obrigue a arrancar uma parte dela, evidentemente a pior e faça nova plantação de café em bases técnicas.

E' inegável que o Banco do Brasil, apesar das críticas que sofre, é o maior financiador de nossa produção agropecuária e está cada vez mais melhorando seu sistema de crédito, dando um aspecto técnico a êle, em vez de ser um puro e simples empréstimo de dinheiro. Tem o Banco do Brasil procurado financiar especialmente certas práticas agrícolas que são melhoradoras de nossa agricultura, como combate erosão, adubação, etc. Da mesma forma evita financiar café com culturas intercalares.

Sob o ponto de vista técnico está certo o Banco do Brasil, pois sabido é que as culturas intercalares concorrem com o café, prejudicando a sua produção em cêrca de 14 a 21%, conforme a cultura intercalar e a sua intensidade, segundo dados apresentados pelo eng.-agr. José Estevam Teixeira Mendes, em boletim da Superintendência dos Serviços do Café.

Analisando-se, porém, a questão sob o ponto de vista social-econômico, somos forçados a reconhecer o acerto da proposição do sr. Antônio Junqueira Reis e que os financiamentos feitos pelo Banco do Brasil para lavouras com produção abaixo da média, apenas estimulam uma agricultura, senão deficitária, pelo menos de pequeno rendimento, antieconômico, sem vantagem para o próprio

lavrador ou para a nação. Com o plantio de cultura intercalar nesses cafèzais haverá maior facilidade em seu trato, aumento na produção de gêneros alimentícios e melhoria de nossa agricultura pela substituição progressiva das piores, lavouras, uma vez que é evidente que só nessas seriam plantadas culturas intercalares e só essas seriam arrancadas.

Na mesma área poderia ser plantado aproximadmente o dobro de cafeeiros que existiam anteriormente, de variedade selecionada, com combate à erosão, adubação correta, espaçamento mais junto, do que resultaria cultura mais produtiva por planta e muito mais área.

Como arrancariamos as lavouras menos produtivas e em seu lugar poríamos o dobro de plantas muito mais produtivas, teòricamente poderíamos ter depois de alguns anos a renovação de 50% da área de café de São Paulo, com o mesmo número de cafeeiros que existe atualmente. Ficariam sobrando os restantes 50% da lavoura atualmente mais produtiva, que, com o correr do tempo, ao se tornarem desinteressante, sob o ponto de vista econômico, poderiam também ser substituidos, por novos cafèzais, ou então por qualquer outra exploração que fôsse aconselhável na ocasião.

Devemos considerar que se aumentarmos a produção e diminuirmos o seu custo, podemos despender mais na colheita e preparo do produto, melhorando-o, o que se faz necessário em nosso país para enfrentar a concorrência dos outros produtores. Com produto melhor e mais barato, acreditamos que podemos retomar nossa posição nos mercados mundiais, que temos perdido continuamente e também conquistar novos mercados.

Café de qualidade superior e de baixo custo de produção sempre será menos temeroso que o fantasma da superprodução.

A agronomia paulista está hoje plenamente habilitada a organizar um programa nesse sentido e orientar a formação de novos cafèzais em bases mais racionais e econômicas.

(Da "Fôlha da Manhã")

Arruação no cafèzal

A arruação é uma prática que consiste em limpar o chão ao redor do cafeeiro, a fim de que os grãos de café não se percam e possam ser recolhidos com facilidade. Pode-se considerar a arruação como um mal necessário, pois se de um lado facilita a colheita, de outro prejudica os cafeeiros, pelo corte e exposição ao sol das raízes superficiais.

O ideal seria não fazer a arruação, procedendo-se à derriça no pano ou, quando possível efetuar a colheita de cereja a dedo. Não se podendo usar esses dois tipos de colheitas, deve-se procurar diminuir os prejuízos causados pela arruação. E neste caso, os cuidados a serem tomados são estes:

Executar a arruação o mais tarde possível, quando se iniciar a maturação dos frutos.

A arruação deve ser feita superficialmente, raspando o solo o mínimo possível, procurando executar o trabalho com um rastelo e não com a enxada.

Limitar a raspagem do solo a um círculo apenas, pouco maior do que o ocupado pela "saia" dos cafeeiros.

Deve-se estar preparado para executar a operação contrária — a esparramação — tão logo que se puder. Seria mesmo mais interessante proceder a "esparramação" por talhão, à medida que fôr completada a colheita.

(Do "Correio Paulistano")

OBSERVAÇÕES PRÁTICAS SOBRE A ADUBAÇÃO DO CAFEEIRO

Sigmar KAUFMANN

"Pensar na agricultura sem pensar no lavrador é pura ginástica intelectual" — Paulo Cuba

Há cêrca de dez anos esta folha levou ao conhecimento dos lavradores minhas atividades sôbre a cultura e restauração cafeeira. Estas publicações foram efetivamente iniciadas pelo saudoso engenheiro agrônomo Hélio de Morais através de uma conferência realizada no Instituto Agronômico de Campinas, em que se referiu aos "milagres" que estava fazendo, e com o artigo do engenheiro-agrônomo Paulo Cuba "Surge em Jaú um Novo Horizonte Para o Cafeeiro". Estas publicações, feitas sem meu conhecimento prévio, levantaram extraordinário interesse, começando assim verdadeira romaria para a "Banharão Velho". No início, isso me trazia prazer, mas no decorrer de anos, canseime de receber mais de uma dezena de visitas por dia muitas delas voltando diversas vêzes. Seguiram-se então muitos comentários, críticas e até ataques cujos motivos não tinham geralmente relação com o próprio assunto. Remontando a esses fatos, nota-se uma verdade incontestável: "enquanto naquela época falava-se ùnicamente em ''terras cansadas'', temos a satisfação de constatar que agora já se fala frequentemente em ''terras restauradas''.

Desde que as circunstâncias me obrigaram a deixar "Banharão Velho", venho observando cada vez mais o interêsse que o lavrador tem de se orientar sôbre os resultados práticos daquelas experiências. Ainda recentemente, uma revista publicou um trabalho sôbre os efeitos da adubação profunda, demonstrando mais uma vez o interesse pelo assunto.

O caso do café constitui um assunto especial. Tudo que pudemos aprender na teoria e no estrangeiro se refere a cereais e plantas anuais; poucas indicações encontramos sôbre plantas perenes, que têm as suas particularidades, ficando dezenas de anos no mesmo lugar, extraindo as mesmas matérias para a sua subsistência e para as suas colheitas. Precisamos manter o seu vigor e a sua alimentação e temos de distinguir a alimentação das plantas e a manutenção da fertilidade do solo. Mas aqui surge um problema muito complexo, pois não existem "passe partout" ou "fórmulas completas" para empregar cegamente em qualquer solo, baseadas nos resultados obtidos ou nas indicações provenientes da análise química do solo. Os leitores que seguirem minhas publicações e os inúmeros colegas que me visitaram durante anos, sabem bem que estas indicações não são suficientes. Cada solo tem as suas particularidades, suas exigências e suas reações e temos de considerar o problema da adubação como bloco indivisível que o trata e resolve em conjunto, sob todos os aspectos. Não basta só falar de um ou de outro fator, tentando resolver este problema com fragmentos, que podem em si ser certos em determinadas circunstân-

cias e ficam sem efeito quando faltam os demais elementos para fazer harmonizar o conjunto. Na ciência ou na indústria, qualquer fórmula ou aparelho, por complicado que seja, tem as suas normas que podem ser traçadas e controladas minuciosamente e qualquer desacordo se manifesta instantaneamente: a máquina para e não produz. Na agricultura não temos base uniforme, nem os nossos erros são visíveis no instante, nem o engenheiro possui conhecimento exatos para poder avaliar e remediar os erros. Para chegar ao nosso objetivo, temos nós, agricultores de acompanhar com nossos próprios olhos o que estamos fazendo, observando e notando os efeitos; isso fiz durante mais de dez anos em diferentes terras, não observando só os efeitos por fora, mas acompanhando as reações de minhas intervenções dentro do solo e cujos efeitos parciais tenho o prazer de apresentar documentados pelas fotografias tiradas na própria lavoura.

Não pretendemos opinar aqui sôbre a qualidade do adubo, mas apenas hoje discutir a maneira de sua aplicação (profundidade, época, etc.). Pudemos constatar as diferenças de produção numa determinada zona entre os vizinhos, cafeeiros que crescem no mesmo solo e no mesmo clima. Encontramos colheitas exuberantes em zonas fracas, e de outro lado, cafèzais deploráveis nas melhores zonas. O lavrador teria nessa comparação o melhor caminho para apurar por si os motivos, destas diferenças e as associações rurais, como as casas da lavoura, poderiam bem entrar ém ação como intermediários para orientar as suas respectivas zonas.

Não se pode falar de adubação cafeeira sem mencionar o nome do grande cientista austríaco, Dafert, primeiro diretor do Instituto Agronômico de Campinas, o qual foi o iniciador dos trabalhos básicos da adubação cafeeira em nosso país:

"Os únicos que sabem completamente como o cafeeiro deveria ser adubado são certos negociantes do Brasil, da França e de Java; cada qual "baseado em experiências práticas" vende " o melhor adubo para o café."

Passados mais de sessenta anos, lemos em uma publicação recente do prof. Mitscherlich, a maior autoridade contemporânea em assuntos de adubação, quase as mesmas palavras:

"Esta consulta sôbre a adubação é objetiva. Ela não inspira qualquer vantagem especial a qualquer indústria de adubos, cujo interêsse é o de promover a venda de seus produtos mediante as suas próprias conclusões sôbre à adubação. Não é de interêsse da nossa agricultura que as prescrições sôbre a adubação continuem a ser executadas por alguns industriais de adubos."

Muito se tem cogitado últimamente, no Brasil, desse assunto e, em muitos casos, o lavrador perde o seu trabalho e o seu dinheiro, mas o mais grave é que o lavrador dedicado fica desanimado e perde toda a confiança no futuro. Em muitos casos, não é a própria matéria que está causando os malogros; o modo de aplicação e a época conveniente são também fatores preponderantes e decisivos para favorecer ou desfavorecer o resultado da adubação. E' justamente sôbre os fatores e efeitos que afetam esse resultado que se encaminhou o meu interesse. Fiquei curioso em conhecer os motivos pelos quais num caso a minha intervenção estava dando resultados positivos e em outro, com a aplicação da mesma matéria, o resultado tivesse sido, às vezes, totalmente

negativo e o meu trabalho, consequentemente perdido.

Pretendo apresentar as linhas principais dessas observações para metodizar a adubação do cafeeiro, experiências e sugestões que cada lavrador poderá continuar a fazer com seus próprios esforços e possìvelmente ampliar o que ora apresento.

Suponho que os leitores conhecem a história de minha atividade no Brasil. Tenho a satisfação de verificar sempre e cada vez mais que o meu papel de cobaia não serviu só para salvar a minha própria situação, pois o exemplo se divulgou ràpidamente. Nos primeiros anos de permanência no Brasil, ouvi falar de "terra cansada" mais vezes que durante toda a minha vida até então. Hoje, o exemplo da restauração das lavouras e das terras se alastram dia a dia e se fala muito de adubação, matéria orgânica, composto, etc.

Em fins de 1942, depois da minha primeira colheita, enxerguei o que ninguém tinha coragem de me dizer. Todo mundo, e com justa razão, estava de acôrdo ém que eu estava "quebrado", e os fatos não permitiam nenhum meio para salvar a minha situação. Hoje todos sabem que eu ganhei a batalha e que essa batalha não é mais um caso particular — o do "Banharão Velho". Temos milhares de fazendas que se estão tornando cada vez mais antieconômicas e inúmeros lavradores, ansiosos para salvar a sua própria situação. Os motivos que me permitiram restaurar as minhas terras e plantas são indiscutíveis, porque se assentam em fatos, que não se discutem. Restaurei as minhas terras, principalmente, porque acabei com o sistema de colonato e esta modificação do sistema de trabalho — esta única modificação — apenas permita-me empregar uma adubação intensa e sistematica que, com o sistema de colonato nunca teria sido possível.

Tendo alcançado o meu primeiro objetivo, com a abolição do sistema do colonato, com suficientes trabalhadores à minha disposição, foi sòmente nesse momento que pude proceder ao tratamento completo do cafeeiro.

Não sendo possível nestas linhas entrar em detalhes, vou-me limitar aos pontos principais. Espero, como no caso do composto, dar-lhe publicidade mais ampla, em outra oportunidade.

A QUANTIDADE DE ESTÊRCO

"50 litros", diziam todos. Era uma norma que existia ainda há pouco tempo. Admito que uma quantidade de estêrco (nesta época ainda não se falava de composto) faz muito bem ao cafeêiro adubado, mas faz mal maior nos quatro cafeeiros que nada receberam devido ao fato de um cafeeiro privilegiado receber uma quantidade elevada, nada deixando para os outros quatro famintos. Êstes quatro cafeeiros deveriam então esperar de um a quatro anos para receber os "50 litros" por cinco cafeeiros, cabendo assim 10 litros para cada um, e esta quantidade foi aplicada anualmente.

QUALIDADE DO ESTÊRCO

Não usei o sistema de puxar o estêrco para o carreador antes de sua aplicação, pois o sol e a chuva desperdiçavam a maior parte do seu valor fertilizante. Organizei o meu serviço de maneira a transportar o estêrco no dia de sua aplicação, porque quem faz covas não puxa estêrco, e quem puxa estêrco não se ocupa com a adubação.

A FALHA DE CAFE'

Este material precioso constitui uma fonte de valor apreciável na fazenda e era preciso aproveitá-lo ao máximo possível. Vejamos uma de minhas primeiras experiências sôbre o assunto.

Nos primeiros meses já tinha formado idéia sôbre o emprêgo deste adubo importante para meus cafeeiros decadentes. Tinha em vista especialmente um talhão de 6.000 cafeeiros, em grande parte abandonados e desde dois anos sem capinação, e que por isso mesmo queria restaurar em primeiro lugar. Indiquei então ao meu administrador o talhão para onde a palha deveria ser transportada. No dia seguinte, quando a palha estava totalmente removida para o cafèzal, necessitava de trabalhadores para fazer a sua distribuição. "Já está feito — respondeu orgulhosamente o meu administrador — foram os próprios carroceiros que a esparramaram". Fui então verificar o serviço e com espanto constatei que esse material em que colocava tantas esperanças fora simplesmente "jogado" no tronco de cada cafeeiro, "distribuindo-se" um jacá de 50 litros (sempre estes 50 litros) também nos tocos e falhas. Aquela preciosa palha, destinada a 6.000 cafeeiros — se fosse bem distribuida — tinha sido prodigalizada a apenas 800!

Atualmente, quase todos sabem que há outras possibilidades para esta palha e poucos continuam a adubar desta forma e quem o faz, pelo menos não se acha tão convencido de seus resultados como há alguns anos.

ANÁLISE DO SOLO

Muitos me falavam sôbre a possibilidade de analisar o solo. Sôbre este assunto, em cujo mérito não pretendo entrar, posso apenas afirmar que a agronomia moderna está cada vez mais se desligando da lei do "minimum", de Liebig, pela qual o mundo esteve hipnotizado durante quase um século, deixando de lado outros fatores que estão também determinando as colheitas e a fertilização do solo. Não há dúvida de que uma análise química é quìmicamente exata, mas, agricolamente ela não resolve todos os nossos problemas. Já o problema biológico que se desenvolveu com as descobertas de Pasteur, surgidas bem mais tarde que a lei de Liebig, demonstra que não podemos tratar do assunto sob um unico aspecto.

Sôbre a aplicação do adubo, aspecto dos mais importantes da adubação do cafeeiro, voltaremos em próximo comentário.

FERTILIZAÇÃO, FINANCIAMENTO E MELHOR QUALIDADE PARA O CAFE'

Reivindicações dos lavradores do Sul de Minas

Na recente visita que a Diretoria do Instituto Brasileiro do Café fêz a Varginha, Sul de Minas, os lavradores locais tiveram ensejo de demonstrar sua alta compreensão dos problemas que envolvem a lavoura cafeeira, discutindo o complexo assunto com cabal conhecimento. O presidente da Associação Rural de Varginha sr. José Adélio de Rezende, por exemplo, apreciou a função do café na economia brasileira, exaltando o IBC a que de acatamento às sugestões dos cafeicultores e multiplique as reuniões de agricultores, como a realizada naquela cidade mineira.

O cafeicultor sr. José Ovidio Reis examinou a crise de exportação preconizando a descentralização e a diversificação agrícola, e lembrou ao Instituto a trabalhar pela melhoria da qualidade do nosso café. Considera o referido lavrador que não é justo que o café carregue quase sòzinho com os encargos econômicos do país. Disse que a sobrecarga da lavoura nacional é grande e injusta, cabendo ao café arcar com quase todo o ônus, permitindo à nação que sobreviva e transformando as cambiais e combustíveis que movimentam o país. Pugnou pela maior utilização dos fertilizantes e por providências que baixem o custo da produção, possibilitando a sua maior exportação. Pediu ainda, financiamento de três anos a juros módicos, assistência técnica e que o produto local levasse o timbre "Café do Sul de Minas" dada a excelência de sua qualidade.

O sr. Haroldo Junqueira, membro da Junta Administrativa, presente à reunião, discorreu sôbre o novo regulamento de embarques, manifestando ponto de vista contrário à sustentação dos preços, encarecendo ainda a necessidade de ser intensificada a propaganda do consumo do café e reivindicando a aplicação dos ágios nessa propaganda.

Falando em nome do IBC, o diretor Newton Ferreira de Paiva anunciou a importação de grande quantidade de adubos, a serem entregues aos lavradores pelo preço de custo bem como a assinatura de acôrdos com as Secretarias de Agricultura para combate à broca.

(Do Correio Paulistano)

Uma séria doença do cafeeiro

SEBASTIÃO SILVA
Engenheiro-Agrônomo

Os primeiros números do "Bulletin d'Information de l'Institut National pour d'etude Agronomique du Congo Belge" trazem preciosas informações a respeito de uma doença que está devastando as plantações do cafeeiro (coffea robusta) naquela zona. Espécie, pertencente ao grupo "robustoide", no qual se incluem o *"C" robusta, o "C" canephora* — (considerado o tipo do grupo) e muitas variedades, encontra-se em estado nativo na África, de onde se espalhou. Caracteriza-se pelo porte magestoso caule geralmente múltiplo, proporções maiores que o "C" arabica, rusticidade, precocidade, grande produtividade, porém dando bebida considerada neutra.

Segundo FRASELLE E GEORTAY, autores de um dos trabalhos do citado Bull, du INEAC, além de grande intensidade na Costa do Marfim (seg. Jacques-Felix 1950), a doença também grassa em Ubanghi-Chari (Saccas, 1950), atingindo aí, 15.000 ha. de plantações. Assim pode-se ver que a dispersão do agente causador da doença é bem grande.

O primeiro a isolar o patógeno, *Fusarium xylarioides*, foi R. L. Stayaert, em estudos realizados nas províncias de Aba e Bangui, em 1948, quando Chefe da Divisão de Fitopatologia do INEAC.

A doença, chamada traqueomicose, sòmente depois de 1949 foi considerada epidêmica no Congo Belga. Os autores dão os seguintes sintomas:

Externos: As fôlhas amarelecem ou ficam pardacentas podendo encresparem-se antes de tomarem aquelas colorações e cairem antes mesmo de um secamento completo e os ramos do alto da copa mostram as pontas secas. Os frutos enegrecem e tornam-se imprestáveis. No tronco nota-se que a casca se hipertrofia e se fendilha, tomando coloração negra ou pardacenta. A madeira subjacente também se colore até profundidade variável. Olhando-se para um tronco com estas características vê-se lista vertical ou ligeiramente inclinada, de largura variável, e com coloração acima descrita. Este quadro dá ao cafeeiro um aspecto característico da doença. Esta lista, visível mesmo desde o coleto ou das raízes superficiais, identifica, ràpidamente, o indivíduo atacado, e vai até os ramos mais inferiores. No coleto há geralmente maior intensidade, podendo-se notar pequenos corpos arredondados azuis escuros, que são a frutificação do fungo.

Internos: Os sintomas microscópicos são fàcilmente identificáveis. O micélio do fungo é perfeitamente visível tanto na madeira jovem como na casca. Os vasos ficam cheios de micélio incolor e estão geralmente obstruídos pelos tilos e por substâncias gomosas; é isto que causa o definhamento da planta.

Os autores acentuam que os sintomas próprios da doença são o enegrecimento da casca e a coloração parda que adquire a madeira subjacente a ela, de forma que as listas aparecem nítidamente. A importância do conhecimento dêsses sintomas não necessita ser relevada: êles permitem identificar os doentes, possibilitando medidas de cura, eficientes.

Os principais característicos do parasita são dados em seguida: O patógeno é um cogumelo de micélio filamentoso, encontrado na madeira jovem, e, em algumas vêzes, nos outros tecidos. Pode dar origem a conídias exteriores, quando existirem condições particulares do meio. Os esporos disseminam a doença, podendo o patógeno viver muito tempo no terreno em restos de madeira. Nesta forma de conídias tem o nome de *Fusarium xylarioides* Stayaert enquanto na forma perfeita, na qual da origem a periféćios e ascas com ascosporos, recebe o nome de *Gibberella (Carbuncularia)* xylarioides, proposto por Helm Saccas. Os corpusculos globosos que aparecem nas fendas da casca atacada são exatamente os perifécios.

Como principais fatores que influem na disseminação, fato ainda sem explicação total, os autores discutem os seguintes:

a) Modo de dispersão do parasito (a disseminação aérea dos germes é muito mais importante do que por intermédio do solo);

b) os diversos gráus de susceptibilidade das diferentes linhagens de cafeeiro (em Yangambi notaram que algumas são muito susceptíveis, enquanto outras demonstram certa resistência);

c) a idade do cafeeiro (ainda que o ataque possa surgir no viveiro, a entrada em

produção parece aumentar a extensão do ataque);

d) os traumatismos e ferimentos durante as práticas culturais podem contribuir para aumentar a infestação. A forma do cafeeiro parece influenciar; em Yangambi, verificam-se que os multicaules apresentam maior índice de infestação.

Métodos de combate:

Linhagem resistente — existem observações de que certas linhagens apresentam menor receptividade que outras, entretanto esta medida não está em franca execução.

Medidas curativas e preventivas — nas condições atuais os autores recomendam as seguintes:

1 — Inspeções fitossanitárias constantes na plantação com a finalidade de descobrir focos de disseminação;

2 — identificação de todo e qualquer caso de tranqueomicose, pelo exame acurado de todo pé anormal sob qualquer ponto de vista dentro do quadro sintomatológico da doença;

3 — marcação dos pés doentes, por meio de sinal visível; e

4 — tratamento imediato:

a) pela destruição dos germens nos tecidos superficiais, pelas pulverizações com carbolineum a 10% aquoso, ou com calda bordalesa forte nos órgãos aéreos;

b) pela erradicação dos pés doentes, queimando todos os órgãos, inclusive as raízes, na próprio local onde êle estava plantado.

Antes de fazerem recomendações quanto à maneira de remeter material fitopatológico para exame do "laboratoire Central de Phytopathologie de Yangambi" os autores expõem a organização de grupos para o contrôle, no campo da disseminação do patógeno. Êstes grupos são: equipe de inspeção (que percorre sistemàticamente a plantação seguindo um esquema pre-estabelecido); equipe de pulverização (de caráter executivo); equipe de erradicção e queima (também executiva), e finalmente, a equipe de contrôle géral dos trabalhos.

FRASELLE VALLAYES e DEKNOT, em outro trabalho no mesmo periódico, descrevem pormenorizadamente a execução das medidas contra a traqueomicose, concluindo que ainda sendo uma doença grave, as medidas têm resultado num contrôle do mal, pelo extermínio de grande número de focos.

Para elaboração da presente nota foram especialmente consultados os trabalhos abaixo:

Fraselle, J. V. et G. Georday, 1952; Une grave maladie du caféier "robusta"; la trachéomycose. Advertissements et conseils aux planteurs. Bull, INEAC 1(1-2): 87-102.

Fraselle J. V. G. Vallaeys et O. de Knop, 1953; La lutte contre la trachéomycosed u caféier à Yangambi et le probléme que pose actuellement cette maladie au Congo Belge. Bull. INEAC 2(6): 373-394.

Ferreira Filho J. C. Elemento de Agricultura Geral, 1927.

Ferreira Filho J. C. Cultura do Café. SIA 1925: 2a. Ed. — 1949.

Camargo, R. e Adalberto de Queiros Telles Jr. O café no Brasil; vol. I; SIA Série Est. Brasil, n.º 4 — 1953.

Milanez, F. R. e J. Joffily, 1942; Estudo sôbre a fusariose do algodoeiro, Rodriguesia, ano V, n.º 14.

Krug, H. P. 1936; Fusarium como causador da murcha do algodoeiro no Brasil, Rodriguesia, ano II número especial; Anues da primeira reunião de phytopathologistas do Brasil. Hunnicut, B. H. Algodão, cultivo e comércio 1936.

Direction de l'agriculture de l'elevage et des forêts; Sec.

Tch. d'Agriculture tropicale (Min. de la France d'outre mer).

Bull. Sci. n.º 5. "Contribution a l'etude du Caféier en Côte d'Ivoire", 1954. (Neste boletim há diversos trabalhos sôbre o assunto).

("Correio da Manhã — Rio").

SOMBREAMENTO DO CAFÉ

Sugere o leitor Brás de Moura (rua 13 de Maio, 72 — capital):

"Se quiserem prestar um bom serviço aos cafeicultores, entre os quais me incluo, façam um grande, um insistente apêlo a todos, os fazendeiros que tenham sombreado seus cafèzais para que escrevam à FÔLHA DA MANHÃ, contando o resultado de suas experiências. E' um problema que até hoje não está resolvido: uns dizem que é muito bom, outros dizem que a árvore sombreada dá fôlhas mas não da café: enfim, penso que não se chegou ainda a um acôrdo.

"Eu, até hoje, não tive coragem de sombrear meus cafèzais. As pessoas que responderem devem dar seus endereços e dizerem se permitem uma visita às suas fazendas. Penso que o sombreamento protegeria o cafeeiro. O seguro também seria bom, pois operaria como um controlador automático do excesso de plantações, que seriam destruidas periòdicamente. Nos demais processos não creio: são impraticáveis:"

Achamos interessante o alvitre do lavrador, o qual deveria ser atendido pelos seus colegas que, principalmente nas áreas de geadas, possuam cafés sombreados.

(Da "Fôlha da Manhã")

★

10 MILHÕES DE SACAS POR ANO O CONSUMO DE CAFE' NA EUROPA

Na base de estimativas de Jacques-Louis Delamare, do Havre, o consumo de café na Europa parece ter-se estabilizado na base de 10 milhões de sacas por ano. Acentua êsse observador que o consumo anual "per capita", nos dez principais países importadores do Velho Continente, caiu de 4,35 kg. em 1937, para 3,70 kg em 1953.

A queda do consumo foi sensível nos países da Europa Ocidental (exclusive a Rússia que importaram 1,2 milhões de sacas em 1937 e agora limitam suas compras a 84.000 sacas por ano. Diz Delamare que, se aqueles países pudessem adquirir livremente a rubiácea, na base do consumo "per capita", da Europa Ocidental em 1953, isso significaria que as importações européias atingiriam 15,5 milhões de sacas. Aliás, é interessante notar que a missão econômica da Alemanha Oriental, que há pouco visitou a Colômbia, declarou que a Europa Oriental está disposta a comprar café nêsse país.

(Da "Fôlha da Noite")

O Café Visto nos Estados Unidos

N.º 931 CARTA SEMANAL DO MERCADO 6 de Maio de 1955

SITUAÇÃO ECONÔMICA

Aspectos gerais: De acôrdo com um estudo feito pela organização "20th Century Fund", intitulado "America's Needs and Resources: A New Survey", os negócios nos Estados Unidos alcançarão, em 1960, um novo recorde de prosperidade. "20th Century Fund" é uma entidade estabelecida para a realização de estudos econômicos e sociais. Segundo o dito estudo, em 1960 a população norte-americana será de 177 milhões e o valor da produção nacional (incluindo-se produtos e serviços), alcançará a cifra de $414.000.000.000, ao passo que atualmente a população do país é de 164. Espera-se também que a renda média de uma família nos Estados Unidos seja de $6.000 em 1960, ao passo que em 1954 foi de $5.330. No setor do comércio internacional, haverá também grande aumento, especialmente na exportação de mercadorias norte-americanas, inclusive a exportação de capital, o qual duplicará, naquela data, o total registrado no ano de 1950, calculando-se que as rendas procedentes do estrangeiro excedam de 35% o total do capital investido anualmente. A balança comercial dos Estados Unidos será favorável, excedendo folgadamente a ajuda econômica dada ao estrangeiro, as despesas feitas pelos turistas, as remessas pessoais de dinheiro e as doações para o exterior e os pagamentos pelos serviços prestados pela marinha mercante de outros países. O aumento das rendas e o crescimento da população, nos anos próximos, implicam um aumento correspondente no mercado interno, em que o café poderá, como outros produtos, um consumo também muito maior.

Comércio Internacional dos Estados Unidos: Os importadores e os exportadores norte-americanos estão ativos, tendo os seus negócios ultrapassados, em Março, no nível de qualquer outro mês, em muitos anos, segundo informa o Departamento do Comércio: o valor das exportações foi de $1.200.000.000, o mais alto observado desde a primavera de 1952, ou 35% acima do mês de Março de 1953, ao passo que o valor das importações foi o maior havido nos dois últimos anos, no total de $998.000.000, ou 16% acima do mês de Março do ano passado.

Vendas a prestações: Durante o mês de Março, o volume das vendas a prestações aumentou em cêrca de $500.000.000, de acôrdo com estimativas da Junta da Reserva Federal. No mês de Março de 1954, houve uma diminuição de $200.000.000 nêsse setor. O aumento de Março dêste ano decorre principalmente do maior volume de compras de automóveis, num valor acima de ...... $400.000.000. As compras a crédito outras mercadorias em geral declinaram, embora menos do que era de se esperar nesta época do ano, ao passo que o volume dos empréstimos pessoais aumentou. Em Março, registrou-se um novo recorde no total das compras a prestações, com $23.000.000.000.

Mão de obra nas indústrias: O número de pessoas empregadas aumentou em Março, Segundo o Bureau de Estatísticas do Departamento do Trabalho, o aumento de Fevereiro para Março foi o maior até agora observado, dêsde o

fim da guerra passada. O incremento da mão de obra teve lugar especialmente nas fábricas de móveis, de máquinas industriais e de maquinismos elétricos Correspondentemente, aumentou a produção dessas fábricas, o mesmo acontecendo com as de produtos químicos. O número de pessoas que deixaram o trabalho também aumentou, mais do que geralmente se espera nesta temporada — sendo que o abandono de emprêgo indica também que os trabalhadores se acham confiantes de que poderão conseguir outros trabalhos.

Mercado da Bôlsa: O mercado de valores esta semana teve um movimento intermitente de vendas, com preços ligeiramente aumentados. Na sexta-feira passada, a média desceu 2.82 pontos, com um decréscimo correspondente no o volume das transações, as ações das companhias de aviação e de aço com as maiores baixas. No meio desta semana, as liquidações causaram novas baixas, em que as ações das companhias mais populares perderam de 1 a 5 pontos. As baixas se observaram em 2/3 das transações realizadas na Bôlsa, durante a têrça-feira.

MERCADO DO CAFÉ

Aspectos gerais: No fim da semana passada, os comerciantes e os observadores esperavam que o govêrno brasileiro anunciasse novas modificações na sua política do café e do câmbio, o que teve como efeito ativar as vendas no mercado a têrmo. Não foi feito nenhum anúncio oficial sôbre essas questões, mas na segunda-feira o Sr. Alkindar Junqueira foi nomeado Presidente do Instituto Brasileiro do Café, e, na têrça-feira, o Instituto anunciou que os exportadores poderiam registrar o café de exportação por preços abaixo dos fixados oficialmente em Junho passado uma vez que o Instituto não estava comprando mais café; além disso, custou que os novos preços se conformariam com os níveis do mercado local, de 1 Cruzeiro por quilo abaixo do mínimo oficial, e que os preços mínimos de exportação não seriam abandonados nem os preços Locais seriam garantidos. Tôdas essas notícias, como de costume, tiveram mais influência no mercado a têrmo do que no de físicos e, entrementes, as pessoas e as organizações, interessadas aguardam com interêsse a reunião do Conselho Diretor do Instituto, a realizar-se no dia 16 do corrente, em que serão determinados os regulamentos relacionados com o embarque e a exportação da nova safra, que se inicia no mês de Julho vindouro.

Mercado a têrmo: No fechamento de sexta-feira, os preços estavam de 131 a 200 pontos mais abaixo, num volume de 543 lotes negociados. As vendas se avolumaram com as notícias procedentes do Brasil, ante a expectativa de novas mudanças na política do café e do Cruzeiro. Na segunda-feira, não havendo notícias oficiais do Brasil sôbre as esperadas mudanças, os preços subiram de 10 a 226 pontos, sendo negociados 400 lotes, em geral, segundo parece, de compras para coberturas. A tendência de aumento dos preços continuou na têrça-feira, com altas de 71 a 200 pontos, em 362 lotes vendidos. Na quarta-feira, entretanto registrou-se uma tendência contrária, com baixas de 85 a 200 pontos, com 277 lotes negociados. Na quinta-feira, continuaram as baixas, de 20 a 109 pontos, exceto na posição de Março, que ficou inalterável, sendo vendidos 230 lotes. Entre o fechamento da quinta-feira passada e o fechamento de ontem, os preços para Maio 1955 não mudaram, mas os das outras posições tiveram declínios de 30 a 257 pontos, ao passo que no período

semelhante anterior as baixas foram de 235 a 402 pontos; o total dos lotes negociados, nos dois períodos, foi, respectivamente, de 1812 lotes e de 1347 lotes.

Mercado de físicos: O aspecto principal dêsse mercado foi o do enfraquecimento dos preços dos cafés colombianos e ds cafés brasileiros, com a nova safra colombiana, que entra agora no mercado. As compras para substituição de estoques continuaram, mas não houve indícios de que os torradores tenham mudado de atitude, comprando apenas o mínimo necessário para as suas necessidades imediatas, como vêm fazendo já há muitos meses. Ontem, quinta-feira, o Santos 4 estava cotado a 65,50 cents. Os colombianos estavam cotados a 61,50 cents na praça, a 60 3/4 cents sôbre a água e a 57 3/4 cents para os embarques de Maio.

Consumo nos Estados Unidos: Segundo dados do Departamento de Agricultura, o consumo de café per capita, baseado na população total do país, foi de 15,2 libras, no ano de 1954. Essa cifra sôbre o consumo do café verde, publicada no dia 2 do corrente, substitui a publicada anteriormente, calculada apenas em 14,7 libras. Estima-se o consumo do café em 1955 em 109% em relação ao nível de 1935/1939, em 84% em relação ao nível de 1947/1949, e em 103% em relação ao nível estimado do consumo de 1954.

Última hora: Esta manhã os preços estavam entre inalterados e 115 pontos a mais. O número de lotes dependendo de entrega era de 2.716, ao passo que o da sexta-feira passada era de 2.587.

EXPORTAÇÃO DE CAFÉ PELOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	*Destinos principais* *U.S.*	*EUROPA*	*OUTROS*	*TOTAL*
BRASIL (*)	30-4-55	146,000	86,000	7,000	239,000
	23-4-55	157,000	65,000	15,000	237,000
	1-5-54	77,000	108,000	24,000	209,000
COLÔMBIA (")	30-4-55	126,925	18,038	390	145,353
	23-4-55	64,315	7,997	3,909	76,221
	1-5-54	169,260	10,229	626	180,115

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS DE NOVA YORK

Semanas terminadas em:	*Países de origem* *BRASIL*	*COLÔMBIA*	*OUTROS*	*TOTAL*
30-4-55				
23-4-55	27,215	153,174	36,499	216,888
1-5-54	135,992	133,229	132,507	401,728

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	*Semanas terminadas:* *3-4-54*	*23-4-55*	*1-5-54*
BRASIL (*)	Santos	1,780,000	1,778,000	1,853,000
	Rio	73,000	81,000	259,000
	Vitória	113,000	121,000	75,000
	Paranaguá	176,000 (°)	189,000 (%)	506,000 (%)
	Pernambuco	19,000	14,000	17,000
	Bahia	19,000	20,000	27,000
	Angra dos Reis	18,000	20,000	17,000
	TOTAL	2,198,000	2,223,000	2,754,000

COLÔMBIA (")	Barranquilla	37,936	39,672	49,513
	Cartagena	60,265	65,032	22,068
	Buenaventura	62,877	84,342	76,273
	Cúcuta	167,750	167,573	33,709
	TOTAL	328,828	356,619	181,563

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS DO INTERIOR DE S. PAULO:

Safra:	*Maio 1955*	*Fevereiro 1955*	*Março 1954*
1951-52	1,000	1,000	---
1952-53	13,000	13,000	13,000
1953-54	—	—	1,560,000
1954-55	2,337,000	3,112,000	---
	2,351,000	3,126,000	1,573,000

DESPACHOS DE CAFÉ POR E. FERRO:

Santos	6,855,000
Rio	303,000
Angra dos Reis	7,000
Outros (")	551,000
TOTAL	7,716,000

(*) Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York.
(") Federación Nacional de Cafeteros do Brasil e da Colômbia.
(°) 175,000 livre e 1,000 retido.
(%) 187,000 livre e 2,000 retido.
(&) Livre.
(") Incluidos bags from Paraná, Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás.

N.º 931 O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA 6 de Maio, 1955

IMPORTAÇÃO DO CANADÁ: O Canadá importou 57.880 sacas de café verde, durante o mês de Fevereiro dêste ano, ao passo que em Janeiro e Fevereiro do ano passado importou, respectivamnte, 74.204 e 71.142 sacas. Durante os dois primeiros mêses de 1955, o Canadá importou 132.094 sacas, o que corresponde a uma diminuição de 13% em comparação com o mesmo período do ano passado.

IMPORTAÇÃO DO EGITO: As estatísticas oficiais publicadas no Cairo indicam que a importação de café verde no Egito, durante o mês de Março, foi de 5.599 sacas, procedentes das seguintes origens: África Oriental Britânica, 2.778 sacas; Etiópia, 1.528 sacas; África Portuguêsa, 163 sacas; Brasil, 1696 sacas; Índia, 69; e outros, 281 sacas. A importação de café no Egito, no primeiro trimestre dêste ano, foi de 13.923 sacas, ao passo que a do primeiro trimestre de 1954 foi de 30.316.

IMPORTAÇÃO DO REINO UNIDO: A importação de café verde no Reino Unido, durante o mês de Março de 1955 foi de 78.273 sacas, ao passo que a de Fevereiro foi de 33.894 sacas. No primeiro trimestre dêste ano, o total da importação de café no Reino Unido foi de 162.773 sacas, o que corresponde a um declínio de 14% em relação ao mesmo período do ano passado.

IMPORTAÇÃO DA ALGÉRIA: A Algéria importou, no mês de Março, um total de 18.682 sacas de café verde, as quais procederam dos seguintes pontos: 16.198 sacas da África Ocidental Francêsa; 1.725 de Madagascar; 343 de Cameron Francês; 165 da Nova Caledônia; 125 da África Equatorial Francêsa; 83 da Togolândia; e 25 da Etiópia. Durante o primeiro trimestre do ano corrente, o total da importação de café na Algéria foi de 53.821 sacas, ao passo que o total do primeiro trimestre do ano passado foi de 93.731 sacas.

EXPORTAÇÃO DE HAWAI: Embora não haja ainda dados estatísticos disponíveis, as estimativas preliminares indicam que Hawai exportou 49.663 sacas de café verde durante o ano de 1954, assim distribuidas: 47.976 para os portos do Pacífico dos Estados Unidos; 1.447 para o Japão; 232 para as Filipinas, e 8 para Hong-Kong.

PRODUÇÃO DE ANGOLA: Em têrmos mais precisos, calcula-se agora que a produção de Angola, no ano agrícola de 1954/55 não passará de 883.333 sacas de 60 quilos, das quais uma porcentagem maior do que a de costume se acha classificada abaixo da Primeira Qualidade. Segundo essas informações emanadas de Lisboa, o aumento das qualidades inferiores se deve quase inteiramente à produção de café de Novo Redondo, onde se registrou uma grande sêca, no verão passado. O restante dos estoques, em 1 de Abril, era de 150.000 sacas, de todos os tipos, sendo que 2/3 eram de café Ambriz. Quanto à nova safra, com as chuvas abundantes havidas nos últimos três mêses, espera-se uma colheita boa, em qualidade em quantidade, especialmente nos distritos de Ambriz e Encoge.

(G. G. Paton Paton & Co. — Maio de 1955)

NOTA: Com o objetivo de se evitar interpretações errôneas das notícias apresentadas nesta seção da Carta Semanal, reafirmamos que as informações aqui reproduzidas são consideradas pelo Bureau como de interêsse para a indústria do café em geral e, se elas por acaso revelam situações desfavoráveis aos interêsses do café nos países associados do Bureau, não podem ser interpretadas, direta ou indiretamente, sob forma nenhuma, como uma aprovação de tais situações por parte do Bureau. As notícias são publicadas sem comentários, porque a Carta Semanal é exclusivamente informativa e porque, segundo julga o Bureau, a indústria do café, nos países associados, está perfeitamente capacitada para interpretar, na devida forma, as informações que nesta transcrevemos.

N.º 932 — CARTA SEMANAL DO MERCADO — 13 de Maio de 1955

SITUAÇÃO ECONÔMICA

Aspectos gerais: Durante o mês de Março continuou a aumentar o nível das rendas individuais, o que contribui fundamentalmente para as intensas atividades econômicas atuais. Segundo informa o Departamento do Comércio (em relatório do seu "Office of Business Economics"), o nível atual das

rendas individuais acima do nível de Março de 1954. Dois têrços do aumento se referem aos salários das indústrias, especialmente das indústrias mais importantes, destacando-se entre as demais, a indústria das construções. A receita nos vários setores da produção, com exceção da agricultura, aumentou. Durante Março, o aumento do número de pessoas que se empregaram contribui para o aumento no total das receitas individuais naquele mês. O trabalho de serão e o recorde do salário médio horário também contribuiram para o mesmo resultado.

Comércio dos EE.UU. com a América Latina: Segundo o cômputo final feito pelo Departamento do Comércio (pelo Bureau of Foreign Commerce) do comércio internacional dos EE.UU., em 1954, o total do valor das exportações norte-americanas foi de 4,4% menos em relação ao total de 1953, ao passo que as exportações feitas unicamente aos países da América Latina tiveram um aumento de 7,6%. O valor das importações totais dos EE.UU. teve uma diminuição de 6,1% em relação ao ano de 1953, ao passo que as importações procedentes da América Latina diminuiram apenas de 4,4%. Os países latino-americanos receberam 22% das exportações totais dos EE.UU. em 1954, ao passo que em 1953 receberam apenas 19,9%, e das importações feitas pelos EE.UU. 32,2% procederam da América Latina em 1954, ao passo que apenas 31,7% das importações norte-americanas procederam da América Latina em 1953.

A Colômbia importou 20% mais em 1954 do que em 1953 dos Estados Unidos. As exportações dos EE.UU. para o México declinaram ligeiramente em 1954, mas as exportações norte-americanas para os países da América Central aumentaram de 10%. Os países da América Latina que tiveram maiores declínios em suas exportações para os Estados Unidos foram o Brasil, a Argentina e o Chile. A Venezuela e a Colômbia aumentaram um pouco as suas exportações para os Estados Unidos, em 1954.

Estoques: A diminuição dos estoques comerciais, a que se atribuiu a ligeira crise de 1954, tornou-se ainda mais acentuada em Março — mais do que usualmente se observa nesta época do ano. A diminuição havida nos estoques de artigos manufaturados e de venda por atacado foi mais do que compensada, porém, pelo aumento dos estoques dos artigos vendidos a varejo. O aumento havido nos estoques de artigos vendidos a retalho distribuiu-se igualmente entre os artigos duráveis e os artigos não duráveis, como automóveis e tecidos.

Produção de aço: Esta semana a indústria do aço, segundo se espera, produzirá na proporção de 96,7% da sua capacidade total, o que representa um novo recorde, e isso depois da produção de quase 10 milhões de toneladas de aço no mês de Abril. Essa produção corresponde a um aumento de 40% em relação à do mês de Abril de 1954. A produção de aço dos primeiros quatro mêses dêste ano excede de 26,7% à do mesmo período do ano passado. Êsse grande aumento se atribui em grande parte ao incremento da produção de automóveis.

Mercado de Valores: Foram pouco intensas as atividades na Bôlsa, esta semana, notando-se interêsse apenas em algumas ações. O aumento do depósito mínimo para transações, de 60 para 70% ,estabelecido pela Junta da Reserva Federal, no mês passado, é atribuido à diminuição no interêsse público na compra e venda de ações. Na quarta-feira, foram negociados apenas 2.000.000 ações, recorde mínimo desde 22 de Março. Até 25 de Abril, quando o depósito mínimo foi aumentado, a média de ações negociadas era, diàriamente, de mais de 3.000.000.

Vendas a retalho: As vendas a varejo em Abril excederam de 1% as de Março, e de 7% as de Abril do ano passado e cêrca de 3%, a média de todo o ano de 1954.

MERCADO DO CAFÉ

Aspectos gerais: Da sexta-feira passada até ontem, os preços do mercado a têrmo subiram ligeiramente, recobrando parte do terreno perdido na semana anterior. Essa ligeira alteração nos preços e a moderada atividade nas transações são atribuidas, em grande parte, ao fato de que não se sabe que orientação será seguida pelo Brasil em sua política do café e da moeda, no próximo ano agrícola. Entretanto, espera-se que essa orientação será anunciada depois da reunião do Conselho Diretor do Instituto Brasileiro do Café, a se realizar na próxima segunda-feira. Representantes da FEDECAME foram ao Rio de Janeiro, para discutir, antes da dita reunião, a situação do café, com o Ministro da Fazenda e outras autoridades do govêrno brasileiro. Entrementes, as licenças para exportação de café são fornecidas, uma vez que os preços se conformem com a cotação corrente do café Santos no mercado, não se requerendo presentemente que os preços se conformem com os preços mínimos de exportação, estabelecidos anteriormente. Embora o Instituto Brasileiro do Café tenha deixado de comprar café, o Banco do Brasil ainda está autorizado a fazer empréstimos, para manutenção dos preços, à razão de Cr.$ 21,50 por saca, o que corresponde a 43,87 cents por libra de café, como o dólar-café a Cr.$ 37,06.

Na segunda-feira, iniciaram-se as transações com o Contrato M na Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York. Êsse contrato, estabelecido de acôrdo com o acôrdo havido entre a Federal Trade Commission e a Bôlsa, permite a entrega de café da Colômbia, do México, de El Salvador e da Guatemala. Entre os convidados presentes à inauguração do novo Contrato, na Bôlsa, encontravam-se o Sr. Andrés Uribe C, da Colômbia, o Sr. Roberto Aguilar T., de El Salvador, e o Sr. Manuel Proto, do México.

Mercado a têrmo: Na sexta-feira, depois de dois dias de declínios, os preços subiram de 10 a 80 pontos nos Contratos S e B, num volume de 220 lotes negociados. Na segunda-feira, continuou a alta, de 45 a 115 pontos nos Contratos E e B, com 176 lotes vendidos. Dez lotes do novo Contrato foram vendidos na posição de Setembro, que fechou com 47,85 cents, ou 5,35 cents acima da posição de Setembro no Contrato S. Na têrça-feira, houve um declínio de 15 a 89 pontos nos Contratos S e B, com 180 lotes negociados. No Contrato M, Setembro perdeu 60 pontos, em dois lotes vendidos. Na quarta-feira, o mercado se firmou novamente, com altas de 35 a 115 pontos nos preços de Setembro, Dezembro e Março, no Contrato M, com 14 lotes vendidos. Ontem, quinta-feira, os preços dos Contratos S e B fecharam irregularmente, com perdas de 6 a 32 pontos em tôdas as posições, exceto Dezembro, a qual ganhou 5 pontos, num volume de 133 lotes vendidos. O preço do Contrato M ganharam de 10 a 25 pontos, em quatro lotes vendidos. Durante a semana, os preços dos Contratos S e B subiram de 49 a 150 ponos, em relação ao fechamento da quinta-feira passada, com um volume de 860 lotes negociados, ao passo que no período anterior, da quinta-feira atrasada à quinta-feira passada, foram negociados 1812 lotes. A posição de Setembro, no Contrato M, a única com cotação aberta, fechou com 145 pontos abaixo dos preços da segunda-feira, num total de 34 lotes negociados, de segunda a quinta-feira.

Mercado de físicos: Continuaram as compras para substituição de estoques, no transcurso desta semana, tendo os preços de certo modo baixado. Na maior parte da semana, os Santos 4 foram cotados de 51.50 cents a 52,15 cents, FOB, e 54,40 na praça. Ontem, os Santos 4 estavam cotados a 54,50 cents e os colombianos a 59 1/2cents.

Última hora: Esta manhã, os preços dos Contratos S e B estavam entre inalterados e 3 e 5 pontos abaixo do fechamento de ontem. Não houve transações no Contrato M, na abertura de hoje. Os lotes dependendo de entrega, nos Contratos S e B, eram em número de 2.616, ao passo que na manhã da sexta-feira passada eram em número de 2.716. No Contrato M, havia 28 lotes dependendo de entrega, esta manhã.

EXPORTAÇÃO DE CAFÉ DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	U.S.	Destinos principais EUROPA	OUTROS	TOTAL
BRASIL (*)	7-5-55	57,000	44,000	11,000	112,000
	30-4-55	146,000	86,000	7,000	239,000
	8-5-54	77,000	61,000	11,000	149,000
COLÔMBIA (")	7-5-55	94,561	9,852	583	104,996
	30-4-55	126,925	18,038	390	145,353
	8-5-54	36,436	9,787	352	46,575
	Ano Data:				
BRASIL (*)	Abril 1955 (&)	645,000	286,000	65,000	996,000
	Março 1955	490,000	369,000	64,000	923,000
	Arbil 1954	485,000	422,000	153,000	1,060,000
COLÔMBIA (")	Abril 1955	277,708	43,231	4,594	325,533
	Março 1955	249,357	47,463	7,290	304,110
	Abril 1954	438,058	31,406	4,251	473,715

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS DE NOVA YORK:

Semanas terminadas em:	Países de origem BRASIL	COLÔMBIA	OUTROS	TOTAL
7-5-55	30,787	121,049	52,968	204,804
30-4-55	25,793	134,983	44,462	205,238
8-5-54	153,782	146,781	141,806	442,369

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	Semanas terminadas em: 7-5-55	30-4-55	8-5-54
BRASIL (*)	Santos	1,922,000	1,780,000	1,915,000
	Rio	130,000	73,000	250,000
	Vitória	125,000	113,000	68,000
	Paranaguá	177,000 (°)	176,000 (%)	506,000 (")
	Pernambuco	17,000	19,000	15,000
	Bahia	22,000	19,000	40,000
	Angra dos Reis	18,000	18,000	17,000
	TOTAL	2,411,000	2,198,000	2,811,000

COLÔMBIA (")	Barranquilla	35,142	37,936	62,083
	Cartagena	68,245	60,265	27,816
	Buenaventura	68,918	62,877	148,049
	Cúcuta	168,948	167,750	30,210
	TOTAL	341,253	328,828	268,158

(*) Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York.
(") Federación Nacional de Cafeteros do Brasil e da Colômbia.
(°) Livre.
(%) 175,000 livre e 1,000 retido.
(") 505,000 livre e 1,000 retido.
(&) Sujeito a correção.

O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA

CAFÉ MAIS BARATO: O jornal Times Herald, de Dallas, Texas, comentando em editorial a baixa dos preços do café, que estão agora abaixo do nível de $1.00 alcançando no ano passado, declara que os consumidores deram uma lição nos especuladores, mas concede que os países produtores, que, como o Brasil e a Guatemala, dependem grandemente da sua exportação do café para sua receita de divisas estrangeiras, são os que mais sofrem com a situação — dizendo, textualmente: "É de se duvidar que os Estados Unidos ganhem com os preços baixos do café, que afetam as economias dos nossos vizinhos da América Latina. Os Estados Unidos têm um grande interêsse em manter os governos amigos da América Latina em situação sólida, o que não poderá acontecer se os povos latino-americanos padecerem com a depressão de suas economias. Assim sendo, o que os consumidores norte-americanos ganham, com a baixa dos preços do café, talvez tenha que ser pago mais tarde em impostos federais usados na ajuda econômica que os Estados Unidos derem aos países que produzem os grãos com que fazemos nossa bebida favorita".

(Times Herald, Dallas — 17 de Abril de 1955)

QUANTAS CHÍCARAS DE CAFÉ? Eis o que diz a revista "Restaurant Management" aos seus assíduos leitores, no seu número de Maio corrente: "Uma vez que vocês servem (a revista é dirigida aos donos e gerentes de restaurantes) tanto café em seus estabelecimentos, devem provàvelmente estar interessados em saber, de acôrdo com a opinião autorizada dos técnicos, quantas xícaras de café uma pessoa pode beber sem maus efeitos temporários. Eis o que afirmam os peritos do "Journal of the American Medical Association": "Qualquer pessoa poderá beber de 20 a 30 chícaras de café por dia, sem que isso lhe faça mal, a não ser que essa pessoa, antes de mais nada, não tenha boa saúde".

(Restaurant Management, New York, Maio de 1955)

AINDA O CAFÉ MAIS BARATO: Como se vê de uma reprodução de um cartaz da cadeia de restaurantes WHELAN'S, publicada na revista "Chain Store Age Fountain-Restaurant" (magazine especializado para as farmácias-restaurantes"), essa importante emprêsa, Whelan Drug Co., oferece pela primeira vez, em grande escala para o público, uma chícara de café por 7 cents

nas farmácias-restaurantes de Nova York. Essa redução, de 10 para 7 cents, está sendo também proclamada pela emprêsa em anúncios de página inteira nos diários do tipo "tabloid" (pequeno formato) de Nova York. O preço de 10 cents a xícara vinha prevalecendo há vários anos, mas a redução é parte de uma redução geral que inclui 50 outros itens do menú regular dos restaurantes "Whelan's".

(Chain Store Age Fountain-Restaurant-Nova York, Maio de 1955)

"LOJAS DE CAFÉ": Com o nome de Coffe Shop, que traduzido perde a sua real e pitoresca significação, está se tornando cada vez mais popular nos centros urbanos dos Estados Unidos essa versão do tradicional "Café" da Europa e da América Latina, a propósito da qual, referindo-se à inauguração de mais uma delas, a revista de escôpo nacional "Institutions' Magazine" diz o seguinte: "Está se tornando cada vez maior o número das organizações (restaurantes, hoteis, clubes, hospitais, etc) que estão agora percebendo o fato de que um Coffe Shop não sòmente é uma boa fonte de renda como também uma grande e incontestada conveniência para o público que visita essas organizações. Tendo em conta êsses fatores, o Faieview Hospital, de Minneapolis (Minnesota), decidiu incluir também nas suas instalações, na área de recepção, uma "loja de café", com uma capacidade para 36 pessoas. O novo "Café" do hospital tem uma média de 700 a 800 freguêses por dia".

(Institutions' Magazine — Maio de 1955)

NOTA: Com o fim de se evitar uma interpretação errônea das notícias apresentadas nesta seção da Carta Semanal, reafirmamos que as informações aqui reproduzidas são consideradas pelo Bureau como de interêsse para a indústria do café em geral e, se elas por acaso revelam situações desfavoráveis aos interêsses do café nos países associados do Bureau, não podem ser interpretadas, direta ou indiretamente, sob forma nenhuma, como uma aprovação de tais situações por parte exclusivamente informativa e porque, segundo julga o Bureau, a indústria do café, nos países associados, está perfeitamente capacitada para interpretar, na devida forma, as informações que nesta seção transcrevemos.

N.º 933 CARTA SEMANAL DO MERCADO 20 de Maio de 1955

SITUAÇÃO ECONÔMICA

Aspectos gerais: Segundo relatório oficial do Departamento do Comércio dos Estados Unidos, o valor total da produção e dos serviços constantes do primeiro trimestre de 1955 foi de $370.000.000.000 em média anual — o que representa o máximo observado até hoje na história do país num trimestre, excedendo de $100.000.000 o máximo anterior, no trimestre de Maio a Junho de 1953, e de 4% o primeiro trimestre do ano passado. A intensidade da vida econômica nêste primeiro trimestre se deve ao aumento das compras dos consumidores e ao fato de que os comerciantes aumentaram os seus estoques em vez de diminui-los, como o fizeram em 1954. A indústria dos automóveis teve um papel importante nêsse novo recorde econômico — tanto nas compras dos consumidores como no aumento dos estoques. As despesas com a defesa nacional cresceram ligeiramente no primeiro trimestre de 1955, depois de uma diminuição constante, desde os meados de 1953. Os gastos dos consumidores, com mer-

cadorias duráveis e serviços, aumentaram, ao passo que os gastos feitos com artigos não duráveis se mantiveram no mesmo nível do último trimestre de 1954. Os investimentos privados também foram maiores, especialmente nos setores dos estoques de artigos duráveis, das construções e dos equipamentos para o comércio.

Economias individuais: O total das economias individuais em 1954 (aumento em dinheiro, apólices e seguros) foi de $11.700.000.000, total um pouco inferior ao de 1953, que foi de $11.800.000.000, e que o de 1952, que foi de $13.000.000.000. Durante a primeira parte do ano de 1954, a diferença foi maior, mas na segunda metade houve um considerável aumento na quantidade de ações das corporações em mãos de indivíduos, embora êsse aumento fôsse diminuido pelos empréstimos feitos sôbre essas ações. O total das posses individuais — propriedades e economias — foi de $308.400.000.000 em 1954, o que representa um novo recorde e um aumento de 3,2% em relação ao total de 1953. Os depósitos nos bancos, as apólices de seguro de vida e as apólices da dívida pública federal constituiram cêrca de 70% do aumento no total das posses individuais.

Lucros das corporações: Segundo indica o relatório mais recente do Conselho de Assessores Econômicos do Presidente dos Estados Unidos, espera-se que continue a situação presente de prosperidade das corporações, com aumentos em seus lucros, tanto antes como depois do pagamento dos impostos, como aconteceu em 1954. O relatório informa que aumentaram os lucros das corporações grandemente, no primeiro trimestre de 1955. O pagamento de dividendos declinou um pouco, mas aumentou o total dos ganhos não distribuidos. De acôrdo com o mencionado Conselho da Casa Branca, os lucros, antes dos impostos, cresceram de 8.7%, nêste primeiro trimestre, em relação ao último trimestre de 1954, e cresceram de 8,6%, depois dos impostos.

Mercado de valores: Apesar dos relatórios optimistas sôbre as atividades econômicas do país e da firmeza das suas bases, o Mercado da Bôlsa esteve fraco esta semana, registrando-se um declínio tanto no volume das ações negociadas como nos preços das ações. Na quarta-feira, observou-se o maior decréscimo de um período de cinco semanas. As vendas havidas incluiram ações de mais de 2/3 das companhias que fazem parte da lista do Mercado da Bôlsa, em Nova York. Êste ano, tem havido uma grande diminuição no número das ações comuns negociadas, registrando-se, ao mesmo tempo, um decréscimo de uns 3% na média das ações mais populares, em relação ao nível máximo notado em fins de Abril próximo passado. As ações das emprêsas fabricantes de armamentos e de produção atômica, que anteriormente atingiram níveis excessivos, têm, de certo modo, declinado, incluindo-se, entre essas emprêsas, as que fornecem material para manufaturas atômicas, bem como as companhias fabricantes de aviões, de petróleo e de óleo, e outras companhias subsidiárias.

MERCADO DO CAFÉ

Aspectos gerais: No transcurso da semana que ora finda, os preços do café no mercado a têrmo primeiramente baixaram, em consequência da pressão das vendas, e depois subiram — artibuindo-se o fato às notícias contraditórias recebidas em Nova York sôbre as discussões relacionadas com o acôrdo internacional do café. Na segunda-feira, após a reunião havida no Rio de Janeiro, entre representantes de El Salvador, da Costa Rica e do Brasil, o Ministro Whittaker

declarou que só foram discutidos naquela reunião a retirada do café do mercado mundial numa base de quotas e os modos pelos quais um programa de estabilização de preços poderá ser levado a efeito. Na têrça-feira, foi erroneamente divulgado que os representantes de El Salvador, do México e de Costa Rica haviam comunicado ao Instituto Brasileiro do Café que seus países não estavam preparados para realizar os compromissos assumidos na reunião do Rio de Janeiro, e na quarta-feira a Associatión Cafetalera de El Salvador anunciou que El Salvador, o México e a Colômbia haviam temporàriamente suspendido o seu acôrdo de manutenção de preços, para terem mais liberdade de ação, o que deu margem a dúvidas sôbre a política do café da Colômbia. Essa situação foi esclarecida na mesma quarta-feira, pelo Sr. Andrés Uribe, representante da Federación Nacional de Cafeteros da Colômbia em Nova York, que declarou: "Não há nenhum motivo, quer no mercado interno da Colômbia ou no mercado internacional, capaz de fazer a Colômbia abandonar o seu papel histórico... apesar dos rumores tendenciosos, propositadamente feitos em sentido contrário, a Colômbia não modificou de modo nenhum a prática de dar apôio ao seu mercado interno de café. A Colômbia não desvalorizou a sua moeda, nem mudou ou modificou os regulamentos que presentemente governam os registros de preços do café de exportação. Em suma, a Colômbia tenciona manter no futuro, como no passado, a sua política do café." Além disso, o Ministro das Finanças da Colômbia declarou ontem que a situação do café não é causa para alarme e assegurou aos produtores colombianos que o seu govêrno os protegeria contra as flutuações do mercado. Na quarta-feira, o Brasil confirmou a abolição temporária dos "preços de registro" postos em vigor no ano passado, bem como um preço de exportação que se conformará com os preços locais. Segundo informa o Instituto Brasileiro do Café, continuam as negociações amistosas entre os países produtores de café com o objetivo de se chegar a um acôrdo sôbre a estabilização dos preços... O Conselho Diretor do Bureau Pan-Americano do Café iniciará na quinta-feira próxima sua reunião anual.

Mercado a têrmo: Na sexta-feira, os preços baixaram de 100 a 200 pontos nos Contratos S e B, num volume de 335 lotes negociados. Na segunda-feira, houve ganhos de 75 pontos, mas o mercado fechou com 65 pontos acima e 30 pontos abaixo, com 198 lotes vendidos. No Contrato M foram vendidos 13 lotes, com baixas de 10 a 105 pontos. Na têrça-feira, correram novos declínios, de 46 a 90 pontos, nos Contratos S e B, com 245 lotes vendidos. Só 11 lotes foram negociados no Contrato M, com baixas de 100 a 150 pontos. Na quarta-feira, a pressão das vendas aumentou muito, sendo vendido 487 lotes nos Contratos S e B, com declínios de 46 a 175 pontos. No Contrato M foram vendidos 46 lotes — o dia de maior atividade nesse contrato, até a data — com baixas de 75 a 115 pontos. Registraram-se novos declínios — costumeros desta temporada — em tôdas as posições além de Maio, alcançando os preços os seus mais baixos níveis desde Outubro de 1949. Com três dias apenas para os avisos de entrega, restam ainda 276 lotes da posição de Maio, no Contrato S. Ontem, os Contratos S e B fecharam com altas de 22 a 200 pontos, num volume de 410 lotes negociados, e o Contrato M fechou com altas de 125 a 145 pontos, em 11 lotes vendidos. Durante a semana, os preços nos contratos S e B baixaram de 125 a 335 pontos, em 1.675 lotes negociados, e no Contrato M baixaram de 270 a 345 pontos em 93 lotes negociados. Na semana anterior, foram vendidos 860 lotes, nos Contratos S e B.

Mercado de físicos: Não se registrou quase nenhuma atividade nesse mercado, esta semana. Os preços estiveram, em geral, ligeiramente abaixo dos preços da semana passada. Ontem, os colombianos estavam cotados a 56 1/2 cents e os Santos 4 a 53 1/ cents.

Última hora: Esta manhã, o mercado abriu com preços entre 10 pontos abaixo e 90 pontos acima. Havia 2.701 lotes dependendo de entrega, ao passo que na sexta-feira passada, pela manhã, havia 2.616 lotes.

EXPORTAÇÃO DE CAFÉ DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	*U.S.*	*Destinos principais* *EUROPA*	*OUTROS*	*TOTAL*
BRASIL (*)	14-5-55	91,000	114,000	11,000	216,000
	7-5-55	57,000	44,000	11,000	112,000
	15-5-54	64,000	30,000	36,000	130,000
COLÔMBIA (")	14-5-55	70,989	7,067	2,508	80.564
	7-5-55	94,561	9,852	583	104,996
	15-5-54	73,156	1,813	--	74,969

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS DE NOVA YORK:

Semanas terminadas em:	*BRASIL*	*Países de origem* *COLÔMBIA*	*OUTROS*	*TOTAL*
14-5-55	28,942	124,697	63,682	217,321
7-5-55	30,787	121,049	52,968	204,804
15-5-54	165,110	176,192	148,827	490,129

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	*14-5-55*	*7-5-55*	*15-5-54*
BRASIL (*)	Santos	1,957,000	1,922,000	1,990,000
	Rio	147,000	130,000	244,000
	Vitória	137,000	125,000	81,000
	Paranaguá	158.000 (°)	177,000 (°)	505,000 (%)
	Pernambuco	15,000	17,000	15,000
	Bahia	31.000	22.000	40,000
	Angra dos Reis	14,000	18,000	17,000
	TOTAL	2,459,000	2,411,000	2,892,000
COLÔMBIA (")	Barranquilla	41,195	35,142	70.012
	Cartagena	69,036	68.245	33,204
	Buenaventura	85.936	68,918	183,863
	Cúcuta	171,582	168,948	31,538
	TOTAL	367,749	341,253	318,617

(*) Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York.
(") Federación Nacional de Cafeteros da Colômbia.
(°) Livre.
(%) 504,000 livre e 1,000 retidos.

O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA

CONVENÇÃO ANUAL DA "PACIFIC COAST COFFEE ASSOCIATION": O Sr. F. McKiernan, Presidente da National Coffee Association, falando na Convenção Anual da Associação do Café da Costa do Pacífico, realizada em Pebble Beach, California, declarou que mediante um intenso esfôrço de vendas poderá ser desfeito "o pesadêlo dos abastecimentos em excesso e da instabilidade", de que têm sofrido tanto os produtores do café como o comércio norte-americano. O Sr. Kiernan concitou os interessados a realizarem uma campanha de propaganda para incremento de vendas, em escala capaz de fazer com que sejam absorvidos os estoques excessivos, e chamou a atenção para o fato de que a National Coffee Association considera que êsse excesso de estoques será o resultado de um consumo deficiente e não de uma produção demasiada. Com respeito aos propostos planos de estabilização, disse êle que concordava com os economistas, no sentido de que a normal flutuação dos preços, devida às mudanças da oferta e da procura, é mais benéfica do qué prejudicial ao produto, acrescentando que a frase "estabilização de preços" pode ser empregada para descrever objetivos que podem trazer resultados duvidosos. Por exemplo, disse o Sr. Kierman, essa frase poderá ser usada para descrever a fixação dos preços em níveis incompatíveis com a realidade, seja em altos ou baixos níveis, ou para justificar uma tentativa de interferência com o mercado livre. Usada dessa maneira, a expressão não soa bem aos ouvidos daqueles que acreditam no ideal do comércio livre entre os povos. Durante os dois últimos, disse mais o Sr. Kiernan, a indústria do café passou pelo pior período de sua história, e seus problemas são de difícil solução, porque continuam sempre mudando. Essa solução não consiste na panacéia da liquidação dos estoques excessivos e dos preços mínimos de exportação, mas sim num intensivo esfôrço de vendas do produto, pelo menos como solução parcial. A indústria do café não pode viver na ilusão de que o café se vende por si só, e precisa, portanto, estimular o consumo, mediante métodos eficientes de promoção de publicidade e de coloração do produto no mercado.

O Sr. Robero Aguilar, Vice-Presidente do Bureau Pan-Americano do Café, mencionando o estudo dos restaurantes feito pelo Instituto de Preparo do Café, disse que os resultados da investigação são proveitosos às senhoras, especialmente desde que outro estudo, de escopo nacional, mostra que, em média, a dona de casa faz 62 xícaras de café por libra, ao passo que há alguns anos fazia apenas 45 xícaras. O que a dona de casa está servindo atualmente, disse o Sr. Aguilar, não é café, mas sim água quente escura, do tipo que faz os maridos mudarem de restaurante. Embora os consumidores norte-americanos bebam maior número de xícaras de café atualmente, observou o Sr. Aguilar, o mercado do café nos Estados Unidos não está expandindo. Isso deve, conclui o Sr. Aguilar, ao fato de que o café está sendo feito com muita água, para render, prática essa que tem prevalecido especialmente nos dois últimos anos.

O Sr. Edward G. Cale, Diretor do Escritório de Assuntos Regionais do Departamento de Estado dos Estados Unidos, participando dessa Convenção, disse que o govêrno norte-americano espera que os problemas relacionados com os produtores de café e com os negociantes do café possam ser solucionados sem a assistência oficial. Em sua opinião, há indicações de que será assim. O Sr. Cale observou que agora os preços se acham em níveis em que o café pode ser oferecido aos consumidores nas condições prevalecentes durante o

período de 1950 a 1952. (Nota: A média dos preços no varejo para o café torrado foi de 79,4 cents em 1950, 86,8 cents em 1951, e 86,7 cents em 1952). Com os preços no mesmo nível do mencionado período, disse o Sr. Cale, não seria esperar demasiado que o consumo do café per capita nos Estados Unidos também volte ao nível observado naquela época.

(G. G. Paton Report & Co. — 17 e 18 de Maio de 1955)

NOTA: Com o objetivo de se evitar interpretações errôneas das notícias apresentadas nesta seção da Carta Semanal, reafirmamos que as informações aqui reproduzidas são consideradas pelo Bureau como de interêsse para a indústria do café em geral e, se elas revelarem por acaso situações desfavoráveis aos interêsses do café nos países associados do Bureau, não podem ser interpretadas, direta ou indiretamente, sob forma nenhuma, como uma aprovação de tais situações por parte do Bureau. As notícias são publicadas sem comentários, porque a Carta Semanal é exclusivamente informativa e porque, segundo julga o Bureau, a indústria do café, nos países associados, está perfeitamente capacitada para interpretar, na devida forma, as informações que nesta seção transcrevemos.

N.º 934 — CARTA SEMANAL DO MERCADO — 3 de Junho de 1955

SITUAÇÃO ECONÔMICA

Aspectos gerais: Continuam animadores os relatórios acêrca das atividades econômicas, mas a intensidade das melhorias diminuiu um pouco. Refletindo essa situação, a mão de obra revela melhoria, em Abril, com 10% menos tanto na importação como na exportação, em relação a Abril do ano passado. Estando próximo o fim do segundo trimestre, os economistas discutem agora as possibilidades relacionadas com o terceiro trimestre, e em geral a sua opinião é de que as atividades econômicas se manterão em todo o ano no mesmo nível em que se acham atualmente, embora os mais optimistas estejam predizendo outro surto mais intenso, depois da costumeira breve pausa do verão .

Indústria do aço: As usinas siderúrgicas continuam quase no máximo da sua capacidade, e o mês de Maio terá sem dúvida o maior recorde registrado em qualquer mês. As encomendas excedem as faturas de entrega, assegurando-se, assim a necessidade de uma produção em alto nível, durante o verão. Diminuiram um pouco os pedidos das fábricas de automóveis, mas essa diminuição foi compensada pelo consumo maior das outras indústrias.

Custo de vida: O Índice do Custo de Vida (1947/49=100), que se manteve inalterado durante quatro mêses consecutivos, em 114,3, baixou para 114,2, em Abril, devendo-se essa diminuição 1) ao fato de que houve uma baixa nos aluguéis, a primeira registrada desde 1942, e 2) ao fato de que o preço médio dos autos, novos e velhos, diminuiu, o aumento nos preços de alguns alimentos fês, entretanto, com que o declínio notado no Índice, observou-se um considerável aumento na capacidade aquisitiva de uma família média, comparando-se êsse pequeno declínio com o contínuo aumento observado na receita semanal de uma família média.

Construções: Segundo o Departamento do Comércio, continuou em níveis de recorde a construção para fins comerciais e públicos, no mês de Abril, e a construção de casas particulares registrou um aumento de 33% no período de Janeiro, a Junho, em comparação com o mesmo período do ano passado,

alcançando a média anual de $38.400.000.000. A média anual de 1954 foi de $37.200.000.000, sendo o principal fator na recente melhoria da situação econômica do país. Espera-se que o mesmo se observe no ano corrente.

Automóveis: A média mensal da produção de automóveis, no período de Janeiro a Maio, foi de 717.000 veículos, o que corresponde a uma produção anual de 8.600.000 carros. Espera-se que essa média diminua em Junho, uma vez que a produção de autos sempre diminui durante o verão. Acham-se agora cêrca de 702.000 carros em mãos dos vendedores, e êsse estoque, juntamente com os crescentes estoques de carros usados, dá motivos a apreensões, desde que o pináculo da temporada das vendas já passou. Espera-se, consequentemente, um declínio, para o qual também contribuirá a greve que se acha iminente.

Mercado de valores: Com a moderada subida dos preços, durante duas semanas, a média chegou quase ao nível-recorde observado antes, mas o volume das transações não aumentou quase nada. O total de 60.900.000 ações vendidas em Maio, no Mercado da Bôlsa, foi o mais baixo nível notado desde Outubro do ano passado. Na semana passada, o Comitê do Senado Federal que estava estudando a Bôlsa publicou o seu relatório, recomendando o govêrno a tomar medidas tendentes contra as especulações no Mercado, mas não se observou nenhuma reação, nem positiva nem negativa, em consequência da publicação do relatório.

MERCADO DO CAFÉ

Reunião Anual do Conselho Diretor do Bureau Pan-Americano do Café: A Reunião Anual do Conselho Diretor realizou-se nos dias 26 e 27 de Maio, no Salão de Conferências do Bureau, em Nova York, tendo sido eleito para presidir as sessões o Dr. Jorge Rossi, Ministro das Finanças de Costa Rica. As delegações incluiam Ministros, chefes de entidades oficiais do café e proeminentes personalidades dos governos dos países membros do Bureau bem como de organizações particulares. Além de tratar dos assuntos regulares do Bureau, o Conselho aprovou um aumento no orçamento do mesmo, para a propaganda do café, a partir do dia 1 de Outubro. Nos dias 28 e 29, os representantes de 15 países produtores de café da América Latina e do Congo Belga também se reuniram em Nova York e formalmente aprovaram a formação de um Bureau Internacional do Café. O Brasil, a Colômbia, o México e El Salvador foram eleitos com o fim de designarem membros para uma Comissão Constitucional, incumbida de redigir o projeto da constituição que deverá ser apresentada aos diversos governos, com recomendação de que a mesma seja ratificada dentro de 60 dias a partir da data da apresentação. Serão convidados representantes dos países produtores da Ásia e da África, para que tomem parte das reuniões da Comissão Constitucional. Serão incluidos no projeto da constituição medidas tendentes a estabilizar o mercado mundial do café, bem como outras medidas correlatas com as constantes da Resolução N.º 1 da FEDECAME, aprovada na conferência de San Juan, no mês de Abril. Deve-se recordar que, de acôrdo com essa Resolução de San Juan, seria estabelecida uma organização internacional do café que representasse os países produtores de café do mundo inteiro, com o objetivo de manter a oferta e a procura equilibradas e preparar estoques mediantes os quais o referido objetivo poderá ser alcançado.

Mercado a têrmo: Na semana que terminou no dia 26 de Maio, o mercado a têrmo continuou a se mostrar firme, revelando ganhos todos os dias, com exceção da quarta-feira, quando os preços baixaram bruscamente, em consequência dos rumores de que o Cruzeiro seria desvalorizado. Mas os preços tornaram a subir logo, e em tôdas as posições havia ganhos ao terminar a semana. Nos Contratos S e B, os preços fecharam com ganhos de 30 a 140 pontos, e no Contrato M com ganhos de 60 a 140 pontos. Na quinta-feira, o contrato de Maio foi liquidado, com 56,50 cents. Durante a semana, foram negociados 1.490 lotes.

Na semana que termina ontem, dia 2 de Junho, os preços nos Contratos S e B subiram de 81 a 170 pontos, focalizando-se os interêsses nos contratos de Julho e Setembro, na sexta-feira passada, com 338 lotes vendidos. No contrato M, foram vendidos só 10 lotes, com aumentos de 130 a 140 pontos. Na segunda-feira, feriado, "Memorial Day", nos Estados Unidos, a Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York não se abriu. Na têrça-feira, os Contratos S e B fecharam com preços entre 5 pontos acima e 10 pontos abaixo ,em 300 lotes negociados. As posições próximas continuaram a mostrar firmeza. Foram vendidos dois lotes apenas no Contrato M, fechando-se os preços de tôdas as posições entre 55 pontos acima e 25 pontos abaixo. Na quarta-feira, nos Contratos S e B, a posição de Julho fechou com 15 pontos acima, ao passo que as posições mais distantes tiveram baixas de 50 a 110 pontos, num total da 221 lotes negociados. No Contrato M foram negociados 9 lotes, com baixas de 50 a 110 pontos. Na quinta-feira, nos Contratos S e B, os preços fecharam com aumentos de 115 a 25 pontos, num total de 271 lotes. No Contrato M, os ganhos foram de 115 a 36 pontos, em 15 lotes vendidos. Durante a semana, foram negociados 1.160 lotes nos Contratos S e B, concentrando-se as atividades nas posições próximas, e o Mercado fechou com preços entre 431 pontos acima e 10 pontos abaixo. No Contrato M, foram vendidos 36 lotes, com altas de 250 a 41 pontos.

Mercado de físicos: Na semana que terminou no dia 26 de Maio, o mercado de físicos esteve muito fraco, observando-se o mínimo possível de transações. A fraqueza do mercado se atribuiu aos rumores de vários gêneros e ao fato de que se aguardava a reunião dos delegados dos países produtores de café.

Na semana que terminou ontem, dia 2 de Junho, o mercado se mostrou relativamente bom no meio da semana. Os Santos 4 foram cotados ontem a 54 cents e os colombianos de 60 a 60 1/4.

Última hora: Esta manhã, os preços, nos Contratos S e B, estavam, ao se abrir o mercado, entre inalterados e 70 pontos acima; no Contrato M, estavam inalterados.

Na semana passada, na sexta-feira pela manhã, havia 2.524 lotes dependendo de entrega, nos Contratos S e B, e 89 lotes no Contrato M. Esta manhã, havia 2.440 lotes dependendo de entrega nos Contratos S e B, e 108 no Contrato M.

EXPORTAÇÃO DE CAFÉ DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	*U.S.*	*Destinos principais* *EUROPA*	*OUTROS*	*TOTAL*
BRASIL(*)	28-5-55	37,000	86.000	35,000	158.000
	21-5-55	89,000	34,000	14,000	137,000
	29-5-54	53,000	43,000	33,000	129,000

COLÔMBIA (")	28-5-55	103,302	12.151	2,431	117,884
	21-5-55	52,651	18,328	758	71,737
	29-5-54	124,658	9,487	9,916	144,061

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS DE NOVA YORK:

Semanas terminadas em:	*BRASIL*	*COLÔMBIA*	*OUTROS*	*TOTAL*
		Países de origem		
28-5-55	35.123	163.972	89,794	288,889
21-5-55	32.508	147,604	75,696	255,808
29-5-54	179,230	200,972	160,930	541,132

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	*Semanas terminadas em:* *28-5-55*	*21-5-55*	*29-5-54*
BRASIL (*)	Santos	2,176,000	2,021,000	2,198,000
	Rio	563,000	167,000	245,000
	Vitória	163,000	154,000	70,000
	Paranaguá	155,000 (°)	156,000 (°)	470,000 (°)
	Pernambuco	13,000	17,000	13,000
	Bahia	31,000	31,000	37,000
	Angra dos Reis	22,000	21,000	17,000
	TOTAL	3,123,000	2,567,000	3,050,000
COLÔMBIA (")	Barranquilla			
	Cartagena	34.091	36,546	73,079
	Buenaventura	38,311	48,266	34,827
	Cúcutá	72,926	101.787	172.644
		180.057	174,870	30.488
	TOTAL	325,385	361,469	311,038

(*) Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York.
(") Federación Nacional de Cafeteros do Brasil e da Colômbia.
(°) Livre.

N.° 934 O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA 3 de Junho, 1955

"REGULAÇÃO DO CAFÉ": O jornal THE NEW YORK TIMES publicou em sua página editorial, sob o título de "Regulação do café", o comentário que a seguir transcrevemos, a propósito do proposto acôrdo internacional do café:

"As notícias de que os produtores de café da América Latina concordaram em organizar um "Bureau Internacional do Café", com a inclusão de alguns produtores africanos, serão recebidas nos Estados Unidos com interêsse, com simpatia e com alguma apreensão. Quatorze países latino-americanos dependem, de maneira mais ou menos substancial, das suas exportações de café, e para alguns dêles, como o Brasil, a Colômbia e os países da América Central, o café tem importância vital para suas economias.

Ninguém estará em desacôrdo com a idéia de se dar um pouco de estabilidade e de ordem no mercado mundial do café. Já se acham em existência acôrdos internacionais para o açúcar e para o trigo, acôrdos êsses que têm servido a propósitos úteis. A maior complicação em relação ao café está no fato de que têm havido preços desnecessàriamente altos, o que produziu uma greve de consumidores, nos Estados Unidos e na Europa. Jorge Rossi, Ministro das Finanças de Costa Rica, que presidiu as reuniões realizadas em Nova York para a criação do novo Bureau, apresentou cifras que mostram diminuição do consumo do café.

Tôda a questão das vendas do café pode ser resumida na clássica proposição econômica — vender menos por altos preços ou vender mais por baixos preços. Os países produtores do café devem esperar que, na opinião dos consumidores norte-americanos, a melhor maneira para se solucionar a crise do café será vender mais café por preços mais baixos.

(The New York Times, 1 de Junho de 1955)

"A PAUSA PARA O CAFÉ COMO PARTE DO DIA DE TRABALHO" O Departamento do Trabalho acaba de sancionar oficialmente a "Pausa para o Café", como parte integrante da jornada de trabalho dos funcionários das repartições públicas.

Segundo ordem baixada por aquele Departamento, o Govêrno Federal terá que compensar qualquer funcionário pelos danos físicos que sofrer durante a "Pausa para o Café", a caminho do local onde o café é servido, ou na volta do mesmo para sua repartição. Declara a referida ordem que, saindo para tomar café, o funcionário não se acha tècnicamente fora da sua repartição, uma vez que a "pausa para o café" já se acha geralmente aceita como parte das horas de rabalho, constituindo uma atividade correlata com o trabalho".

(Nota: Decisões como esta do Govêrno Federal sôbre "a Pausa para o café" são geralmente seguidas por medidas semelhantes dos governos estaduais e municipais. Atualmente, é de cêrca de 7.000.000 o número de empregados governamentais, dos quais cêrca de 2.500.000 do Govêrno Federal. Nota do Editor).

(The New York Herald Tribune, 29 de Maio de 1955)

"OLHANDO PARA O SUL": O jornal Bellingham Herald, do Estado de Washington, publicou recentemente o seguinte editorial, intitulado "Olhando para o Sul":

"As comemorações da Semana Pan-Americana tiveram como objetivo focalizar as atenções sôbre a importância que se deve dar às aspirações e às esperanças das vinte repúblicas latino-americanas, salientando-se ao mesmo tempo os laços econômicos e culturais que ligam as Américas.

Nenhuma região do mundo fêz comparáveis progressos econômicos e sociais nos últimos cinquenta anos, e em 1975 a América Latina deverá ter uma população de mais de 200.000.000 de habitantes.

Já se reconhece a importância da inter-independência das nações americanas. Os Estados Unidos vendem tanto à América Latina quanto à Europa: em 1954, as exportações dos Estados Unidos foram nesses dois mercados ...... $3.340.000.000 e $3.350.000.000, respectivamente. Os investimentos norte-americanos na América Latina passam de $6.000.000.000, e os lucros provenientes dêsses investimentos passam de $760.000.000, isto é, duas vêzes mais do que os lucros conseguidos com os investimentos feitos na Europa.

Cêrca de 50% de tôda a exportação de veículos norte-americanos — carros particulares, ônibus e caminhões — se destinam à América Latina, a qual é também o melhor mercado para vários produtos dos Estados Unidos, como maquinismos, produtos químicos, papel e borracha, quase também igual ao mercado do Canadá no que respeita maquinismos elétricos, petróleo, produtos de aço, de ferro e de outros metais. E é graças ao café que a América Latina pode fazer tais importações".

(Bellingham Herald, 10 de Maio de 1955)

Estatística

SUPLEMENTO ESTATÍSTICO

Ano XX | SÃO PAULO, 13 DE MAIO DE 1955 | Número 355

DADOS COLIGIDOS PELO DEPARTAMENTO DE FISCALIZAÇÃO - SAFRA 1954/1955

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A SANTOS

Estradas de Ferro	Julho/ Março	1.ª dezena Abril	2.ª dezena Abril	3.ª dezena Abril	Totais
Santos a Jundiaí	91 675	341	1 957	15 213	109 186
Sorocabana	613 426	5 035	5 666	11 467	635 594
Paulista	2 581 321	5 301	8 803	13 183	2 608 608
Mogiana	1 006 773	1 430	2 439	8 591	1 019 233
Araraquara	1 464 237	3 593	2 250	6 829	1 476 909
Noroeste do Brasil	1 093 945	4 375	3 657	5 742	1 107 719
Central do Brasil	3 479	—	—	—x—	3 479
Estrada de Rodagem	829	—	—	120	949
Total	6 855 685	20 075	24 772	61 145	6 961 677

NOTAS : — Os despachos nas EE. FF. acima incluem os das suas respectivas tributárias.
—x— Não foram recebidos os dados da E. F. Central do Brasil.

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A OUTROS PORTOS

DESPACHADO	Rio de Janeiro		Angra dos Reis		Totais
	Ferrov.	Rodov.	Ferrov.	Rodov.	
Meses julho/março	43 752	257 409	930	5 963	308 054
1.ª dezena abril	240	15 286	—	—	15 526
2.ª " "	140	22 178	—	—	22 318
3.ª " "	x	25 942	—	—	25 942
Total	**44 132**	**320 815**	**930**	**5 963**	**371 700**
Dest. Alt. de Santos	1 383	—	—	—	1 383
Total geral	45 515	320 815	930	5 963	373 223

CAFÉS DE OUTROS ESTADOS DESPACHADOS COM DESTINO A SANTOS

Estados Produtores	Julho/ Março	1.ª dezena Abril	2.ª dezena Abril	3.ª dezena Abril	Totais
Paraná	132 332	—	—	x —	132 332
Minas Gerais	302 187	134	1 033	1 670	305 024
Goiás	110 522	x —	x —	x —	110 522
Mato Grosso	7 225	—	—	—	7 225
Espírito Santo	1 850	—	—	—	1 850
Total	554 116	134	1 033	1 670	556 953

x — Incompleto.

MOVIMENTO DO CAFÉ DESTINADO A SANTOS

SAFRA 1954/1955 (Até 30 de Abril de 1955

PAULISTA	Despachado	Liberado	Destino alterado cancelado	A liberar
1.ª dezena julho	791 135	791 135	—	—
2.ª dezena julho	684 403	684 403	—	—
3.ª dezena julho	889 768	889 768	—	—
1.ª dezena agôsto	660 245	660 245	—	—
2.ª dezena agôsto	804 632	804 632	—	—
3.ª dezena agôsto	745 414	745 414	—	—
1.ª dezena setembro	501 839	498 569	1 383	1 887
2.ª dezena setembro	409 399	359 453	500	49 446
3.ª dezena setembro	347 061	12 037	504	334 520
1.ª dezena outubro	142 472	—	—	142 472
2.ª dezena outubro	137 726	—	—	137 726
3.ª dezena outubro	119 991	—	—	119 991
1.ª dezena novembro	77 954	—	113	77 841
2.ª dezena novembro	97 499	—	310	97 189
3.ª dezena novembro	80 145	—	—	80 145
1.ª dezena dezembro	56 354	—	—	56 354
2.ª dezena dezembro	63 091	—	—	63 091
3.ª dezena dezembro	47 229	—	—	47 229
1.ª dezembro janeiro	13 709	—	—	13 709
2.ª dezena janeiro	19 380	—	—	19 380
3.ª dezena janeiro	33 666	—	—	33 666
1.ª dezena fevereiro	18 850	—	—	18 850
2.ª dezena fevereiro	15 123	—	—	15 123
3.ª dezena fevereiro	10 264	—	—	10 264
1.ª dezena março	12 772	—	—	12 772
2.ª dezena março	20 012	—	—	20 012
3.ª dezena março	47 147	—	—	47 147
1.ª dezena abril	20 055	—	—	20 055
2.ª dezena abril	24 772	—	—	24 772
3.ª dezena abril	61 017	—	—	61 017
Total	**6 953 124**	**5 445 656**	**2 810**	**1 504 658**
Despolpado	604	7 596	—	8
Rodoviário	949	134	455	360
Total geral	**6 961 677**	**5 453 386**	**3 265**	**1 505 026**
Outros Estados				
Paraná	132 332	104 761	—	27 571
Minas Gerais	305 024	224 747	—	80 277
Goiás	110 522	85 276	3 570	21 676
Mato Grosso	7 225	4 525	—	2 700
Espírito Santo	1 850	—	—	1 850
Total geral	**556 953**	**419 309**	**3 570**	**134 074**

Destino Alterado — Rio de Janeiro	1 383	
Destino Alterado — Capital	71	
Cancelado	1 356	2 810
Safra 51/52 Apreèndido		1 000
Safra 52/53 Apreendido		12 930

Esta publicação retifica as anteriores.

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

MAIO DE 1955

Sacas de 60 quilos

PORTOS DE EMBARQUES	QUANTIDADE EXPORTADA					TOTAL
	EXTERIOR			Consumo de bordo	Cabotagem	
	Est. Unidos	Outros países	TOTAL			
Santos	228 203	158 781	386 984	392	152	387 528
Rio de Janeiro	38 138	153 361	191 499	2	110	191 611
Paranaguá	10 750	12 212	22 962	3	—	22 965
Vitória	14 575	39 929	54 504	22	47 212	101 738
Angra dos Reis	4 100	—	4 100	—	—	4 100
Salvador	—	5 262	5 262	—	1 986	7 248
Recife	250	9 484	9 734	18	—	9 752
Total	**296 016**	**379 029**	**675 045**	**437**	**49 460**	**724 942**
Janeiro	376 770	406 980	783 750	424	30 155	814 329
Fevereiro	210 097	336 938	547 035	301	12 655	559 991
Março	474 045	407 441	881 486	475	22 390	904 351
Abril	632 734	350 257	982 991	370	37 802	1 021 163
Total de janeiro a maio	1 989 662	1 880 645	3 870 307	2 007	152 462	4 024 776

NOTA: — Foram embarcadas em Vitória 600 sacas via ferroviária e 15 rodoviárias, em Salvador 200 sacas rodoviária.

MOVIMENTO DE CAFÉ EM SANTOS

SAFRA 1954/55

MESES	Paulista	Mineiro	Goiano	Paraná-ense	Mato-gros-sense	Esp. Santo	Total	Embar-ques	Despa-chos	Retirado do estoque	Revertido ao estoque	Encontra-do a + na verif. do estoque	Existência
Julho	195 789	4 122	1 635	500	—	—	202 046	319 501	311 613	53 617	—	89 826	2 366 686
Agôsto	375 929	6 601	4 330	5 200	—	—	392 060	203 284	207 299	59 658	—	—	2 945 804
Setembro	396 964	11 784	13 873	7 078	—	—	429 699	381 079	419 271	1 985	—	—	2 542 439
Outubro	523 791	23 186	3 695	17 449	1 000	—	569 121	360 822	359 243	60 081	—	—	2 690 657
Novembro	575 000	21 072	3 489	14 505	435	—	614 501	810 985	773 970	89 249	—	—	2 404 924
Dezembro	625 014	34 099	18 023	8 832	550	—	686 518	565 101	553 397	101 418	—	—	2 424 923
Janeiro	550 004	27 757	12 041	14 740	1 320	—	605 862	373 280	371 038	861 760	300	—	1 796 045
Fevereiro	659 998	30 198	2 265	11 332	390	—	704 183	250 519	254 597	333 152	—	—	1 916 557
Março	793 301	38 054	13 892	13 168	—	—	858 415	485 339	497 798	422 770	—	—	1 866 863
Abril	757 596	27 874	12 033	11 957	830	—	810 290	648 912	640 115	218 788	—	—	1 809 453
Maio	786 727	36 644	13 646	10 767	—	1 250	849 034	389 881	388 552	43 732	46	—	2 224 920

MOVIMENTO DE CAFÉ NO RIO DE JANEIRO

MAIO DE 1955

DIAS	ENTRADAS									EMBARQUES			Revertidas ao mercado	Retiradas do mercado	Consumo local	Existência
	São Paulo	Minas Gerais	Rio de Janeiro	Esp. Santo	Bahia	Goiás	Paraíba	Pernambuco	Total	Exterior	Cabotagem	Total				
....	—	23 551	—	—	—	—	—	—	23 551	6 750	—	6 750	—	—	—	76 979
....	4 505	13 813	6 289	—	—	—	—	—	24 607	125	—	125	—	—	—	101 461
....	—	22 431	—	—	—	—	—	—	22 431	2 112	—	2 112	—	—	—	121 781
....	—	9 842	—	—	—	—	—	—	9 842	1 699	—	1 699	—	—	—	129 924
....	—	23 330	—	—	—	—	—	—	23 330	6 665	—	6 665	—	—	—	146 589
....	—	—	—	—	—	—	—	—	—	5 259	—	5 259	—	—	—	141 330
....	—	12 703	—	—	—	—	—	—	12 703	—	—	—	—	—	—	154 033
....	—	14 507	—	—	—	—	—	—	14 507	6 140	—	6 140	—	—	—	162 400
....	6 679	3 997	1 152	—	—	500	—	—	12 328	37 906	—	37 906	—	—	—	136 822
....	—	4 435	—	4 430	—	5 593	—	—	13 458	3 750	—	3 750	—	—	—	147 530
....	3 588	3 922	4 010	—	—	—	—	—	11 520	1 473	—	1 473	—	—	—	157 577
....	—	—	—	—	—	—	—	—	—	19 043	—	19 043	—	—	—	138 534
....	—	6 053	151	3 593	—	—	—	—	9 797	1 000	—	1 000	—	—	—	147 331
....	—	5 358	7 666	—	—	—	—	3 594	16 618	—	—	—	—	—	—	163 949
....	3 924	6 131	—	4 231	—	—	—	—	14 286	10 870	110	10 980	—	—	—	167 255
....	8 439	56 580	886	8 103	—	—	—	—	74 008	27 326	—	27 326	314 170 x	73 108	—	454 999
....	—	—	—	—	—	—	—	—	—	12 998	—	12 998	—	—	—	442 001
....	—	34 805	9 144	—	—	—	—	—	43 949	—	—	—	—	—	—	485 950
....	—	24 456	—	6 591	2 475	—	—	3 134	36 656	12 248	—	12 248	—	—	—	510 358
....	—	22 879	4 911	5 587	—	—	—	—	33 377	7 773	—	7 773	—	—	—	535 962
....	—	17 931	—	2 913	—	6 516	—	—	27 360	—	—	—	—	—	—	563 322
....	—	25 948	6 513	12 951	—	—	—	—	45 412	1 931	—	1 931	—	—	—	606 863
....	—	—	—	—	—	—	—	—	—	11 877	—	11 877	—	—	—	594 926
....	—	24 552	488	—	—	5 070	—	—	30 110	8 650	—	8 650	—	—	—	616 386
....	—	26 661	500	22 034	—	—	300	1 150	50 645	5 904		5 904	—	2	22 000	639 125
tal	27 135	383 885	41 710	70 433	2 475	17 679	300	7 878	551 495	191 499	110	191 609	314 170	73 110	22 000	—

Observação : x) De acôrdo com o I. B. C. foram revertidas ao estoque, 314.170 scs., diferença existência entre o Disp. do dia 30 de Abril até esta data.

Entradas e embarques de café no Rio de Janeiro, durante o mês de Maio e safra 1954/55

MESES	Entradas	Embarques
1954		
Julho	330.878	143.707
Agôsto	329.488	180.816
Setembro	333.482	251.615
1.º trimestre	**993.848**	**576.138**
Outubro	314.577	250.823
Novembro	343.804	290.814
Dezembro	340.418	370.338
2.º trimestre	**998.799**	**911.975**
1.º SEMESTRE	**1.992.647**	**1.488.113**
1955		
Janeiro	248.907	244.699
Fevereiro	273.124	177.616
Março	240.814	240.655
3.º trimestre	**762.845**	**662.970**
Abril	200.218	233.752
Maio	551.495	191.609

Embarques de café por países, pelo pôrto do Rio de Janeiro, durante o mês de Maio de 1955

CONTINENTES	PAÍSES	SACAS	TOTAIS
EUROPA	Alemanha	9.703	
	Áustria	2.138	
	Bélgo-Luxemburgo UE.	5.275	
	Dinamarca	6.521	
	Espanha	8.333	
	Finlândia	38.606	
	França	9.129	
	Grã-Bretanha	2.000	
	Grécia	8.505	
	Holanda	551	
	Islandia	350	
	Itália	4.517	
	Iugoslávia	1.000	
	Polônia	4.499	101.127
AMÉRICA DO NORTE	Canadá	250	
	Estados Unidos	38.138	38.388
AMÉRICA DO SUL	Argentina	41.936	
	Chile	1.500	
	Uruguai	2.678	46.114
ÁFRICA	Argéiia	313	
	Marrocos Francês	250	
	Moçambique	60	
	Sudoeste Africano	75	
	Tunísia	125	
	U. S. Africana	3.801	4.624
ÁSIA	Chipre	616	
	Jordânia	378	
	Líbano	167	1.161
OCEANIA	Austrália	85	85
Total para o exterior			191.499
CABOTAGEM	Sul	110	110
Total geral			191.609

— consumo de bordo — 2 scs. —

Relação do café exportado pelo pôrto do Rio de Janeiro, durante o mês de Maio de 1955

DIAS	Europa	América Norte	América Sul	Oceania	África	Ásia	Cabotagem	Total
2	—	6.750	—	—	—	—	—	6.750
3	—	—	125	—	—	—	—	125
4	362	1.750	—	—	—	—	—	2.112
5	550	—	—	—	438	711	—	1.699
6	2.875	2.290	1.500	—	—	—	—	6.665
7	4.859	—	400	—	—	—	—	5.259
10	4.640	1.500	—	—	—	—	—	6.140
11	37.906	—	—	—	—	—	—	37.906
12	—	3.750	—	—	—	—	—	3.750
13	1.473	—	—	—	—	—	—	1.473
14	7.980	2.540	8.273	—	—	250	—	19.043
16	—	1.000	—	—	—	—	—	1.000
18	1.412	9.208	—	—	250	—	110	10.980
20	7.139	6.850	13.337	—	—	—	—	27.326
21	10.248	2.750	—	—	—	—	—	12.998
24	4.130	—	8.118	—	—	—	—	12.248
25	—	—	7.773	—	—	—	—	7.773
27	1.931	—	—	—	—	—	—	1.931
28	8.877	—	3.000	—	—	—	—	11.877
30	2.257	—	2.172	85	3.936	200	—	8.650
31	4.488	—	1.416	—	—	—	—	5.904
Total	**101.127**	**38.388**	**46.114**	**85**	**4.624**	**1.161**	**110**	**191.609**

Entradas de café no mercado do Rio de Janeiro, durante o mês de Maio de 1955

VIAS	PROCEDÊNCIAS								Total
	São Paulo	Minas Gerais	Rio de Janeiro	Espírito Santo	Goiás	Pernambuco	Bahia	Paraíba	
E. F. C. do Brasil	8.429	6.027	—	—	—	—	—	—	14.456
E. F. Leopoldina	—	32.776	8.162	18.140	500	—	—		59.578
Rodoviário	18.706	345.082	33.548	52.293	17.179	7.878	2.475	300	477.461
Totais	**27.135**	**383.885**	**41.710**	**70.433**	**17.679**	**7.878**	**2.475**	**300**	**551.495**

COTAÇÕES DE CAFÉ NO DISPONíVEL EM SANTOS, RIO DE JANEIRO E VITÓRIA

MAIO DE 1955

(Em Cr$ por 10 quilos)

DIAS	SANTOS			RIO	VITÓRIA
	Estilo Santos Tipo 4	Estilo Santos Riado T.4	Sem Descrição Tipo 4	Tipo 7	Tipo 7
2	415,50	405,00	371,50	312,00	215,00
3	416,50	406,50	371,50	312,00	215,00
4	418,50	407,50	371,50	312,00	215,00
5	418,50	408,00	371,50	312,00	215,00
6	418,50	408,00	371,50	312,00	215,00
9	418,00	408,00	371,50	312,00	216,30
10	417,50	408,00	371,50	312,00	216,30
11	416,00	406,50	371,00	312,00	216,70
12	415,50	405,50	371,00	312,00	216,70
13	415,50	405,50	371,00	312,00	217,20
16	414,50	404,50	371,00	312,00	216,00
17	411,50	401,50	368,50	312,00	215,20
18	409,50	401,50	366,50	312,00	215,00
20	402,50	394,50	363,50	308,00	214,60
23	400,50	392,50	363,50	306,00	—
24	400,50	392,50	361,50	306,00	210,00
25	400,50	392,50	361,50	304,00	215,00
26	400,50	392,00	361,50	306,00	215,00
27	400,50	391,50	361,50	302,00	nominal
30	398,50	387,50	361,50	300,00	224,00
31	396,50	385,50	359,50	300,00	222,00
Mínima	**396,50**	**385,50**	**359,50**	**300,00**	**210,00**
Média	**409,79**	**400,21**	**367,30**	**308,95**	**216,05**
Máxima	**418,50**	**408,00**	**371,50**	**312,00**	**224,00**

COTAÇÕES DE CAFÉS BRASILEIROS NO DISPONÍVEL DE NOVA YORK

MAIO DE 1955

(Em cents por libra (pêso) 453,60)

DIA	SANTOS				RIO	
	Tipo 2	Tipo 4	Tipo 2 extra mole	Tipo 4 extra mole	Tipo 4	Tipo 7
2	N/cot.	N/cot.	55.50	54.50	N/cot.	N/cot.
3	"	"	56.50	55.50	"	45.00
4	"	"	56.00	55.00	"	45.00
5	"	"	56.50	55.50	"	45.00
6	"	"	56.00	55.00	"	45.00
9	"	"	56.00	55,00	"	45.00
10	"	"	56.00	55.00	"	45.00
11	"	"	56.00	55.00	"	45.00
12	"	"	56.00	55.00	"	45.00
13	"	"	55.50	54.50	"	45.00
16	"	"	55.00	54.00	"	44.50
17	"	"	54.50	53.50	"	44.00
18	"	"	54.00	53.00	"	43.75
19	"	"	54.00	53.00	"	43.75
20	"	"	54.00	53.00	"	43.75
23	"	"	54.00	53.00	"	43.75
24	"	"	54.00	53.00	"	43.75
25	"	"	54.00	53.00	"	43.00
26	"	"	54.25	53.25	"	43.00
27	"	"	54.25	53.25	"	43.00
31	"	"	54.50	53.50	"	43.00
Mínima	—	—	54.00	53.00	—	43.00
Média	—	—	54.07	55.07	—	44.21
Máxima ...	—	—	56.50	55.50	—	45.00

COTAÇÕES DE CAFÉ A TERMO EM NOVA YORK

Em cents. por libra (pêso) 463,60, Contrato "B"

MAIO DE 1955

DIAS	MAIO - 1956	
	A	B
2	35.00	38.50
3	39.00	39.00
4	39.40	37.20
5	N/cotado	37.00
6	"	37.30
9	37.75	37.90
10	37.60	37.40
11	37.00	38.00
12	37.75	37.75
13	37.90	36.25
16	36.50	36.55
17	35.75	35.70
18	35.50	34.50
19	N/cotado	35.45
20	35.90	35.75
23	N/cotado	36.45
24	"	36.70
25	35.00	35.45
26	36.00	36.00
27	36.50	36.90
31	37.50	36.75
Média	**36.88**	**36.79**
Máxima	**39.40**	**39.00**
Mínima	**35.00**	**34.50**

Café disponível nos portos de exportação do Brasil

1955	Santos	Rio de Janeiro	Vitória	Bahia	Paranaguá	Angra dos Reis	Recife	TOTAL
Janeiro	1 796 045	247 292	150 800	3 650	247 936	13 236	20 584	2 479 542
Fevereiro	1 916 557	243 934	158 369	7 332	274 328	12 640	18 126	2 631 286
Março	1 866 863	94 626	160 388	8 259	176 843	6 205	18 316	2 331 500
Abril	1 809 453	60 178	162 846	8 677	176 765	835	16 126	2 231 880
Maio	2 224 920	639 125	205 482	22 569	129 522	10 161	11 797	3 243 576
Maio 1954	2 233 149	220 366	45 344	18 092	445 485	—	12 828	2 975 264
" 1953	1 962 411	56 041	12 454	6 045	790 122	—	5 488	2 832 561
" 1952	1 690 656	704 011	56 126	8 036	269 702	20 168	11 132	2 759 831
" 1951	1 564 710	585 792	19 001	13 437	399 901	10 119	19 957	2 612 947

COTAÇÕES DE CAFÉS NÃO BRASILEIROS EM NOVA YORK

(Em cents por libra (peso) 453,60) — MAIO de 1955

PROCEDÊNCIA	DIAS				MÉDIA
	4	11	18	25	
COLÔMBIA:					
Medelin Excelso	2) 63 1/2	2) 60 1/2	2) 57 3/4	2) 56 3/4	59 5/8
Armenia	2) 63 1/2	2) 60 1/2	2) 57 3/4	2) 56 3/4	59 5/8
Manizales	2) 63 1/2	2) 60 1/2	2) 57 3/4	2) 56 3/4	59 5/8
COSTA RICA:					
Honduras	2) 60 00	6) 59 1/2	6) 57 1/2	6) 56 00	58 1/4
Atlantic Fino	2) 60 1/2	6) 59 3/4	6) 57 1/4	6) 55 1/2	58 1/4
EQUADOR:					
Lavado	6) 57 00	6) 57 00	6) 52 00	6) 52 00	54 1/2
Extra não lavado	6) 47 00	6) 46 00	6) 43 00	6) 43 00	44 3/4
GUATEMALA:					
Antigua	xx) 61 1/4	xx) 61 3/4	6) 60 00	6) 57 1/2	60 1/8
Extra primeira	xx) 61 00	xx) 61 00	6) 59 1/4	6) 57 00	59 9/16
Lavado bom	xx) 58 1/4	xx) 57 1/2	6) 57 00	N/cot.	57 1/4
Bourbon	xx) 57 1/2	xx) 57 00	6) 56 00	N/cot.	56 53/64
HAITÍ:					
Lavado bom mole	2) 57 00	–) 55 00	–) 55 00	6) 54 00	50 1/4
Catado á mão	2) 52 00	–) 50 1/2	–) 50 00	6) 48 1/2	50 1/4
HONDURAS:					
Lavado bom	2) 57 00	–) 56 00	N/cot.	6) 53 00	57 17/32
Tipo 5 — Comum duro	2) 48 00	–) 46 00	N/cot.	6) 41 00	45 0
MÉXICO:					
Coatepec	2) 58 00	–) 57 1/2	–) 56 1/2	6) 54 1/2	56 5/8
Tapachula primeira	2) 57 3/4	–) 57 1/4	–) 56 1/4	6) 54 00	56 5/16
NICARÁGUA:					
Matagalpa	2) 58 00	xx) 56 1/2	N/cot.	6) 52 3/4	55 3/4
Lavado primeira	2) 57 1/2	xx) 55 3/4	N/cot.	N/cot.	56 5/8
EL SALVADOR:					
Lavado primeira	2) 57 1/2	–) 58 00	–) 56 1/2	6) 53 1/2	56 5/8
S. DOMINGOS:					
Lavado bom mole	2) 56 3/4	6(–) 56 00	–) 55 00	6) 54 00	55 7/16
Fino	2) 57 1/4	6(–) 56 1/2	–) 55 1/2	6) 54 1/2	55 15/16
VENEZUELA:					
Maracaibo	2) 57 1/2	6) 56 1/2	–) 56 1/2	x) 54 1/2	56 1/4
CONGO BELGA:					
Natural robusta	2) 44 00	N/cot.	N/cot.	–) 41 00	41 1/2
MOKA:					
Moka (Arábia)	2) 57 1/2	6) 57 1/2	–) 56 00	–) 56 00	56 3/4
N. E. I.:					
Genuino Java Lavado	2) 68 00	6) 67 1/2	–) 67 1/2	–) 66 00	67 1/4
UGANDA:					
Lavado	2) 36 00	6) 35 00	–) 32 1/2	–) 32 1/2	34 00

INDICAÇÕES:
- 1 — C. & F. - U.S.A. (Nova York)
- 2 — Desembarcado à vista líquido
- 3 — Disponível — Armazens Gerais Nova York
- 4 — F.O.B. Nova York
- 5 — F.O.B. País de Procedência
- 6 — Nominal
- –) — Disponível
- x) — Entrega imediata
- xx) — Prontos Embarques

CÂMBIO EM SÃO PAULO

Médias diárias de **Câmbio Livre**, afixadas pela Bôlsa Oficial de Valores de São Paulo, durante o mês de

MAIO DE 1955

DIAS	Dinamarca	Perú	Áustria	Portugal	Argentina	Espanha	Bélgica	Paraguai	França	Itália
2	—	4,3000	—	2,8008	2,7777	1,9562	—	—	—	0,1350
3	—	—	—	2,8141	2,8000	—	1,5000	—	—	0,1350
4	—	—	—	2,8470	—	2,0002	—	—	0,2350	0,1308
5	8,5335	—	—	2,8396	—	1,9217	1,5000	—	0,2300	0,1312
6	8,7000	4,4000	—	2,8384	2,7501	1,9852	—	—	—	0,1350
7	—	—	—	2,8328	—	—	1,5000	—	—	—
9	—	—	—	2,8500	2,7000	1,9158	—	—	0,2350	—
10	—	—	—	2,8527	2,6596	2,0153	1,6000	1,0000	0,2300	0,1267
11	8,6400	—	—	2,8338	2,6014	1,9954	1,4500	—	0,2300	0,1350
12	8,3000	—	—	2,8423	—	1,9229	1,4698	—	—	0,1350
13	8,0544	4,4000	—	2,8514	2,6500	2,0250	1,5500	—	—	0,1350
14	—	4,4000	—	2,8532	—	—	—	—	—	0,1350
16	8,4800	—	—	2,8352	—	2,0206	1,5500	—	—	0,1350
17	8,1991	—	—	2,8612	2,6500	2,0300	—	—	—	—
18	—	—	—	2,8566	2,5659	1,9279	—	—	0,2251	0,1350
20	9,7000	—	—	2,8495	2,5601	1,9725	1,6333	—	0,2300	—
21	—	—	—	2,8673	2,5500	2,0989	1,5000	—	—	—
23	—	—	—	2,8451	2,5566	1,9976	1,5000	—	—	—
24	—	—	—	2,8672	2,5000	2,0174	1,5500	—	—	—
25	8,3000	—	—	2,8669	2,5500	2,0300	1,6400	—	—	0,1350
26	8,3000	—	—	2,8658	2,5000	1,9843	1,5500	0,9500	—	0,1350
27	—	—	—	2,8644	2,6000	2,0101	—	—	—	0,1350
28	—	—	—	2,8647	—	1,9822	1,3546	—	0,2350	0,1350
30	—	—	—	2,8706	—	2,0300	—	—	—	—
31	8,9992	—	3,2000	2,8659	2,5000	2,0090	1,5500	—	—	0,1350
Média	**8,4732**	**4,3750**	**3,2000**	**2,8494**	**2,6159**	**1,9931**	**1,5248**	**0,9750**	**0,2312**	**0,1340**

CÂMBIO EM SÃO PAULO

Médias diárias de **Câmbio Livre**, afixadas pela Bôlsa Oficial de Valores de **São Paulo**, durante o mês de

MAIO DE 1955

DIAS	Inglaterra	Canadá	Est. Unidos	Venezuela	Uruguai	Colômbia	Alemanha	Holanda	Suíça	Suécia
2	225,1594	—	80,7544	—	—	—	21,0000	20,0000	18,9519	—
3	224,8852	83,5000	81,2353	—	—	—	—	—	19,2666	13,5000
4	226,5231	—	81,5793	—	26,2690	25,0000	—	—	19,1771	12,6130
5	225,0326	82,5000	81,0130	—	25,5000	—	—	—	19,1330	—
6	223,5845	—	80,6829	—	—	—	—	—	19,0000	12,7409
7	224,0277	—	80,0044	—	—	—	—	—	18,9000	—
9	224,0000	—	80,8985	—	26,3300	—	—	—	18,8000	12,0847
10	224,6499	—	80,8880	—	25,8000	—	—	—	19,1071	—
11	224,9846	—	80,9085	28,0000	25,2166	—	—	—	18,9000	—
12	224,5205	82,3000	81,0234	—	26,4900	—	—	—	18,8507	11,9861
13	225,1120	—	81,0347	—	—	—	—	—	18,8987	11,8512
14	225,5000	—	80,4574	—	25,5000	—	—	—	—	12,9961
16	226,6604	82,5000	81,0291	—	—	—	—	—	—	—
17	226,6413	—	81,6118	—	—	—	—	—	19,1000	—
18	226,8261	—	81,7621	—	25,2000	—	—	—	—	11,8767
20	225,5695	—	81,2883	—	25,5649	—	—	—	18,9966	—
21	226,0281	—	81,2400	—	26,5900	—	—	—	19,2765	11,7700
23	227,3507	—	81,6432	—	—	—	—	—	20,0000	—
24	226,3010	—	81,6131	—	26,0000	—	—	—	—	—
25	226,9269	—	81,4196	—	—	—	19,0000	—	19,1000	—
26	226,0235	—	81,5897	—	26,6500	—	—	—	19,2500	13,4000
27	226,1854	—	81,3483	—	25,5000	—	—	—	19,0004	13,5000
28	226,0000	—	81,3571	—	—	—	—	—	19,0381	12,1000
30	223,0000	—	81,6687	—	25,0000	—	—	—	—	—
31	226,0482	—	81,2493	—	25,0000	—	20,5000	—	18,9238	—
Média	**225,5016**	**82,7000**	**81,1720**	**28,0000**	**25,7740**	**25,0000**	**20,1666**	**20,0000**	**19,0835**	**12,5348**

CÂMBIO

1955

MERCADO SOB TAXAS OFICIAIS

Resumo das operações de Câmbio, efetuadas pelos Bancos desta Praça, durante o mês de MAIO

PAÍSES	MOEDAS	COMPRAS	VENDAS
Bélgica	Francos	28.037.740	31.524.146
Dinamarca	Corôas	8.241.627	9.503.653
Estados Unidos	Dolares	6.693.428	7.798.558
França	Francos	725.032.810	887.924.750
Inglaterra	Libras	620.531	647.064
Portugal	Escudos	655	57.747
Suécia	Corôas	6.992.166	9.402.210
Suiça	Francos	45.593	2.529.302

CONVÊNIOS

		COMPRAS	VENDAS
US$	Alemanha	3.115.149	2.956.435
US$	Argentina	1.561.781	1.176.631
US$	Áustria	589.917	639.239
US$	Bolívia	127.003	136.013
US$	Chile	75.519	733.107
US$	Espanha	2.914.784	2.102.572
US$	Finlândia	1.294.028	1.916.724
US$	Grécia	18	16
US$	Holanda	996.077	669.040
US$	Hungria	135.607	199.665
£s/	Islândia	36	8
US$	Itália	1.470.898	1.376.190
US$	Iugoslávia	1.403.690	1.458.391
US$	Japão	2.539.927	2.017.466
US$	Noruega	420.353	558.676
US$	Polônia	1.063.603	1.017.223
US$	Portugal	401.162	669.134
US$	Tchecoslovâquia	737.052	1.276.644
US$	Turquia	87.546	127.135
US$	Uruguai	695.424	76.931

CÂMBIO

1955

Resumo das operações de Câmbio, efetuadas pela Bolsa Oficial de Valôres, durante o mês de MAIO

PAÍSES	MOEDAS		QUANTIDADE
Bélgica	Francos	Cr$	14.876.422
Dinamarca	Corôas	"	38.804.239
Espanha	Pesetas	"	442.591
Estados Unidos	Dolares	"	1.405.384.576
França	Francos	"	69.968.668
Inglaterra	Libras	"	81.404.588
Portugal	Escudos	"	6.263.205
Suécia	Corôas	"	67.953.735
Suiça	Francos	"	19.312.234
Uruguai	Pesos	"	7.530
Total das moêdas			**1.704.417.788**

CONVÊNIOS

US$	Alemanha	Cr$	35.846.595
US$	Argentina	"	5.465.502
US$	Áustria	"	1.551.836
US$	Bolívia	"	1.099.712
US$	Chile	"	5.763.644
US$	Espanha	"	29.294.480
US$	Finlândia	"	10.789.972
US$	Grécia	"	572
US$	Holanda	"	4.312.616
US$	Hungria	"	2.493.659
US$	Itália	"	12.289.557
US$	Iugoslávia	"	14.605.201
US$	Japão	"	17.341.458
US$	Noruega	"	2.208.875
US$	Polônia	"	7.637.774
US$	Portugal	"	1.754.396
US$	Tchecoslováquia	"	12.262.832
US$	Turquia	"	37.264
US$	Uruguai	"	5.839.252
Total dos convênios		Cr$	**170.595.197**

QUADRO COMPARATIVO

Total das operações em Maio de 1954	Cr$	3.006.860.629
Total das operações em Abril de 1955	Cr$	1.242.752.309
Total das operações em Maio de 1955	Cr$	1.875.012.985

CÂMBIO EM SÃO PAULO

Médias diárias de **Câmbio Oficial,** afixadas pela Bôlsa Oficial de Valores de São Paulo, durante o mês

MAIO DE 1955

DIAS	Inglaterra	Est. Unidos	Suiça	Suécia	Dinamarca	Portugal	Bélgica	França
2	52,6960	18,82	4,4268	—	2,7499	—	0,3799	0,0538
3	52,6960	18,82	4,4249	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
4	52,6960	18,82	4,4244	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
5	52,6960	18,82	—	3,6402	2,7499	0,6607	0,3799	0,0538
6	52,6960	18,82	4,4230	3,6402	2,7499	0,6607	0,3799	0,0538
7	52,6960	18,82	—	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
9	—	18,82	—	3,6402	—	—	0,3799	0,0538
10	52,6960	18,82	—	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
11	52,6960	18,82	4,4230	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
12	52,6960	18,82	—	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
13	52,6960	18,82	4,4268	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
14	52,6960	18,82	—	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
16	—	18,82	—	—	2,7499	—	0,3799	0,0538
17	52,6960	18,82	4,4246	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
18	52,6960	18,82	4,4268	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
20	52,6960	18,82	—	3,6402	2,7499	0,6607	0,3799	0,0538
21	—	18,82	—	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
23	52,6960	18,82	—	3,6402	2,7499	—	—	0,0538
24	52,6960	18,82	4,4268	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
25	52,6960	18,82	—	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
26	52,6960	18,82	4,4268	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
27	52,6960	18,82	—	3,6402	2,7499	0,6607	0,3799	0,0538
28	52,6960	18,82	4,4268	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
30	52,6960	18,82	—	—	2,7499	—	0,3799	0,0538
31	52,6960	18,82	4,4239	3,6402	2,7499	0,6607	0,3799	0,0538
Média	**52,6960**	**18,82**	**4,4255**	**3,6402**	**2,7499**	**0,6607**	**0,3799**	**0,0538**

CÂMBIO NO RIO DE JANEIRO SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

I — MERCADO LIVRE — VENDAS À VISTA

MAIO DE 1955

DIAS	Londres	N. York	Suíça	Portugal	Argentina	Uruguai	Suécia	Holanda
	Libra	Dólar	Franco	Escudo	Peso	Peso	Corôa	Florim
2	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.65 07	1.35 20	5.86 29	3.64 02	4.94 97
3	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.65 07	1.35 20	5.85 38	3.64 02	—
4	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.65 07	1.35 20	5.84 47	3.64 02	—
5	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.65 07	1.35 20	5.73 11	3.64 02	—
6	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.65 07	1.35 20	5.74 66	3.64 02	—
7	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.65 07	1.35 20	5.74 66	3.64 02	4.95 15
9	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.65 07	1.35 20	5.74 66	3.64 02	—
10	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.65 07	1.35 20	5.76 42	3.64 02	—
11	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.65 07	1.35 20	5.78 19	3.64 02	4.94 97
12	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.65 07	1.33 57	5.76 42	3.64 02	—
13	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.65 07	1.33 57	5.77 30	3.64 02	4.94 97
14	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.65 07	1.34 52	5.79 08	3.64 02	—
16	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.65 07	1.34 52	5.79 08	3.64 02	—
17	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.65 07	1.35 10	5.77 74	3.64 02	—
18	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.65 07	1.35 10	5.77 30	3.64 02	—
19	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.65 07	1.35 23	5.77 30	3.64 02	4.95 15
20	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.65 07	1.35 23	5.69 44	3.64 02	—
21	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.65 07	1.35 23	5.76 42	3.64 02	—
23	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.65 07	1.35 23	5.76 42	3.64 02	—
24	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.65 07	1.35 23	5.77 30	3.64 02	—
25	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.65 07	1.35 23	5.77 30	3.64 02	—
26	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.65 07	1.35 23	5.78 19	3.64 02	—
27	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.65 07	1.35 23	5.79 08	3.64 02	4.94 97
28	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.65 07	1.35 23	5.78 63	3.64 02	4.94 97
30	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.65 07	1.35 23	5.78 63	3.64 02	—
31	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.65 07	1.35 23	5.79 68	3.64 02	4.94 97
Média	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.65 07	1.35 03	5.77 81	3.64 02	4.95 01

CÂMBIO NO RIO DE JANEIRO SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

II — MERCADO LIVRE — COMPRAS À VISTA

MAIO DE 1955

DIAS	Londres	N. York	Suiça	Portugal	Argentina	Uruguai	Chile	Holanda
	Libra	Dólar	Franco	Escudo	Peso	Peso	Peso	Florim
2	51.40 80	18.36 00	4.28 34	0.63 28	1.31 61	5.64 06	3.55 13	4.82 87
3	51.40 80	18.36 00	4.28 34	0.63 28	1.31 61	5.63 19	3.55 13	—
4	51.40 80	18.36 00	4.28 34	0.63 28	1.31 61	5.62 33	3.55 13	—
5	51.40 80	18.36 00	4.28 34	0.63 28	1.31 61	5.61 06	3.55 13	—
6	51.40 80	18.36 00	4.28 34	0.63 28	1.31 61	5.53 01	3.55 13	—
7	51.40 80	18.36 00	4.28 34	0.63 28	1.31 61	5.53 01	3.55 13	4.89 05
9	51.40 80	18.36 00	4.28 34	0.63 28	1.31 61	5.53 01	3.55 13	—
10	51.40 80	18.36 00	4.28 34	0.63 28	1.31 61	5.54 68	3.55 13	—
11	51.40 80	18.36 00	4.28 34	0.63 28	1.31 61	5.56 36	3.55 13	4.82 47
12	51.40 80	18.36 00	4.28 34	0.63 28	1.30 03	5.54 68	3.55 13	—
13	51.40 80	18.36 00	4.28 34	0.63 28	1.30 03	5.55 52	3.55 13	4.82 87
14	51.40 80	18.36 00	4.28 34	0.63 28	1.30 96	5.57 21	3.55 13	—
16	51.40 80	18.36 00	4.28 34	0.63 28	1.30 96	5.57 21	3.55 13	—
17	51.40 80	18.36 00	4.28 34	0.63 28	1.31 52	5.55 94	3.55 13	—
18	51.40 80	18.36 00	4.28 34	0.63 28	1.31 52	5.55 52	3.55 13	—
19	51.40 80	18.36 00	4.28 34	0.63 28	1.31 64	5.55 52	3.55 13	4.83 05
20	51.40 80	18.36 00	4.28 34	0.63 28	1.31 64	5.48 06	3.55 13	—
21	51.40 80	18.36 00	4.28 34	0.63 28	1.31 64	5.54 68	3.55 13	—
23	51.40 80	18.36 00	4.28 34	0.63 28	1.31 64	5.54 68	3.55 13	—
24	51.40 80	18.36 00	4.28 34	0.63 28	1.31 64	5.55 52	3.55 13	—
25	51.40 80	18.36 00	4.28 34	0.63 28	1.31 64	5.55 52	3.55 13	—
26	51.40 80	18.36 00	4.28 34	0.63 28	1.31 64	5.56 36	3.55 13	—
27	51.40 80	18.36 00	4.28 34	0.63 28	1.31 64	5.57 21	3.55 13	4.82 87
28	51.40 80	18.36 00	4.28 34	0.63 28	1.31 64	5.55 79	3.55 13	4.82 87
30	51.40 80	18.36 00	4.28 34	0.63 28	1.31 64	5.55 79	3.55 13	—
31	51.40 80	18.36 00	4.28 34	0.63 28	1.31 64	5.57 21	3.55 13	4,82 87
Média	51.40 80	18.36 00	4.28 34	0.63 28	1.31 49	5.56 27	3.55 13	4.83 61

ÍNDICE

COLABORAÇÃO:

RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:

ESTATÍSTICAS:

BALANCETE DA RECEITA E DESPESA DO PATRIMÔNIO DO INSTITUTO DE CAFÉ DO ESTADO DE SÃO PAULO EM 30 DE JUNHO DE 1955

RECEITA

	Cr$	Cr$	Cr$
RECEITA ORÇAMENTÁRIA			
Ordinária :			
Tributária	24.867.058,70		
Patrimonial	20.301.498,70		
Industrial	18.500,00	45.187.057,40	
Extraordinária :			
Diversos		3.535.252,60	48.722.310,00
A DEDUZIR			
Contas do Exercício a Receber			8.437.342,80
			40.284.967,20
RECEITA EXTRAORÇAMENTÁRIA			
Depósitos		711.582,80	
Diversos		1.854.200,50	2.565.783,30
SALDOS DO EXERCÍCIO ANTERIOR			
Em Caixa		139.925,40	
Em Bancos		43.263.650,80	43.403.576,20
			86.254.326,70

DESPESA

	Cr$	Cr$
DESPESA ORÇAMENTÁRIA		
Serviço da Dívida Externa	5.757.677,70	
Encargos Diversos	4.086.295,10	
Administração	2.516.664,60	12.360.637,40
A DEDUZIR		
Contas do Exercício a Pagar		340.609,30
		12.020.028,10
DESPESA EXTRAORÇAMENTÁRIA		
Restos a Pagar — 1951	8.604,00	
Restos a Pagar — 1952	49.313,00	
Restos a Pagar — 1953	447.267,40	
Restos a Pagar — 1954	9.923.178,80	
Depósitos	7.000,00	
Diversos	2.371.046,40	12.806.409,60
SALDOS PARA O MÊS SEGUINTE		
Em Caixa	151.118,10	
Em Bancos	61.276.770,90	61.427.889,00
		86.254.326,70

DEPARTAMENTO DE CONTABILIDADE, 30 DE JUNHO DE 1955

WALDEMAR CAMARGO ABREU
Chefe do Departamento de Contabilidade
Substituto
G. Livros — C. R. C. — Sp. n.º 5159

ALBERTO DE BARROS RANGEL
Auditor da Secretaria da Fazenda
C. R. C. Sp. n.º 4.939

Visto :
MILTON DE AZEVEDO NOGUEIRA
Gerente-Substituto

BALANCETE DA RECEITA E DESPESA DO PATRIMÔNIO DO INSTITUTO DO CAFÉ DO ESTADO DE SÃO PAULO EM 31 DE MAIO DE 1955

RECEITA	Cr$	Cr$	Cr$
RECEITA ORÇAMENTÁRIA			
Ordinária :			
Tributária	20.623.710,60		
Patrimonial	19.411.848,10		
Industrial	13.950,00	40.049.508,70	
Extraordinária :			
Diversos		3.367.989,10	43.417.497,80
A DEDUZIR			
Contas do Exercício a Receber			9.215.121,20
			34.202.376,60
RECEITA EXTRAORÇAMENTÁRIA			
Depósitos		634.025,20	
Diversos		1.770.950,50	2.404.975,70
SALDOS DO EXERCÍCIO ANTERIOR			
Em Caixa		139.925,40	
Em Bancos		43.263.650,80	43.403.576,20
			80.010.928,50

DESPESA	Cr$	Cr$
DESPESA ORÇAMENTÁRIA		
Serviço da Dívida Externa	5.757.677,70	
Encargos Diversos	1.766.044,80	
Administração	2.357.755,50	8.881.478,00
A DEDUZIR		
Contas do Exercício a Pagar		388.984,30
		9.492.493,70
DESPESA EXTRAORÇAMENTÁRIA		
Restos a Pagar — 1951	8.604,00	
Restos a Pagar — 1952	49.313,00	
Restos a Pagar — 1953	431.647,70	
Restos a Pagar — 1954	9.678.218,00	
Depósitos	5.000,00	
Diversos	1.934.773,80	12.107.556,50
SALDOS PARA O MÊS SEGUINTE		
Em Caixa	135.161,90	
Em Bancos	58.275.716,40	58.410.878,30
		80.010.928,50

DEPARTAMENTO DE CONTABILIDADE, 30 DE MAIO DE 1955

WALDEMAR CAMARGO ABREU
Chefe do Departamento de Contabilidade
Substituto
G. Livros — C. R. C. — Sp. n.º 5159

ALBERTO DE BARROS RANGEL
Auditor da Secretaria da Fazenda
C. R. C. Sp. n.º 4.939

Visto:
MILTON DE AZEVEDO NOGUEIRA
Gerente-Substituto

CÂMBIO EM NOVA YORK SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

MAIO DE 1955

(Valor das diversas moedas em dólar)

DIAS	Londres £	Montreal $.	R. Janeiro Cr$	B. Aires peso	Montevidéo peso	Paris franco	Berna franco	Stockolmo corôa	Madrid peseta	Lisbôa escudo	Bélgica franco	Amsterdan guilder
2	2,80 00	1,01 7/16	0,01 26	0,07 23	0,31 12	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 7/16	0,26 32
3	2,80 00	1,01 1/4	0,01 25	0,07 23	0,31 00	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 3/8	0,26 32
4	2,80 1/16	1,01 9/32	0,01 25	0,07 23	0,31 00	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 3/8	0,26 32
5	2,79 15/16	1,01 7/32	0,01 28	0,07 23	0,31 00	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 7/8	0,26 32
6	2,79 15/16	1,01 1/4	0,01 26	0,07 23	0,30 75	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 3/4	0,26 33
9	2,79 15/16	1,01 9/32	0,01 26	0,07 23	0,30 62	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 3/4	0,26 33
10	2,79 7/8	1,01 3/8	0,01 26	0,07 23	0,30 75	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 3/8	0,26 32
11	2,79 11/16	1,01 13/32	0,01 26	0,07 23	0,30 75	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 1/4	0,26 32
12	2,79 11/16	1,01 9/16	0,01 26	0,07 23	0,30 75	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 3/4	0,26 32
13	2,79 13/16	1,01 9/16	0,01 26	0,07 23	0,30 75	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 7/8	0,26 32
16	2,79 7/8	1,01 7/16	0,01 26	0,07 23	0,30 75	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 3/4	0,26 32
17	2,79 11/16	1,01 15/32	0,01 26	0,07 23	0,30 50	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 00	0,26 32
18	2,79 5/8	1,01 15/32	0,01 26	0,07 23	0,30 75	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 1/4	0,26 33
19	2,79 1/2	1,01 17/32	0,01 26	0,07 23	0,30 75	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 3/4	0,26 33
20	2,79 1/8	1,01 1/2	0,01 25	0,07 23	0,30 37	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 1/4	0,26 33
23	2,79 3/8	1,01 17/32	0,01 25	0,07 23	0,30 50	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 1/8	0,26 33
24	2,79 13/32	1,01 9/16	0,01 25	0,07 23	0,30 50	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 1/8	0,26 33
25	2,79 3/8	1,01 23/32	0,01 25	0,07 23	0,30 75	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 3/4	0,26 33
26	2,79 3/8	1,01 21/32	0,01 25	0,07 23	0,30 75	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 5/8	0,26 32
27	2,79 7/16	1,01 11/16	0,01 25	0,07 23	0,30 75	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 3/4	0,26 32
31	2,79 5/16	1,01 11/16	0,01 25	0,07 23	0,30 75	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 7/8	0,26 32
Média....	**2,79 43/64**	**1,01 15/32**	**0,01 26**	**0,07 23**	**0,30 74**	**0,0028 5/8**	**0,23 34**	**0,19 34**	**0,02 36**	**0,03 50**	**0,0199 3/16**	**0;26 32**

CÂMBIO

1955

MERCADO SOB TAXAS LIVRES

Resumo das operações de Câmbio, efetuadas pelos Bancos desta Praça, durante o mês de MAIO

PAÍSES	MOEDAS	COMPRAS	VENDAS
Alemanha	Marco	600	460
Argentina	Peso	102.656	60.927
Áustria	Shelling	500	500
Bélgica	Franco	1.599.954	3.420.540
Bolívia	Boliviano	10	—
Canadá	Dollar	7.294	926
Chile	Peso	10.000	—
Colômbia	Peso	4	6
Dinamarca	Corôa	418.262	294.709
Espanha	Peseta	233.163	468.502
Estados Unidos	Dollar	10.577.561	10.688.418
França	Franco	16.217.806	17.032.663
Inglaterra	Libra	129.099	182.638
Itália	Lira	669.750	760.320
Paraguai	Guaraní	19.720	11.130
Peru	Sol	10	2.305
Portugal	Escudo	2.886.621	3.107.177
Suécia	Corôa	985.326	1.061.729
Suiça	Franco	2.243.138	353.189
Uruguai	Peso	1.025	4.463
Venezuela	Bolivar	80	80

CONVÊNIOS

		COMPRAS	VENDAS
US$	Alemanha	187.381	158.492
US$	Argentina	38.591	78.192
US$	Áustria	27.911	140
US$	Chile	7.722	37
US$	Espanha	23.751	12.585
US$	Finlândia	4.805	3.143
US$	Grécia	5.165	2.175
US$	Holanda	2.998	653
US$	Hungria	15.081	15.081
US$	Islândia	16	—
US$	Itália	16.933	49.377
US$	Iugoslávia	4.643	4.632
US$	Japão	75.771	62.875
US$	Noruega	18.135	8
US$	Polônia	8.017	5.933
US$	Portugal	20	—
US$	Tchecoslováquia	57.107	194
US$	Turquia	1.041	975
US$	Uruguai	581	572

CAFÉ
SANTOS
DE
CONSUMO
MUNDIAL